O Ministério do Turismo e a Casa do Bom Menino de Arapongas
apresentam:

De Corpo e Alma

Volume I - Juntando as Peças

12/11/2020 23:16:54

ultima edit2.indd 4-5

“A educação não pode ser delegada somente à escola.
Aluno é transitório. Filho é para sempre.”
Içami Tiba

Dedicatòria

Este livro é dedicado a todos os pais, pela divina missão de criar e educar seus filhos.

Obrigado.

12/11/2020 23:16:54

ultima edit2.indd 6-7

De Corpo e Alma

Volume I - Juntando as Peças

Projeto – Professora

Andressa de Oliveira Fante Reis

Colaboração – Professoras

Bruna Aparecida de Andrade da Silva

Marcela Ribeiro Lacerda

Millena Giovana Batista

Capa e Ilustrador Gráfico

Rafael dos Santos Calizotti

Supervisora de Arte

Renata Soares de Freitas

Supervisão Gráfica

Claudinei A. Fernandes

Revisão Historiográfica

Pedro Alberto Tazawa Delmont Pais

Revisão de Texto

Vanderlei de Souza

Diagramação

Iago Melo

12/11/2020 23:16:54

Casa do Bom Menino de Arapongas – Projeto Crescer

Presidente: Paulo Hermínio Pennacchi

Conselho Fiscal/Coord. Estratégica:

Maria Cleide Zanin Pennacchi

Secretário: Luiz Antônio Sartório

Tesoureiro: Reginaldo Giroldo

Diretora: Marisa Padovezi Ferreira Bazana

Coordenadora Pedagógica: Aline de Oliveira

Supervisora Pedagógica: Patrícia Suelen Barroso

Metodologia e Formação Continuada:

Andressa de Oliveira Fante Reis

Arapongas, PR

Novembro de 2020

Impressão e acabamento: Idealiza Gráfica e Editora Ltda.

Tel: (43) 3373-7876

sac@idealizagraf.com.br

ultima edit2.indd 8-9

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, foto-copiado, gravado ou outro, sem autorização prévia por escrito dos autores. Os infratores serão processados na forma da lei.

Todos os direitos reservados à Casa do Bom Menino de Arapongas.

Arapongas – PR, 2020.

12/11/2020 23:16:54

ultima edit2.indd 10-11

Agradecimento

Pela paixão e competência, mais um trabalho desafiador foi realizado. Um livro com uma história rica de conteúdo e emoção, projeto desenvolvido por uma liderança entusiasta, profissional e sonhadora, que reuniu ideias de aproximadamente 150 alunos, organizadas por professoras da língua portuguesa, uma supervisora de arte, alunos desenhistas, um ex-aluno como ilustrador gráfico, revisor historiográfico e revisor de texto.

Os alunos desenvolveram as ideias sozinhos, fora do projeto, durante o período do afastamento social do Projeto Crescer em tempos de pandemia pelo coronavírus. Foi um trabalho inovador, onde as crianças colaboraram com a escrita do livro via WhatsApp ou com tarefas escritas realizadas em casa e trazidas até o Projeto.

Um time focado, que acreditou e construiu um grande trabalho, legado incentivador para os alunos que virão nos próximos anos.

Nosso agradecimento a todo grupo envolvido, que não mediu esforços para a realização deste primeiro volume chamado Juntando as Peças, da trilogia De Corpo e Alma.

12/11/2020 23:16:54

Gratidão especial a todos os patrocinadores através da Lei de Incentivo à Cultura no ano de 2020. Como sempre, pessoas que conhecem a transparência e respeitam o trabalho da instituição, que tem como missão edificar pessoas, chamada Casa do Bom Menino de Arapongas.

.....

Boa Leitura!

ultima edit2.indd 12-13

Prefácio

Escrever um livro não é tarefa fácil. Escrever um romance a várias mãos, num processo coletivo bem articulado, é tarefa mais complicada ainda. E o que dizer de fazer tudo isso em meio a uma pandemia, com tudo o que ela significou e vem significando para milhões de pessoas em todo o mundo? Pois foi nesse contexto que surgiu o desafio de dar vida a "Juntando as Peças", primeiro volume da trilogia "De Corpo e Alma".

Não é o primeiro livro que, a convite dos professores e da direção, os alunos do Projeto Crescer produziram. Em anos anteriores, já foram publicados volumes de poesia geral, sonetos e fábulas. Agora, porém, a proposta foi muito mais ousada. Comunicando-se à distância, geralmente através do WhatsApp, eles foram urdindo a trama com todo o cuidado e toda a dedicação que é preciso ter para se contar uma grande história. Foi assim que nasceu Helena, sua família e seus amigos, em uma Polônia do pós-guerra. Assim como o país, Helena e demais personagens não escondem as cicatrizes deixadas pelo conflito, nem a necessidade de superação para construir uma nova história.

12/11/2020 23:16:54

Há várias leituras possíveis para "Juntando as Peças". Poderíamos falar sobre as marcas deixadas pela guerra em uma geração que vivenciou os seus horrores e, mesmo com esforço, não consegue deixar de transmitir parte desse sofrimento aos filhos e netos. Poderíamos traçar um paralelo entre a guerra e a pandemia, que a seu modo também é uma forma de conflito, colocando um país contra o outro, correntes políticas disputando entre si a primazia da verdade e até a comunidade científica fragmentada entre várias teorias. Outra leitura possível é a que nos remete à textura psicológica dos personagens, a maneira como cada um dos envolvidos na trama reage às coisas do mundo e ao mundo das coisas.

Mas há uma leitura que parece inevitável, sobretudo quando se tem em primeiro plano a missão do Projeto Crescer. Trata-se de um paralelo entre o mundo vivido pela protagonista e demais personagens naquela época e o que se vê nos tempos atuais. Helena tem um amor inquestionável pelos avós e demais familiares. A própria história tem como principal fio condutor a busca incansável pelo pai, que deixou a família a fim de participar da guerra e não voltou mais. A vida diária de Helena e seus amigos demonstra valores como amor familiar, respeito, gratidão e valorização das coisas que cada um tem, em oposição ao que comumente se constata hoje, num mundo em que coisas, relacionamentos e até pessoas parecem se tornar cada vez mais descartáveis.

O mundo de Helena e seus amigos é feito de buscas mais complexas. Querem respostas para questionamentos sobre a vida e a morte, sobre a ausência de um ente querido que se afastou de for-

ultima edit2.indd 14-15

ma momentânea ou definitiva. Nada que se compare com a busca de bens materiais ou com as concessões de um mundo permissivo, que hoje oferece o prazer de forma rápida e que deixa um vazio só resolvido por outros prazeres, numa dependência que muitas vezes acaba sendo destrutiva.

O livro se torna, assim, um ponto de encontro onde pais e filhos podem, de fato, juntar as peças. Por um lado, mostrando como era a educação nas décadas passadas, a formação dos filhos, com pessoas mais respeitosas, mais dispostas ao diálogo e com a sensibilidade de valorizar uma simples sobremesa feita com carinho, uma palavra de conforto ou um abraço. Por outro lado, mesmo num cenário pós-guerra, mostrando que os principais conflitos acontecem dentro de cada um de nós, na medida em que não conseguimos encontrar respostas para nossas angústias e nossos sofrimentos. E a história mostra também, de forma bem clara, a importância da família como caminho para a solução de muitos desses conflitos.

Edificar pessoas é a missão do Projeto Crescer. Para além das obras de construção e reforma de prédio, para além da aquisição de equipamentos e das melhorias estruturais, está a preocupação com o melhor conteúdo diário, com o ensinamento que liberta, que abre novos horizontes, que permite a cada um usar da melhor maneira possível a sua potencialidade. O próprio livro que você tem em mãos é uma prova do que as nossas crianças e jovens, quando estimulados na direção correta, conseguem fazer.

Nossos agradecimentos aos patrocinadores, indispensáveis na tarefa de tornar tudo isso possível, aos professores, pais e, prin-

12/11/2020 23:16:54

cipalmente, aos alunos. Com esse livro, vocês mais uma vez se abrem para o mundo!

Paulo Hermínio Pennacchi

Presidente da Casa do Bom Menino de Arapongas

ultima edit2.indd 16-17

Apresentação

Escrita e leitura: substantivos simplesmente abstratos, mas capazes de uma atuação na construção de conhecimentos e o desenvolvimento de transformações na vida do ser humano, este que se encontra em constante e instantânea mudança, bem como a educação, que se inova e acaba se adaptando de acordo com a demanda imposta pela sociedade.

Sendo assim, por meio das duas habilidades mencionadas, o Projeto Crescer, com o apoio dos seus patrocinadores, desenvolve anualmente a produção de um livro, a fim de propiciar ao aluno reflexões e ideias pautadas na problematização da realidade, com uma perspectiva crítica e fortemente literária, em que é possível viajar de um continente ao outro, ao virar a página, criando então um novo mundo dentro dele.

No ano de 2020, o gênero textual selecionado foi a aventura. Esse estilo clássico de literatura infanto-juvenil é encantador e apaixonante. O intuito deste livro é conceber um estímulo psicológico, envolvendo diversos fatores positivos que revelam ensinamentos por meio das experiências proporcionadas por esse universo

12/11/2020 23:16:54

aventuresco.

Sendo assim, cada verso se tornou contagiante e desafiador, salientando os valores de um contexto histórico que possui ínfimo apreço diante do drama vivenciado pelo povo polonês.

Esse aspecto é confirmado com a apreciação de cada ilustração que permite leituras sensoriais de cada detalhe que foi retratado minuciosamente. Cada trecho conquistará o leitor e o induzirá a sair de um espaço real e mergulhar na ficção.

Desta maneira, visto que a educação no ano de 2020 foi amplamente afetada devido à pandemia da Covid-19, as produções aconteceram totalmente de maneira remota, sem que houvesse a necessidade de as crianças virem até o estabelecimento de ensino. Além disso, diferentemente do livro anterior, neste ano, o Projeto Crescer contou com uma oficina voltada somente para a produção de textos. Assim, a elaboração do conteúdo ficou ainda mais compreensível, já que essa atitude fez com que as crianças aprendessem sobre os gêneros textuais que as embalam, manifestando ainda mais o anseio pelo ato de escrever e ler, ainda mais em se tratando de um produto que elas mesmas produziram.

Nessa linha, os alunos foram envolvidos por meio de ligações e mensagens. Logo em seguida, após aceitarem o convite, as docentes utilizaram como ferramenta de comunicação comum o WhatsApp. Deste modo, esse grandioso trabalho aconteceu de forma linear, isto é, após todos os alunos de uma determinada turma entregarem as suas produções, as professoras colhiam as informações interessantes em cada texto e elaboravam a essência dos capí-

ultima edit2.indd 18-19

tulos.

É importante frisar que, mesmo em um momento tão inimaginável, a produção do livro aconteceu de forma mais que satisfatória perpassando as atribuições que esse ano atípico causara.

Portanto, investir no conhecimento do mundo da leitura e da escrita é capacitar o mundo com cidadãos críticos e pensantes, preocupados com o futuro da aprendizagem.

Superação é a palavra que define esse momento.

12/11/2020 23:16:54

Sumário

Dedicatória.....5
Agradecimento.....11
Prefácio.....13
Apresentação.....17
1. O atraso.....24
2. História de um espião.....35
3. Árvore genealógica.....47
4. Desabafo.....58
5. Entre mãe e filha.....65
6. Fila do vale-açúcar.....76
7. A partida.....86
8. Olhar de descoberta.....97
9. Cômodo mal-assombrado.....109
10. Busca pela chave secreta.....118
11. A tentativa.....126
12. Baú secreto.....137
13. Desvendando mistérios.....148
14. Lembranças.....163
15. Lâmpada mágica.....177
16. O poder das energias.....189
17. Retrospectiva.....201

ultima edit2.indd 20-21

18. Despedida inesperada.....217
19. Gangorra de emoções.....229
20. Bagagens.....245
21. Viagem da felicidade.....260
22. A todo vapor.....273
23. Festa à fantasia.....294
24. Aventura inesquecível.....308
Participação dos alunos.....324
Patrocinadores.....331

12/11/2020 23:16:54

ultima edit2.indd 22-23

De Corpo e Alma

Volume I - Juntando as Peças



12/11/2020 23:16:54

1

O Atraso

ultima edit2.indd 24-25

Bolo de maçã, broa com erva-doce, ovos cozidos, pepinos em conserva, queijo, geleia de morango chá de frutas e leite quentinho tirado há pouco pelo meu avô. Essas eram as delícias preparadas todos os dias pela minha avó materna, dona Aurora, para compor o banquete matinal de nossa família.

Ainda muito sonolenta, mas faminta, dirigi-me à mesa para desfrutar de todas aquelas gostosuras. Estava prestes a dar um gole, mas fui interrompida por um grito de desespero:

— HELENAAAAAAA!

Imaginei que o nosso sítio estivesse pegando fogo ou que as ovelhinhas haviam escapado do curral, e que Theo, na tentativa de salvar o pequeno rebanho, tivesse quebrado a tíbia da perna direita.

— Olha a hora, menina! Você está atrasada, sua aula começa em poucos minutos! Exclamou "sutilmente" minha mãe.

Aquele delicado grito de minha mãe foi o suficiente para que eu derramasse todo o leite da xícara em minha roupa favorita: um macacão antigo, um tanto gasto, que eu utilizava na maior parte do tempo dentro de casa, mas que por vezes adorava ir à escola com ele, devido ao seu aspecto despojado e aventureiro. Sua estampa era camuflada e seus bolsos bem largos, que na verdade eram para disfarçar os remendos feitos cuidadosamente por minha avó, durante pelo menos cinco anos. Não era comum ver uma moça com este tipo de vestimenta, pois as mulheres daqui são acostumadas com saias e vestidos longos, acredito que seja por uma questão de respeito. Vovó dizia que a roupa usada por uma menina transmitia a sua essência e o seu caráter.

12/11/2020 23:16:54

Levantei-me da mesa com fome e toda molhada. Corri para o meu quarto, deixando pinguinhos de leite por onde eu passava, peguei a primeira peça de roupa que encontrei: uma bermuda jeans bem surradinha, como quase todas as que tenho no armário. Vovó costuma dizer que as coisas precisam ser consertadas e raramente substituídas.

Passei pelo longo corredor com assoalhos de madeira, bem antigos, que faziam muito barulho a cada passo que eu dava. Peguei atrás da porta minha mochila de lona azul marinho, com bolsos secretos, fivelas douradas e emblemas bordados dos países que quero conhecer. Segui então até a varanda para buscar minha bicicleta, uma linda Ceci vermelha, com fitinhas coloridas e brilhantes, além de uma buzina estrondosa, uma maneira de avisar quando estou chegando. Mas, nem sempre ela foi assim, pois antes de ser minha, era de Theodor, meu irmão, e foi reformada pelo querido vovô Wicenty, com o intuito de que eu a utilizasse sempre que estivesse atrasada ou quando não quisesse ir de ônibus para a escola.

Preocupada com o horário, subi rapidamente na bicicleta, mas fui obrigada a descer instantaneamente, mais rápido que subi, pois para completar a cômica tragédia, minha bermuda descosturou quando levantei a perna direita.

— Aff! Acho que hoje o universo decidiu conspirar contra mim.

Se eu voltasse para trocar de roupa, mais uma vez, provavelmente não me deixariam entrar na escola, pois ultrapassaria o tempo de tolerância. Olhei em volta e avistei uma camisa xadrez

ultima edit2.indd 26-27

de meu irmão, ainda úmida que estava a secar, puxei-a do varal, amarrei em minha cintura e não perdi mais tempo.

As pedaladas pareciam infinitas, a sensação era de que eu estava sempre no mesmo lugar e que a distância só aumentava. Os pedregulhos pareciam cada vez mais soltos e os pneus da bicicleta dançavam para lá e para cá. A corrida contra o tempo se tornava o meu maior desafio. Contudo, no meio dessa agitação toda, não me contive e dei-me uma trégua quando avistei uma linda plantação de papoulas vermelhas. Parei, desci da bicicleta, colhi as mais bonitas para a professora e coloquei-as na cestinha. Afinal, alguns minutinhos a mais não fariam diferença para quem já estava atrasada, e quem sabe assim ela me perdoaria pelo atraso.

Nesse instante, uma presença canina inesperada me encantou. Dono de um olhar dócil e amigável, veio todo brincalhão a meus pés, sujando meu coturno com suas patas enlameadas. Eu poderia ficar ali e brincar com ele por toda a manhã, mas a realidade me chamava. Tive que pedalar ainda mais depressa, pois só assim seria possível compensar o tempo em que fiquei distraída.

Aquele cãozinho, bravamente, me acompanhou durante todo o caminho, por isso, ao chegarmos à escola, o pobrezinho estava ofegante, olhava em meus olhos fixamente como se implorasse por companhia. Eu não poderia abandoná-lo tão distante de onde o encontrei, seria muita crueldade. Além disso, ele deveria estar com sede e fome, após tanto correr.

Seus pelos eram pretos, com tons variados de caramelo, o olho direito era azul, enquanto o esquerdo era verde, acho que o

12/11/2020 23:16:54

cachorro mais diferente daquelas redondezas, e como ele não tinha coleira, resolvi dar-lhe o nome de Scooby, pelo menos enquanto estivesse comigo.

— Francamente, que manhã inusitada!

Abri a minha mochila, coloquei o Scooby dentro dela, porque assim poderia alimentá-lo e, na volta para a casa, eu o deixaria no mesmo lugar. Supliquei que ele se comportasse, caso contrário, eu seria punida, pois a professora Alicja, apesar de meiga e gentil, seguia as regras fielmente, e os animais eram terminantemente proibidos em um ambiente escolar, já que o diretor acreditava que poderiam causar agitação e tirar a concentração dos alunos.

Fui em direção a minha sala, no corredor escutei a professora realizando a chamada e só a interromperia no momento em que ela chamasse por mim. Chegada minha vez, Pedro, muito intrometido, falou rapidamente:

— Ainda bem que ela não veio.

A professora o repreendeu por esse comentário mal-educado e completou:

— A Helena mora longe, muitas vezes vem de bicicleta, ela pode apenas estar atrasada.

— Mas, professora, em se tratando de Helena, isso é de se esperar. – Disse Anna, com muito deboche.

Aproveitei a oportunidade e encorajei-me, girei o trinco, empurrei a porta, e rapidamente todos estavam me olhando. Meu rosto queimava de vergonha.

ultima edit2.indd 28-29

— Com licença, professora, desculpe-me pelo atraso. Prometo que serei mais pontual de agora em diante. Trouxe-lhes essas lindas papoulas vermelhas para alegrar o seu dia!

A professora agradeceu com um belo sorriso e pediu que eu fosse para a minha carteira, abrisse a mochila e pegasse o estojo para realizar a atividade que seria proposta. Novamente, eu estava em uma enrascada! Como poderia abrir minha mochila com um cachorro lá dentro? Ele poderia se assustar e começar a latir. Não vi outra opção a não ser inventar uma desculpa. Eu detesto mentiras, ainda mais mentir para a professora, que é sempre tão carinhosa e amável comigo, mas seria por uma boa causa.

— Infelizmente eu esqueci o estojo em casa. Fiz a tarefa ontem à noite e esqueci de guardá-lo dentro da mochila. E hoje pela manhã tudo deu errado. Acordei mais tarde que de costume, derramei leite em meu macacão, troquei de roupa, minha bermuda descosturou e tive que amarrar essa camisa em minha cintura, no caminho eu encontrei um... Ah, deixa pra lá! O fato é que estou sem meu estojo.

A professora me orientou para que isso não voltasse a acontecer. Nisso Benjamin, um menino muito gentil, que sentava na carteira ao lado, chamou a minha atenção com um leve assovio, e me emprestou alguns lápis. Fiquei muito agradecida e lhe retribuí com um sorriso.

A professora pegou alguns gizes coloridos na caixinha e começou a desenhar uma bela árvore com galhos e alguns espaços em branco. Aquela ilustração foi dando vida ao quadro. Ficamos

12/11/2020 23:16:54

curiosos, então ela nos contou que o nome daquele desenho era árvore genealógica, e nos explicou que aquela era uma oportunidade de conhecer nossa história, buscando explorar um pouco sobre o nosso passado. Confesso que nessa hora fiquei com uma pulga atrás da orelha.

Ao abrir o zíper da bolsa, aquela bolinha de pelo ofegante começou a rosnar. Ainda bem que foi baixinho, mas tão baixinho que somente eu conseguia ouvir.

Os sons dos grafites nas folhas eram envolvidos por uma melodia, ninguém estava parado e isso fazia com que eu ficasse mais nervosa. Ligeiramente, fiz meu desenho naquela folha branca, admito que não ficou muito bom, porque quando chegou no galho de meu pai, eu não sabia o que colocar e a ansiedade tomou conta de mim. Um turbilhão de pensamentos tomou conta de minha cabeça: quem é meu pai? Qual o seu nome? Por que nunca falaram sobre ele? Somos parecidos? Que cor são seus olhos? Como são os seus cabelos?

Eu virava de um lado, virava do outro, mas não sabia o que fazer. Estava confusa e ao mesmo tempo triste. Meus colegas rindo, brincando, falando de suas vidas e eu me sentia pequenininha, como se não existisse ou não fosse importante para ninguém.

Percebi que a professora estava passando nas carteiras, um a um, para observar como estavam fazendo a atividade. Torci, com os olhos fechados e dedos cruzados, que não viesse até a minha. Ela foi para a próxima fileira e anunciou que faria um sorteio para organizar a ordem das apresentações dos trabalhos.

ultima edit2.indd 30-31

Neste momento, interrompi-a e falei gaguejando:

— Mas... Mas... Mas professora, eu ainda não terminei, está faltando um galho!

Então, ela disse que eu poderia terminar enquanto meus colegas apresentavam. O grande problema não era a falta de tempo, mas sim o fato de não saber o que colocar naquele galho vazio.

O primeiro sorteado foi Pedro. Ele contou algumas histórias de sua família. A gargalhada engraçada do vovô, a dentadura da vovó, os bolinhos de chuva e os biscoitinhos amanteigados que a sua mamãe fazia; por fim, as aventuras no parque com o papai.

Nessa hora, meu corpo estremeceu e o coração quase parou, minhas mãos suavam e eu apertava meus dentes cada vez com mais força. Se eu fosse a próxima a ser sorteada, eu não saberia o que falar. Fiquei me perguntando como iria explicar esse espaço em branco sem o nome de papai.

Laura foi a próxima a ser sorteada, ela começou sua história de uma maneira diferente:

— Sou fruto de uma gravidez indesejada, por essa razão fui deixada na porta de um orfanato. Meus pais biológicos não quiseram cuidar de mim, acho que não se arrependeram do que fizeram, afinal de contas, nunca voltaram para se redimir. Mas, não faz mal, pois hoje tenho uma família completa e feliz. Meu pai é artesão, minha mãe é cozinheira autônoma, tenho dois irmãos gêmeos, Bento e Inácio. Mamãe vive dizendo que sou a alegria da família e que sou a realização de um sonho na vida de todos. Papai sempre quis ter uma

12/11/2020 23:16:54

filha, acho que por isso ele me trata como uma verdadeira princesa.

O silêncio da fala foi interrompido pelo barulho de lágrimas que escorriam sem cessar, não pude controlar a emoção. Laura era uma garotinha tão doce, era difícil acreditar que havia sido abandonada pelos pais.

Ao sortear o aluno seguinte, a professora Alicja fez um suspense. Na hora travei, pensando que me chamaria. Para o meu alívio, o sorteado foi Benjamin, o menino doce e querido que me emprestou os seus materiais logo no começo da aula.

Benjamin levantou-se com passos firmes e foi à frente da sala para contar a sua história. Ele mostrou para todos a sua árvore contando sobre as bodas de 50 anos de seus avós, o abraço apertado de sua mãe e as delícias confeitadas por ela. Quando Benjamin já estava voltando à sua carteira, foi surpreendido por um colega da sala, que perguntou:

— O que significa essa estrelinha próxima do nome de seu pai?

Um pouco receoso, ele respirou fundo, olhou diretamente para os colegas e revelou a todos que perdera seu pai há alguns anos.

Nesse instante, senti meus ombros mais leves, aquela tensão de ser única a não ter o pai foi embora, porque a árvore de Benjamin também não estava totalmente completa.

Desorientada, envolvida com meus pensamentos, ouço uma voz a me chamar:

ultima edit2.indd 32-33

— Agora é sua vez, Helena! Você está pronta?

— É, acho que sim!

Que massada! O que eu faria agora? Meu coração bateu mais e mais forte. Minhas pernas estremeceram e meus pés congelaram. Sim, era a minha vez e eu diria a todos o que nem mesma sabia. Levantei-me da cadeira, tremendo mais do que se estivesse com uma febre de 40º graus. Com passos lentos e medrosos, fui me aproximando do quadro para pendurar a árvore e contar a minha história. Olhei para a professora, que sacudiu levemente a cabeça, dando-me um sinal de que eu poderia prosseguir. Parecia que estava em um filme, paralisei a cena como se estivesse com um controle remoto. Todos os olhares se voltaram para mim.

Abri a boca e a impressão era de que as palavras estavam presas em minha garganta. De repente, o barulho ensurdecedor do sinal tomou conta da sala de aula, avisando que era hora de ir embora - e isso significava que eu estava salva.

12/11/2020 23:16:54



2

História de um espião

12/11/2020 23:16:59

Poderia ter sido diferente? Poderia sim, pois meu dia estava de ponta cabeça, no entanto, com a ajuda do Grandioso, fui poupada daquele momento catastrófico. Bom, agora mais um pouquinho de tempo para me preparar, afinal, sei que de amanhã eu não escapo.

Saí apressadamente pelos corredores, visto que precisava de ar puro, mas a cada passo dado, algo me impedia de correr. Ah! Era o Scooby. O coitadinho já estava sacudindo dentro da mochila, implorando para sair daquele sufoco. Rapidamente, peguei minha bicicleta e corri em direção à estrada, que quase sempre era deserta. Essa era a chance de libertá-lo da mochila, sem ninguém perceber minha travessura. Tirei-o de lá, com muito carinho; coloquei-o dentro da cestinha para que eu pudesse levá-lo até a plantação de papoulas.

Precisava honrar o nosso acordo, Scooby fez a parte dele e eu precisava recompensá-lo com pelo menos um sanduíche de atum que sempre deixo guardado em um dos bolsos secretos da bolsa, para o caso de uma fominha fora de hora. Esfomeado, o cachorrinho sentiu o cheiro do lanchinho, ficou simplesmente eufórico, a ponto de devorar em contados segundos o seu petisco.

Seguindo os carreadores, contemplando as paisagens que se formavam e apreciando o cantarolar dos pássaros sobre os pinheiros frondosos, meu desejo era congelar aquele tempo, para que não precisasse me despedir do cãozinho, que me olhava fixamente, como se entendesse o que eu sentia.

Poxa vida! A temida hora chegou! Regressamos à plantação de papoulas. Com um aperto em meu peito, lágrimas nos olhos e

ultima edit2.indd 36-37

contrariada, ainda assim, despedi-me de Scooby e mesmo sabendo que seria difícil, mantinha esperança em revê-lo.

Segui entristecida e pensando na morte da bezerra. Não da bezerra em si, é apenas uma expressão que utilizamos para dizer que estamos com a mente distante. Comecei a me sentir fatigada diante da imensa subida que parecia não ter fim, e resolvi parar para descansar à sombra de um formidável carvalho branco, de galhos extensos, que balançavam com o vento e traziam uma fresca brisa que amenizava o meu cansaço. Que árvore completa! – Exclamei em pensamento. Diferente da minha, que faltava um galho.

Viajando em minhas reflexões, fui surpreendida por Benjamin, meu colega, que veio e sentou-se ao meu lado. Conversamos sobre diversos assuntos, até que surgiu aquele temido assunto: a apresentação do trabalho. Falei a ele que não me senti confortável, e mesmo ele insistindo em saber o motivo, mantive-me calada. Levantei-me dizendo que precisava voltar logo para casa, mas, para minha surpresa, ele me pediu uma carona.

Achei estranho alguém almejar minha companhia, já que, até então, não me sentia muito estimada pelos meus colegas. Sua presença era agradável, descobri que tínhamos afinidades, dentre elas o gosto por aventuras.

Admito que, com uns quilinhos extras na garupa, as pedaladas ficavam mais pesadas, mas nem vi o tempo passar e, quando chegamos à sua casa, agradeceu-me com um abraço amigável e nos despedimos. Segui o meu destino depressa, em razão de que minha avó já deveria estar preocupada comigo.

12/11/2020 23:16:59

Ao chegar, procurei por ela em toda casa e, ao contrário do que eu pensava, vovó não estava nem um pouco preocupada comigo. Como sempre, a preocupada da história era eu. Com a minha gritaria, ela saiu correndo da pocilga e foi em minha direção a fim de descobrir o porquê de tanto alvoroço. Nessa hora, sem rodeios, já fui logo perguntando sobre meu pai, motivo da minha inquietação, era o único assunto que me interessava no momento. Eu precisava descobrir quem ele era e o que havia de fato acontecido com ele.

— Minha querida netinha, esse assunto não cabe a mim! Somente sua mãe poderá te dar essas informações, mas deixe para resolver isso amanhã, pois você sabe que ela chega exausta do trabalho. Agora, vá almoçar, pois já passou da hora de criança alimentar-se.

Realmente, minha vó tinha razão. O meu estômago me lembrou disso com vários barulhinhos engraçados. Mesmo angustiada, fui à cozinha e devorei tudo o que estava dentro das travessas, afinal, precisava saciar minha fome, pois saco vazio nunca parou em pé.

Após o almoço, senti-me indisposta, então preferi me recolher aos meus aposentos, o que causou certa estranheza em meu avô, porém não adiantaria perguntar nada a ele já que não interviria sem a permissão da minha mãe. Na tentativa de me distrair, pedi para que ele me contasse uma história.

— Conte-me uma daquelas suas histórias, vovô!

Vovô disse sim rapidamente, pois adorava voltar no tempo.

ultima edit2.indd 38-39

"Século XX, um conflito envolvendo mais de 70 nações, organizada por duas alianças militares opostas [...]".

Histórias de guerra aguçavam a minha imaginação e o instinto aventureiro que reside em mim, porém diante do dia tão turbulento, adormeci em menos de cinco minutos.

Acordei com minha avó chamando por mim, desejava que eu fosse comer seus deliciosos sonhos. Só de imaginar aquelas delícias já dava água na boca. Para completar, um maravilhoso aroma de café tomava conta de toda casa. Levantei-me rapidamente e corri para a mesa.

— Hum... Esses sonhos estão divinos! O recheio de morango está do jeitinho que eu gosto, vovó!

Satisfeita e com as energias renovadas, fui até o meu avô que estava no quarto. Empurrei a porta e, com passos vagarosos, aproximei-me, sentei-me ao seu lado e pedi que continuasse a história.

— Essa história é muito extensa, porém temos um bom tempo até o jantar ficar pronto e sua mãe chegar do trabalho. Vamos ver se agora você não dorme.

Minha expectativa era que, no decorrer dessa história, eu encontrasse pistas sobre meu pai. Por isso, não poderia deixar escapar nenhum detalhe, já que nada sabia. Qualquer informação poderia ser muito importante.

Diferente das outras vezes que ele me contava histórias, neste dia o comportamento do meu avô me deixou intrigada; percebi ele um pouco receoso, sua perna não parava de balançar. Esta

12/11/2020 23:16:59

história deve ser deveras especial para ele. – Pensei, enquanto ele prosseguia.

— Há muito tempo, minha menina, existia um grupo de espiões que estava à frente de alguns serviços secretos. Esses agentes moravam no Reino Unido, mas prestavam serviços à União Soviética. Em meio a uma certa invasão, que acabou ocasionando a terrível 2ª Guerra Mundial, tinha um espião em especial que se destacava por ser atento e manipulador, disposto a aperfeiçoar suas técnicas e sempre se dedicar aos direitos e aos princípios do povo polonês.

— Eu adoro história de espiões! Exclamei muito empolgada, mas vovô não me deu brechas, e continuou a contar a história sem pausas.

— Com todo esse entusiasmo na vida, o agente secreto precisou se mudar para Lublin e morar em uma pequena casa alugada. No decorrer desse período, os trajetos pela cidade eram frequentes. Sua árdua profissão exigia muita concentração durante as observações, no entanto, em um dado momento, seus olhos se voltaram a uma garota. Quando a viu, a impressão foi de uma junção de beleza e magnitude, deixando-o encantado com tamanha perfeição.

— Que lindo vovô! Como ele a conquistou? – Curiosa, perguntei.

— Os dias foram passando e ela o notou rapidamente, pois ele jogava todo o seu charme durante os olhares, que eram constantes. Além de formosa, ela era uma cozinheira de mão cheia, suas comidas eram muito saborosas. Então, como forma de agradá-lo, a moça levava uma guloseima para ele frequentemente e, com isso,

ultima edit2.indd 40-41

começaram um romance. Os meses passavam, o casal se enamorava cada vez mais; por outro lado, o conflito mundial se acentuava e ele seguia executando seus planos, com o intuito de que essa guerra não se alastrasse ainda mais. Apesar de querer confidenciar com a parceira, que já desconfiava de sua profissão por ser muito atenta, manteve-se calado sobre isso, já que era expressamente proibido contar a qualquer pessoa, independente do vínculo familiar.

— Parece-me que ela é esperta mesmo, pois desconfiou rapidinho! – Intrometi-me brevemente, e vovô continuou.

— A história não para por aí. Ao longo de um jantar, os pais da moça declararam que era perceptível o aumento em sua silhueta e que seus quadris também se alargaram. Muito insegura, com medo do futuro e da repressão, tentou enganar os pais para que não descobrissem seu relacionamento, que, até então, era desconhecido por todos na cidade. Dessa forma, naquela mesma noite, depois que os pais adormeceram, ela pegou todos os seus pertences e fugiu rumo à casa de seu amado. Contou a ele que estava grávida e que não poderia voltar a morar com os pais, porque certamente a expulsariam.

— E agora, vovô? Pobre moça! O que eles fizeram? – Indaguei aflita.

— Após muito conversarem, ele resolveu revelar o seu grande segredo, de que era um espião, mas que diante dessa situação, ele iria desistir de sua missão para ficar com ela. Decidiram que iriam morar no interior, a fim de garantirem melhor criação e segurança para o bebê, que logo chegaria. Quando amanheceu, foram

12/11/2020 23:16:59

ao campo, lá mesmo em Lublin, e encontraram um lindo sítio que estava à venda.

— Mas, vovô, ela deve ter se assustado com tantas mudanças!

— Com certeza! Principalmente com o fato de ser mãe, apesar de ser o seu grande sonho. Quanto ao segredo, ela não ficou muito surpresa, pois já desconfiava, inclusive o encorajou, dizendo-lhe que a União Soviética precisava dele e que ele deveria terminar o que havia começado. Isso era exatamente o que ele precisava ouvir, pois deu-lhe o combustível necessário que faltava para que concluísse sua missão e voltasse a ficar com elas.

Neste momento, confesso que fiquei um tanto quanto emocionada, mas achei melhor não dizer nada. Às vezes, o sentimento é tão precioso que não cabe em palavras. Deixei que ele continuasse.

— Na despedida, ambos se envolveram dentro de um abraço aconchegante e olharam-se fixamente, jurando um ao outro que o amor seria tão forte a ponto de resistir a qualquer distância física. E junto com um gesto de adeus, ele entregou-lhe um lindo anel e prometeu que voltaria para elas.

— Nossa! Que romântico! Mas um pouco triste também. Não acha, vovô?

— Ele não imaginava que a terrível batalha só estava começando e que demorariam longos anos para retornar ao alento de sua família. A saudade já apertava em seu peito, por vezes, sufocava a garganta e transbordava pelos olhos... Mas, após seis anos de espe-

ultima edit2.indd 42-43

ra, o conflito da guerra havia terminado.

— Ufa! Até que enfim! Porque eu já estava sofrendo só de imaginar!

— O momento tão sonhado chegou. O aconchego do reencontro e a alegria de finalmente conhecer a filha significavam que os três - pai, mãe e filha - iriam recomeçar as suas histórias, mas dessa vez, juntos. Era inusitado que, estando em um cenário de guerra, ele considerasse besteira as demonstrações afetivas, mas junto delas, percebia que havia encontrado seu ponto de paz.

— Afinal, todo mundo carece de um pouquinho de amor. Não é mesmo, vovô?

— Sem dúvidas. Bom, a vida seguiu seu curso, os dias passavam depressa, e, felizmente, ela conseguiu um trabalho como costureira e ele como agricultor em uma coletivização e, assim, foram concretizando seus sonhos e criando a linda filha.

A história estava muito interessante, quando ouvi três toques suaves na porta. Saí da cama para ver quem estava nos interrompendo. Ao abrir a porta, dei de cara com a minha avó, segurando uma concha na mão e, insistindo que fôssemos jantar, uma vez que a comida já estava esfriando.

Nem ousamos desobedecer, fomos logo à cozinha, acompanhando vovó Aurora. Mamãe e Theodor já estavam de mãos dadas, preparados para agradecer ao Criador pelo alimento posto sobre a mesa.

Chegamos devagarinho para que não fizéssemos muito ba-

12/11/2020 23:16:59

rulho, demos as mãos, juntando-nos a eles. Coloquei em meu prato pouca comida, visto que não estava com muita fome depois de comer tantos sonhos; além disso, não podia demorar muito para retomarmos a história. Então, comi com garfadas rápidas, como se estivesse engolindo sem ao menos mastigar.

Rapidamente, deixei o prato na pia e segui vovô Wicenty, que já havia saído da mesa. Sem querer, assustei-o com o meu entusiasmo e fui logo perguntando sobre uma hipótese que havia criado em minha cabeça:

— Vovô, vovô! Enquanto eu comia, estava pensando na bela história que me contou e percebi que esses personagens se parecem com o senhor e com a vovó. O senhor tem algo a me dizer sobre isso?

Ele estava arrumando a cama e acendendo a luz do abajur quando o indaguei. Sem querer, derrubou o objeto no chão. Virou-se rapidamente, parecia que seu pescoço havia girado em torno de 180º graus. Então, meio conturbado e com os olhos arregalados, disse-me:

— Olha, querida! Você é esperta como a sua avó Aurora! Mas, isso precisa ser um segredo só nosso!

— Juro, juradinho! Pode confiar! Segredo de espião! – Exclamei.

— Eu era o espião da história e a moça bonita era Aurora. Mas ninguém pode saber. Fiz um juramento de manter sigilo e posso ser punido caso alguém descubra.

ultima edit2.indd 44-45

— Tudo bem, vovô. Manterei nosso segredo guardado a sete chaves.

Aproveitei o momento e pedi que continuasse a me contar a respeito da 2ª Guerra Mundial. Adorava história, além disso, precisava de mais informações para a apresentação do trabalho.

Ele continuou a história por pelo menos mais 44 minutos. Até que minha mãe me chamou para que eu fosse deitar e dormir, pois era preciso descansar para não me atrasar em mais um dia de aula.

12/11/2020 23:16:59



3

Àrvore genealògica

12/11/2020 23:17:02

No nie! Dormir? Queria mesmo é continuar viajando entre as histórias de meu avô. Ao ouvi-las, sentia-me dentro de uma máquina do tempo.

Queria pedir para ficar mais alguns minutinhos ali, mas com minha mãe não tinha negociação. Prova disso é que, quando ela arqueava sua sobrancelha esquerda, não precisava dizer mais nada, porque eu já entendia o recado.

Fui para o meu quarto e fiquei muito feliz, quando vi que vovó tinha deixado minha cama do jeitinho que gostava e, com isso, adormeci com o cheirinho agradável do zelo dispensado por minha avó nas roupas de cama. Infelizmente, o sono não durou por muitas horas.

Que massada! Era necessário descansar um pouco, eu não queria aparecer na escola com os olhos fundos, cheios de olheiras, já que essa apresentação seria a minha oportunidade de impressioná-los e mostrar o meu valor.

Quando eu era mais nova, Theo me dizia que, se eu contasse carneirinhos, o sono aparecia. Sem outra opção, resolvi seguir seu conselho, 101 carneirinhos, 102 carneirinhos, 250 carneirinhos... Minha ansiedade era tão grande que se tornava maior do que a quantidade de carneiros que meu avô tinha no curral. Continuei com os olhos fechados, viajando nas possibilidades que o dia seguinte me traria.

Horas se passaram, e nesse dia nem precisei ser acordada por vovô, que pulou da cama cedinho para tirar o leite da Mimo-

ultima edit2.indd 48-49

sa. Levantei depois que o galo Frederico cantou, avisando-me que um novo dia começara. Era tão habitual o seu canto pontual, que despertava o meu sentimento, por isso resolvi dar esse nome a ele como um presente.

Vovô abriu a porta do meu quarto e ficou com uma cara de espanto, pois eu já estava pronta, com o cabelo desembaraçado e lavado. Antes que ele pudesse me fazer perguntas, saí pela casa, recolhendo alguns retratos, guardei-os em minha mochila, sentia-me com o coração vibrante e ansiosa pela apresentação. Eu tinha tudo decorado, pois passara a noite toda pensando nisso.

Preparei-me como quem ia à guerra, com muita coragem para enfrentar uma grande batalha. Afinal, falar da minha família para toda minha classe era algo inédito e um tanto desafiador. Será que eles vão me julgar? Terá mais alguém com uma história como a minha? E se eu deixar escapar que meu avô era espião? E se Pedro debochar de minha história? — Sem pedir licença, turbilhões de impasses invadiram o meu pensamento, mas foram interrompidos pelo azucrinante do meu irmão falando:

— Terra chamando Marte!

— Lá vem você com esses modos de falar de cosmonauta, logo cedo!

Passei em frente à mesa e peguei alguns paparicos que estavam servidos sobre a mesa, enrolei em um guardanapo da minha avó e levei para comer no recreio. Despedi-me de família e saí rapidamente, pois não poderia correr o risco de atrasar-me.

12/11/2020 23:17:02

O ônibus finalmente chegou. Ao embarcar, procurei por algum banco que estivesse vazio para acomodar-me. O percurso era o mesmo de todos os dias, mas por alguns instantes tive a impressão de que minha sensibilidade estava um tanto quanto aguçada. Seria o meu olhar ou realmente as flores estavam com mais vida? Eu podia sentir a brisa tocando em meus cabelos e encaracolando-os ainda mais. As nuvens se mexiam com muita delicadeza e em meio aos movimentos iam criando novos desenhos.

Sem perceber, já havia chegado à escola. Como de costume, formamos fila para adentrarmos à sala. Com todos em seus lugares, professora Alicja me chamou para apresentação e, antes que eu pudesse levantar-me da cadeira, Pedro, muito desagradável, pronunciou-se com desdenho:

— Finalmente saberemos a razão desse cabelo ruivo volumoso e dessas sardas que aparentam sujeiras em seu rosto. Já que você é tão diferente de todos aqui.

Optei por dar-lhe o silêncio como resposta. Meu amigo Benjamin inclinou-se na carteira e disse baixinho em meu ouvido:

— Não dê ouvidos. Você consegue, Helena! É a menina mais valente que eu conheço!

Neste momento, olhei para o retrato que segurava em minhas mãos, já desgastado pelo tempo e pelas marcas da vida, e lembrei-me da bravura de meu avô, sentindo um enorme orgulho dentro de mim. Enfatizei a mim mesma que precisava ser forte como ele e enfrentar as minhas inseguranças. Levantei-me muito confiante,

ultima edit2.indd 50-51

arrumei minha postura e segui em frente, mostrando que sou capaz:

— Tudo começou em 1939, meu avô Wicenty trabalhava em meio aquele caos da 2ª Guerra Mundial. Acho que vocês já sabem que foi um conflito que envolveu mais de 30 países e deixou em média 80 milhões de mortos. Foi o maior massacre já registrado contra o nosso povo, aproximadamente seis milhões de judeus foram executados pelo regime nazista, o temido holocausto. Toda essa barbárie durou seis anos e um dia, terminando em setembro de 1945. Aposto que devem estar se perguntando: Como? Quando? Por quê? Quais foram as principais causas que levaram a tamanha destruição? Bom, vou contar a vocês o que fiquei sabendo pelo meu avô, que, assim como eu, odeia mentiras! A nossa querida e bela Polônia foi invadida pela Alemanha, comandada por um ditador nazista chamado Adolf Hitler, aquele senhor do bigode peculiar. Então, formaram-se as alianças. De um lado tinha os Aliados, que eram compostos por Reino Unido, França, União Soviética e Estados Unidos, e do outro lado tinha o Eixo, formado pela Alemanha, Itália e Japão. Até certo ponto, o Eixo vinha ganhando a guerra, mas em certa altura, algo mudou! A grande virada aconteceu na batalha de Stalingrado, quando o exército soviético venceu os nazistas e começou avançar em direção à Alemanha. Depois disso, era só uma questão de tempo para a vitória dos Aliados e assim aconteceu de fato. Mas, se tratando de uma guerra, não teve um final tão feliz como em um conto de fadas. Aconteceu o que já era de se esperar: mais tragédia. Justificando que era uma forma de acabar mais rápido com todo o mal, os Estados Unidos lançaram duas bombas atômicas no Japão, exterminando soldados, crianças, idosos, ho-

12/11/2020 23:17:02

mens, mulheres e animais, pois uma bomba nuclear não escolhe sua vítima, atinge a todos por igual.

A professora Alicja elogiou a minha contribuição histórica e fez mais algumas considerações para completar o que eu havia contado. Disse ainda que a guerra deixou muitas consequências para o mundo todo, especialmente para nós da Polônia, que fomos palco principal desse horror, mas, encurtando o assunto, finalizou dizendo que isso era papo para outro dia. Pediu então para eu prosseguir, apresentando minha família.

— Entre idas e vindas, vovô avistou uma formosa moça de beleza inigualável. Antigamente, a troca de olhares tinha que ser de forma discreta, de modo que ninguém desconfiasse. O brilho cintilante que tinham no olhar encaixava-se perfeitamente, significando que foram feitos um para o outro, e ali iniciou um caso de amor. Minha avó Aurora tinha mãos de fada desde aquela época, portanto, a conquista começou pelo estômago. A cada encontro escondido, a chama do amor se acendia, até que uma nova vida foi gerada, minha mãe, Kataryna. Vovó fugiu da casa dos pais, pois eles não a aceitariam grávida antes do casamento. Durante todo esse período conflituoso de mudanças, ela contou ainda com uma triste notícia: meu avô não poderia abandonar o seu compromisso com a nação e passou longos anos longe dela e da filha. Com isso, em muitos momentos, viu-se sozinha e desamparada para cuidar de Kataryna, porém, apesar da insegurança e da inexperiência, foi uma zelosa mãe. Vovô seguia solitário em sua missão e, a cada ano que passava, seu peito apertava com a saudade, aumentando cada vez mais.

ultima edit2.indd 52-53

Ele contava os dias e as horas para conhecer a filha e retornar aos braços de minha avó. Foram seis longos anos de muito sofrimento, até que o dia tão aguardado chegou. Vovô Wicenty retornou a Lublin e abraçou a sua tão almejada filha. Então, com a família reunida, decidiram dar um recomeço para suas histórias. Ela começou a trabalhar como costureira e ele como agricultor. Felizmente, atuam nessas profissões até hoje; vovó confecciona roupas para todos lá em casa. Agora, é a vez de falar sobre a minha mãe, uma mulher muito batalhadora e forte, que trabalha em uma fábrica para ajudar no sustento de nossa família, mesmo que muitos ainda digam que não é serviço para mulher.

Neste momento, Joaquim interrompe, dizendo:

— Minha mãe queria trabalhar fora, mas meu pai disse que isso não é certo. Que mulher tem que cuidar da casa, do marido e dos filhos. E o dinheiro, quem traz é o homem!

A professora interveio, dizendo que cada um tem uma realidade diferente do outro, a mulher tem a mesma garra que o homem e também pode ter independência financeira, inclusive, usou a si mesma como exemplo.

Graças à serenidade e à bondade nas palavras da professora Alicja, consegui me manter segura e continuar minha apresentação:

— Sinto falta do carinho de mamãe e lembro-me de que, quando eu era pequenina, a sua atenção era voltada só para mim. Agora ela sempre chega muito tarde da labuta e o tempo que passa com a gente é curto, já que precisa descansar para o próximo dia,

12/11/2020 23:17:02

que segue o mesmo curso. Mesmo assim, sei que ela não tem outra escolha, meu irmão precisa de recursos. Ah! Eu já estava quase esquecendo de falar dele.

Segurei um retrato antigo de Theo, o único que temos em casa, e mostrei para a turma enquanto falava:

— Este aqui é o Theodor, meu irmão. Ele tem 14 anos e quer ser um cosmonauta. Esse não é um sonho qualquer, custa um pouco caro e é um dos motivos para minha mãe trabalhar tanto. Ele não se parece nada comigo, seus cabelos são pretos e seus olhos são azuis da cor do mar. Diferente de mim, não gosta muito de conversar, passa horas quieto em seu canto, imaginando e desenhando suas viagens à lua. Ele sonha viajar para o espaço e tornar-se um herói nacional, tendo como inspiração o grande herói Yuri Gagarin. Se um dia isso acontecer, confesso que sentirei falta até das suas amolações, que por sinal são constantes.

Mariana levanta a mão e pontua que eu havia me esquecido de falar sobre meu pai. Neste momento, uma angústia tomou conta de mim. Eu pensava que não tinha explicação para a ausência de meu pai, já que a dúvida deles também era minha. Contive minhas lágrimas e fiquei em silêncio, esperando por um milagre. Se eu abrisse minha boca, não conseguiria segurar o choro que já estava apertando minha garganta e fazendo com que meus lábios ficassem trêmulos e franzidos. Ao mesmo tempo, eu amassava os retratos que estavam em minhas mãos. O que eu queria mesmo era que meu irmão já fosse um cosmonauta de verdade para me mandar em um foguete para a Lua e nunca mais precisar voltar. Respirei fundo e

ultima edit2.indd 54-55

disse o que sentia em meu peito:

— Sinto muito em dizer isso, mas não tenho informações sobre meu pai. Não sei o seu nome, o seu endereço e muito menos a sua profissão. Tenho um desejo imenso de conhecê-lo, e para isso não medirei esforços.

Pedro, em um tom irônico e sarcástico, fez uma piadinha desnecessária:

— Até a sua família é estranha, hein?

A professora o repreendeu, dizendo que todos têm um pai e que apenas eu não conhecia o meu. No entanto, que eu tinha o meu avô que cumpria o papel de pai, assim como a minha avó cumpria o papel maternal, nos momentos que a mamãe estava no trabalho. Por fim, afirmou que não existe o certo e o errado, são apenas realidades diferentes, e que cabe a nós aprender a respeitar.

Engoli seco, mas continuei, até porque estava quase terminando. Só faltava falar sobre mim. Comecei falando sobre as minhas caraterísticas físicas e como me sentia diferente em meio aos outros:

— Quando me olho no espelho, fico me perguntando o porquê de tantas características distintas das outras pessoas, do cabelo cor de fogo, dos meus cachos acentuados, dos formatos irregulares de minhas sardas e dessa marquinha em meu rosto, como também de minha personalidade forte e singular, porém me orgulho de ser diferente. Os olhares de estranheza que se voltam para mim são comuns, gerados pelo ego e pela índole das pessoas. Hoje, absorvo

12/11/2020 23:17:02

essa intolerância e a transformo em força e valentia.

Finalizei dizendo que a minha história não é completa como a de muitos. Há muitas coisas que ainda não sei, mas sinto-me honrada por ser quem sou.

ultima edit2.indd 56-57



12/11/2020 23:17:06

4

Desabafo

ultima edit2.indd 58-59

CLAP, CLAP, CLAP... A intensidade das palmas só aumentava. Os aplausos partiram de Benjamin, e em questão de segundos a turma toda repetia o gesto iniciado por ele. Confesso que me senti realizada ao ver todos me agraciando daquela forma. Foi a primeira vez que fui tão importante naquela sala de aula e, assim, constatei que sou do tamanho dos meus sonhos, ou até maior que eles. Naquele momento, minhas bochechas queimaram e deveriam estar muito avermelhadas, se eu pudesse me olhar no espelho diria que estava parecendo um tomate ambulante.

Enquanto estava perdida na desordem de meus pensamentos, senti uma mão puxando meu ombro. Virei-me e Benjamin já foi logo dizendo:

— Corra, Helena! Já deu a hora de irmos embora. Vamos perder o ônibus!

Peguei a mochila no encosto da cadeira e partimos rapidamente para fora. Em menos de um minuto o ônibus chegou. — Ufa, se atrasássemos mais alguns segundos, teríamos que ir embora a pé. — Pensei. Entrei primeiro no ônibus, uma vez que Benjamin disse que os homens precisam ser cavalheiros, ainda mais para uma menina com tanta força e bravura. Procurei um banco com dois lugares vazios. Missão quase impossível!

Como o ônibus costumava vir lotado, geralmente ficávamos espremidos entre um ou outro, e é por isso que chego em casa toda amarrotada, ou até mesmo perdendo os botões de minhas roupas. Quando de repente Anna, uma colega de sala, viu-nos e apontou indicando que havia um banco vazio próximo a ela. Cheguei até a

12/11/2020 23:17:06

pensar que era algum tipo de brincadeirinha sem graça, ela jamais me trataria com afeição, pois era uma das meninas que mais me chateava sem motivos. Segui em direção ao banco e, para minha surpresa, descobri que era verdade. Agradeci com um sorriso desconfiado e nos sentamos um ao lado do outro.

Naquele dia, Benjamin estava muito conversador, nunca o havia visto daquele jeito. Começou a me contar sua história de vida, sendo bem distinta da minha:

— Moro somente com a minha mãe. Meu sonho era ter uma irmãzinha para brincar, mas meus pais não tiveram tempo para realizar o meu sonho.

Repentinamente, os olhos de Benjamin ficaram fixos na janela do ônibus, enquanto lacrimejavam bem devagar. Antes mesmo que eu abrisse minha boca para perguntar o motivo da emoção, ele continuou:

— Lembranças reais vêm à minha mente ao contemplar essas paisagens. Recordo-me da viagem que realizamos, quando viemos da Itália. Meu pai era fotógrafo e atuou durante a Segunda Guerra Mundial, como seu avô Wicenty, registrou alguns momentos daquela época tão sofrida para os poloneses. Ele me dizia que as montanhas mais altas eram as mais lindas, já que representam o encontro entre a terra e o céu, essa paisagem trazia revelações divinas que geravam inspiração. Todos os dias nós três orávamos e observávamos as estrelas ao anoitecer.

O foco dos seus olhos era melhor que o de sua câmera. O sol ficava diferente, a vida tinha mais cor, a luz mais vida, as pessoas

ultima edit2.indd 60-61

ainda mais bonitas, os dias nublados tornavam-se mais claros e felizes. Meu pai conseguia mudar tudo ao seu redor com apenas um clique. Depois que ele se foi, a magia foi embora com ele, deixando-me triste e solitário, carregando um vazio imenso.

Seu nome era Casimiro, dono de um lindo sorriso e um abraço apertado, daquele que esmaga todos os sentimentos ruins. Foi assim que ele conquistou a minha mãe, Ewa, uma mulher meiga e forte, com um brilho nos olhos sem igual. Minha mãezinha conta que ele era cliente da cafeteria em que ela sempre trabalhou, e que entre uma foto e outra, passava para tomar um cappuccino e comer kołacze, aquele pãozinho doce em forma de anel. Papai a fotografava de longe, focando em vários detalhes: a maneira que passava a mão em seus cabelos, a doçura ao se comunicar e o olhar atento entre os clientes. Quando mamãe percebia, fazia ainda mais charme, exibindo sua formosura.

De pouco em pouco, eles deixaram de ser um casal e construíram uma graciosa família. Os cafés da manhã passaram a ser na mesa da nossa própria casa e algum tempo após o casamento, minha mãe percebeu que estava grávida, pois já dava para ver que eu estava dentro de sua barriga. Quando descobriram o sexo da criança, meu pai deu um salto de alegria e colocou-me o nome de Benjamin, que significa filho da felicidade.

Após anos de alegria, ele se foi e deixou marcas em nossa vida, marcas de lembrança, de saudades e de carinho. Tudo aconteceu durante a semana da Páscoa, data esta que esperávamos ansiosamente. Na quinta-feira gorda, papai só comia pães de mel, e

12/11/2020 23:17:06

para a sexta-feira ele separava seu paletó cinza slim para registrar as procissões. Naquele mesmo ano, ele foi convidado pelo padre Otton para ser o fotógrafo oficial de uma festa inesquecível. Entretanto, o futuro lhe pregou uma peça! Ele partiu sem ao menos se despedir da família, dos sonhos e da própria vida.

Fim de tarde de uma estranha segunda-feira, já o esperávamos para o jantar com um delicioso caldo de beterraba sobre a mesa. De repente, um barulho ensurdecedor veio lá de fora. Mamãe puxou a cortina da sala, e avistou dois soldados, devidamente fardados. Ficamos assustados e nos dirigimos até o portão para saber o motivo daquela inesperada presença em nossa casa. A fala do cabo foi direta e fria. Com tamanha indiferença anunciou o que jamais imaginávamos ouvir.

— Vocês são os familiares de Casimiro Rossi? – Perguntou ele.

— Sim, somos. – Respondeu, mamãe.

— Viemos anunciar que em meio a uma sessão de fotos, ele foi vítima de um infarto fulminante, e infelizmente não resistiu.

Ficamos sem reação por alguns minutos, enquanto eles iam embora sem ao menos nos dar as condolências. Minha visão ficou em câmera lenta. Só conseguia observar a face jubilosa de todos que estavam na rua, enquanto eu não conseguia enxergar as cores. Hoje, quando a saudade aperta, ou seja, todos os dias, obtenho meu consolo ao olhar um álbum de fotografias e o último ovo pintado por nós três.

ultima edit2.indd 62-63

A face de Benjamin carregava muita angústia e eu estava convicta de que palavras seriam incapazes de minimizar toda a dor que ele carregava dentro de si. Decidi apertar sua mão com a minha. Essa foi a maneira que encontrei de demonstrar um pouquinho do carinho que sinto por ele. Entretanto, ele não teve tempo de retribuir o gesto, pois o motorista anunciou que ele havia chegado a sua casa.

Seria tão bom ter Benjamin do meu lado por mais alguns minutinhos, já que os nossos corações estavam próximos e em sintonia. Depois de ouvir aquelas memórias, nunca mais serei a mesma, porque toda vez que eu ouvir a palavra pai, eu me lembrarei de sua história e do vazio em seu peito que nunca será preenchido.

12/11/2020 23:17:06



5

Entre mãe e filha

12/11/2020 23:17:09

Na porteira de minha casa era possível escutar o chiado da panela de pressão, que minha avó usava vez ou outra. Ela a utilizava somente quando a inspiração vinha visitá-la. Ela estava finalizando o almoço, quando cheguei.

Entrei de fininho, na pontinha dos pés, e para não perder o costume, tentei dar-lhe um susto, mas apesar da idade, sua percepção auditiva ainda estava aflorada.

— DESSA VEZ VOCÊ NÃO ME PEGOU, MENINA! – Disse ela, em tom ligeiramente alto.

Mesmo sendo uma receita deliciosa, não estava com tanta fome, acho que aquele papo com Benjamin havia me deixado um pouco pensativa. Devido a isso, coloquei em meu prato pouco menos de 180g. Falo assim, pois nesse dia resolvi colocá-lo sobre a balança em que vovô pesava as batatas que vendia.

Nem cheguei a levantar-me da mesa, e vovó fez questão de lembrar-me de alimentar os animais. Já saciada, coloquei meu prato dentro da pia, peguei escondido algumas batatinhas cozidas, coloquei-as dentro do bolso e fui buscar as rações.

Os primeiros a serem tratados foram os porcos. Eles engoliam a comida como se estivessem sem comer havia uns sete dias, e faziam uma bagunça enorme, enquanto eu pedia para eles não exagerarem. Logo, era a vez do galo Frederico, da galinha Filomena e seus filhinhos que já faziam parte da família e adoravam quando eu dava a eles o seu alimento predileto: grãos de milho. Deixei o papagaio por último, já que queria passar um tempo a sós com ele. Levei-o comigo à casa da árvore, que meu irmão e eu, com a ajuda

ultima edit2.indd 66-67

de vovô, não medimos esforços para construir.

Seu nome é Barth, um papagaio espertinho demais para o seu tamanho. Suas penas são esverdeadas com variados tons de vermelho, e em sua cabeça existem tons azuis e amarelos, seu bico é escuro e seus gritos são piores que o de minha avó quando está irritada, porém seu senso de humor é alegre, brincalhão e amigável. Enquanto tagarelávamos, lembrei-me das batatinhas que peguei escondido para ele. Era sua comida favorita, só não podia comer sempre devido a dois motivos: o primeiro era de que eu estaria lascada, caso vovó descobrisse, aliás, a comida era regrada para durar a semana inteira. O segundo é que papagaios não comem só batatinha, né?!

Ele é um bichinho muito especial. Mamãe me passou a responsabilidade de cuidar dele com muito zelo, pois foi um presente de uma pessoa querida, e já estava na família há algum tempo. Sempre foi de minha vontade descobrir quem era essa pessoa, mas ela bastante misteriosa, sempre desviava o assunto. Tratado como um filho, fazia-se presente em todos os momentos familiares, e era o mais tagarela, falava... falava... e repetia sempre as mesmas coisas, por incrível que pareça, conseguia irritar até o vovô, que tinha uma paciência inigualável.

Aproveitei para brincar um pouco com Barth, antes mesmo que me pedissem algum favor. Eu o ensinava algumas canções de meu gosto, mas ele nem sequer dava bola. Subia em meu colo, andava junto às minhas pernas e em meus braços, fazendo-os de poleiro. A cada vez que via sua sombra passando de um lado para o outro,

12/11/2020 23:17:09

ficava agitado, e as suas unhas fininhas e afiadas arranhavam-me e faziam cócegas. As horas passaram em um piscar de olhos, enquanto eu tentava aprender a assoviar. A única coisa que me irritava era o fato de ele tirar sarro de mim, já que eu nunca conseguia fazer como ele. O ar passava direto pela minha boca e parecia mais um sopro do que um barulho.

Ficamos exaustos, já que havíamos brincado tanto. Deixei-o no viveiro e fui tomar banho. Era costume de a nossa família seguir rotinas, os horários eram determinados por mamãe e, se eu não os cumprisse, poderia levar uma "leve" bronquinha. Theo, ao contrário de mim, nunca ligou para isso, era um pouco mais rebelde, parecia que gostava de ficar sujo como os porcos. Uma vez ousei chamá-lo de porcalhão, ele levou a sério e ficou sem falar comigo por uma semana. Confesso que não gostei da experiência, pois apesar de muito atrevido, aprecio a sua companhia.

Estava um pouco indisposta, mas sabia que precisava realizar as atividades da escola. Sentei-me à mesa junto com meu irmão, que estava no mundo da lua com as tarefas de astronomia. Quando abri a bolsa para retirar os materiais, mamãe chegou com um semblante diferente, fazia muito tempo que não a via assim: olhos brilhando e um sorriso que ia de orelha a orelha. Veio até nós, perguntando como havia sido nosso dia. Do nada, Theo me deu um leve chute na perna direita. Com essa ação inesperada nos entreolhamos e imaginamos a mesma coisa: será que mamãe estaria apaixonada ou havia recebido alguma promoção em seu trabalho? Bom, a única coisa certa é que aquele brilho radiante que a acompanhava não era

ultima edit2.indd 68-69

muito comum.

Mamãe nos abraçou e beijou nossa testa, dizendo que iria tomar um banho, para que todos pudessem jantar juntos. Não consegui segurar minha ansiedade que já estava dando um nó na garganta. Gostaria de fazer algumas perguntas a ela, mas com Theo por perto, não me sentia confortável.

Saí de fininho da mesa, sem fazer muito barulho. Mamãe estava indo em seu quarto, quando foi surpreendida pela minha presença. Aproveitei o seu bom humor para lhe pedir um carinho, que há tempo não sentia. Ela pegou-me no colo, fazendo cócegas em minha barriga. Em meio a muitas gargalhadas, falei:

— Mamãe, já não basta o Barth, agora você? Já estou com falta de ar! Mas, já que estamos aqui, posso saber o motivo desse sorriso em seu rosto?

— Você é muito curiosa, Helena! Simplesmente resolvi sorrir para a vida e recomeçar!

— O que é sorrir para a vida? Como assim recomeçar?

— Ah, filha! Isso é bem complexo. Significa abandonar as tristezas do passado e aproveitar as oportunidades que a vida nos proporciona.

— Entendi! Mas, eu percebo que existem muitas cicatrizes do passado. Seria culpa de meu pai? Afinal de contas, onde o papai está?

Mamãe ficou perplexa com as minhas perguntas. Virou as costas, deixando-me sozinha e foi tomar banho. Será que esse si-

12/11/2020 23:17:09

lêncio significava alguma coisa? Eu a aborreci? Essa não era minha intenção, porém por mais que mamãe não gostasse, eu jamais desistiria de buscar respostas sobre o meu pai.

Voltei para a cozinha colocando a mesa do jantar o mais rápido possível. Como pedido de desculpas, fui até o jardim e colhi uma linda tulipa amarela para colocar ao lado do prato de mamãe.

Parei na entrada do corredor, anunciando em alto e bom som que a comida estava esfriando. Minha mãe parecia pouco entusiasmada ao ver a flor junto ao seu prato, nem se importou e já foi logo se sentando na cadeira. Parecia que queria fugir de mim. Assim, o silêncio permaneceu durante todo o jantar.

Como se não bastasse, mamãe inventou uma desculpa qualquer. Eu sabia que ela não estava com dor de cabeça, só queria ficar sozinha mesmo. Retirou o prato, colocou-o sob a pia e voltou para o seu quarto.

Fiquei com pena de vovó Aurora, com aquela pia de louça suja. Então, ofereci a ela uma ajudinha, já que infelizmente só as mulheres fazem o serviço doméstico. Sempre me perguntei o porquê disso. Nunca vi Theo ou vovô ajudando a secar um copo ou até mesmo retirando o próprio prato da mesa. Enquanto estava ali, distraída, secando os utensílios, veio uma pergunta em minha cabeça e logo indaguei:

— Vovó, a senhora recorda que dia desses, quando perguntei sobre meu pai, você me disse que essa resposta só caberia a minha mãe? Vou em busca disso ainda hoje, pois meu coração não suporta tantas incertezas.

ultima edit2.indd 70-71

— Claro que sim! Você tem todo o meu apoio, querida! Merece saber a verdade! – Ressaltou ela.

Essas palavras encheram-me de coragem e fizeram com que eu me sentisse mais segura enquanto ia ao quarto de minha mãe. Eu não poderia chegar interrogando-a novamente. Decidi então aproveitar-me de sua habilidade com tranças, e pedi que fizesse uma em meus cabelos.

— Mamãe, você pode trançar meu cabelo igual ao seu?

No fundo, senti que ela queria me dizer não, mas se compadeceu com a doçura de minhas palavras. Puxou a cadeira que estava em sua penteadeira, para que eu me sentasse.

Mamãe começou a desembaraçar meus cabelos, entretanto não havíamos trocado alguma palavra. Disse a ela que eu não ficaria tão bela já que nossos cabelos eram tão diferentes. Enquanto o meu era ruivo e encaracolado, tão quente como o mais intenso sol de verão, o da mamãe era loiro mel, retratando a leveza de uma brisa. Aproveitei a interação para perguntar:

— Por que nossos cabelos não são nada parecidos?

— Helena, Helena, o fato de ser diferente torna-te única e ainda mais bonita.

— Por que sou assim? Sou parecida com meu pai? Ele também tinha sardas?

— Prefiro não dizer nada sobre seu pai. Mas te digo que você se parece com a sua tia avó, Tarsila.

12/11/2020 23:17:09

— Meus colegas têm tantas lembranças com seus pais. Benjamin não tem o pai, porque ele faleceu. E o meu? O que aconteceu com ele?

Sem respostas, mamãe olhou para baixo, sentida. Senti-me culpada, por ter ferido seu coração com as minhas inquietações. Disse a ela que não precisaria me contar mais nada. Que desse a mim essas respostas quando se sentisse confortável. Saí lentamente. Quando estava próxima a porta, ouvi mamãe a me chamar:

— Helena, venha até a cama e sente-se ao meu lado.

Dirigi-me até ela, muito apreensiva. Será que havia chegado a tão sonhada hora de descobrir o seu paradeiro? Sentei-me e ela começou a falar:

— Filhinha, seu pai precisou nos deixar por um motivo que você ainda é muito nova para compreender. Desta maneira, para manter contato, ele prometeu que nos enviaria cartas sempre que possível, até que um dia, nunca mais as recebi. Presumo que seu pai tenha partido.

No momento em que mamãe disse essas palavras, senti meu chão desabar. Era como se todas as minhas esperanças tivessem ido com ele. A nossa história não poderia acabar assim. Será mesmo que mamãe estava certa? Ela não poderia se conformar com deduções e deixar de procurar respostas. Eu precisava saber mais detalhes sobre ele, somente aquilo não bastava. Sei que para mamãe seria difícil, mas não poderia deixar o momento fugir, então indaguei:

— Como ele era?

ultima edit2.indd 72-73

— Seu pai, Helena, era um homem muito corajoso, forte e destemido. E o que mais amava e priorizava era sua família. Sempre corria atrás de seus sonhos. Acho que Theodor herdou isso dele. Ambos têm um espírito valente.

Não deve se lembrar, mas vocês tinham uma ligação sem igual. Você era a princesinha dele, passavam horas e horas se divertindo junto com o Barth. Esses momentos eram únicos, queria que tudo isso acontecesse novamente, porém o futuro nos pregou uma peça e acabou nos separando.

— A história de Vovô Wicenty e Vovó Aurora é simplesmente maravilhosa. E vocês, como se conheceram?

— Vivemos intensamente. Nossa história foi curta e bonita, mas eram tempos difíceis. Tive um príncipe ao meu lado, mas o "felizes para sempre" durou muito pouco.

Percebi que falar sobre esse assunto era como mexer em uma ferida mal curada, que estava longe de ser cicatrizada, era tão intenso que vinha do fundo de sua alma. Isso fez com que escorressem lágrimas, sem cessar, de seus olhos. Abracei-a e decidi deixá-la sozinha, pois minhas perguntas a estavam fazendo sofrer ainda mais.

Repousei sobre um grande tapete que tinha em meu quarto, felpudo e macio; eu estava totalmente inquieta. Cada vez mais incógnitas surgiam em minha cabeça: onde estaria o meu pai, porque ele se foi, por qual motivo deixou de enviar as cartas? Seria este um sinal de adeus?

Com tantos pensamentos desgastantes, minha cabeça pare-

12/11/2020 23:17:09

cia estar fervendo. Precisava estar disposta no dia seguinte, caso encontrasse alguma pista sobre ele. Não demorou muito e minhas pálpebras ficaram cada vez mais pesadas, até que não aguentei ficar de olhos abertos; então, adormeci.

ultima edit2.indd 74-75


HA
HA
HA
HA

6

Fila do vale-açùcar

ultima edit2.indd 76-77

Montada em meu cavalo, protegida por armaduras, com minha espada em punho, guerreava contra as assustadoras criaturas das trevas que tentavam me destruir e roubar o meu cobiçado amuleto Chai, um pingente que carrego em meu peito para trazer boa sorte, abençoar a vida, afastar energias negativas e mau olhado; além do mais, é símbolo de vida, conforme a Torá. Em meio a este embate, recebi um golpe certeiro, dei um salto em minha cama e então fui chamada para a vida real. Ufa! Que alívio! Essa foi por pouco...

Levantei-me da cama, colocando minhas incríveis pantufas vermelhas em meus pés, tão quentinhas como um forno pré-aquecido. Na realidade, era de minha avó, que acabou passando para mim, visto que já estavam apertadas devido ao inchaço que a artrite causava em suas extremidades.

Eu ainda não havia acordado direito, estava com um olho aberto e um fechado, oscilando entre a vida real e a fantasia do duelo mal resolvido. Como de costume, fiz minha higiene bucal e só acordei de fato ao tentar desembaraçar aqueles nós que estavam mais envolvidos que os novelos de linha da minha avó Aurora. A cada penteada sentia uma fisgada em meu cérebro; entretanto, prefiro que eu mesma o arrume, porque quando minha mãe inventava de fazer isso, eu quase morria de dor de cabeça.

Aquela sensação nada agradável até que valeu a pena. Olhei timidamente no espelho, esperando algo rotineiro e pela primeira vez fui tomada por um sentimento de amor próprio; eu me sentia bonita sem igual. Meus cachos tinham curvaturas difíceis de mode-

12/11/2020 23:17:13

lar, mas que certamente formavam ondas um tanto quanto marcantes, e se não bastante, o tom ruivo declarava a minha individualidade como minha mãe dissera no dia anterior.

Resolvi até passar um perfume, que segundo minha avó era tão doce quanto eu. Queria que as pessoas percebessem que naquele dia eu estava exuberante, pela delicadeza de meus cachos, e pela minha própria essência. A animação tomou conta de todo o meu ser. Abri o guarda-roupa e já fui logo apanhando um vestido de pregas branco, longo, com algumas flores e borboletas bordadas em sua barra que, conforme eu me virava, mexiam-se e trocavam de cores. Ele era perfeito para aquele dia, pois por mais que estivesse frio, com meu saiote, meias e luvas, tudo ficaria bem. Usei um lenço em minha cabeça, que há muito tempo não usava. Ele era lilás, com as bordas mais arroxeadas. Combinava perfeitamente com a minha roupa e ainda prendia o meu cabelo para que o vento não o esvoaçasse, já que ele estava totalmente alinhado.

Conforme os dias passavam, apareciam detalhes em mim que exigiam que eu me cuidasse continuamente e isso me fez notar que eu precisava ser mais vaidosa. Pisquei, e sem perceber o tempo voou. Preferi não comer nada, já que não estava com tanta fome naquele momento. Fui até a cozinha preparar um lanche para mais tarde. Certamente, o apetite não demoraria a dar as caras. Olhei em volta procurando minha mochila e, quando a encontrei, fui surpreendida pela minha avó dizendo:

— Aonde você vai com essa mochila, Helena? Quem vai à escola hoje sou eu. Ô Santo! Eu que sou velha e você que caduca?

ultima edit2.indd 78-79

Esqueceu que ontem você apresentou um bilhete da professora Alicja, dizendo que seria feita uma reunião, e que seria imprescindível a presença dos responsáveis?

— Poxa vida! A senhora tem razão, vovó! Justo hoje que estou tão radiante. Sendo assim, voltarei para a cama; deixei um sonho sem terminar, preciso conhecer o desfecho.

— Deixa de conversa fiada, menina. Preciso de um favor: nosso açúcar já está no fim e se você não quiser ficar sem o seu sonho de morango, preciso que vá até a cidade pegar um vale antes que acabe.

— Ah, vovó! Sério? Naquela fila quilométrica? Não pode ser o Theo?

— Seu irmão está ajudando o seu avô. Eu mesma iria, mas tenho que ir à sua escola e você sabe que essas reuniões são sempre demoradas. Não se esqueça de que os vales acabam logo, se chegar tarde, corremos o risco de não encontrar mais nada lá. Deixe essa mochila aí, pegue um casaco e apresse-se.

Que massada! A fila dos vales era temida por todos, pelo fato de que todos passavam horas em pé esperando para conseguir certos produtos, principalmente o açúcar, este considerado aqui, na Polônia, como ouro branco. O preço não era nada acessível, sem contar que mal chegava e já acabava. O pior de tudo isso era ficar tanto tempo esperando para então aparecer um senhorzinho ranzinza dizendo que os vales acabaram. Isso aconteceu várias vezes com a minha avó, e ela disse que ninguém pode falar nada. Ai de quem ousar reclamar!

12/11/2020 23:17:13

Bom, mais cedo ou mais tarde, chegaria a minha vez de enfrentar isso e eu tentaria fazer dessa má sorte uma experiência menos traumática possível. Quem sabe não seria legal? Isso que eu chamo de pensamento otimista, mas eu precisava mesmo me distrair e pensar em outras coisas, além do paradeiro de meu pai.

Vovô Wicenty ia levar minha avó à escola. Aproveitei para pegar uma carona com eles, já que a praça ficava um pouquinho antes. Meu avô estava com tanta pressa de retornar aos seus afazeres que, ao sair, nem olhou direito a estrada e chegou a raspar o pneu no barranco, e a cada buraco que ele passava, batíamos a cabeça no teto. Durante o trajeto, andava com os dedos cruzados, torcendo para que aquela loucura não terminasse com um pneu furado. Afinal, a caminhoneta era tão antiga quanto o nosso relógio cuco.

Cheguei antes das oito da manhã e a fila já contornava o quarteirão. Respirei fundo e comecei a observar todo o cenário que me envolvia. Confesso que aquilo não ajudava! O dia nublado, os prédios cinzas, as indústrias cobertas por fumaça, as pessoas desanimadas e não sorriam, pareciam estar apreensivas e as ruas eram ocupadas por alguns tanques de guerra.

Aqueles tanques eram assustadores, tão grandes e resistentes, ficava me perguntando: O que tinha dentro daquelas máquinas? Quais segredos eles poderiam ocultar naquele veículo tão tenebroso que aterrorizava as pessoas na rua? Seria esse o motivo de tantos semblantes amedrontados? Será mesmo que eles garantiam a segurança do povo polonês? Ou será que é para lá que vão as pessoas que desaparecem?

ultima edit2.indd 80-81

Resolvi fechar os olhos e concentrar-me no som que me cercava, e para minha surpresa, ficou pior. O vento frio uivava naquela esquina e os tanques de guerra ficavam mais barulhentos ainda de olhos fechados. As indústrias não são lá as mais silenciosas, contudo, o que mais me incomodava era uma senhora que também estava ali e não parava de murmurar.

Nada daquilo estava bom, então, talvez, eu devesse olhar as coisas por outro ponto de vista. Pois bem, decidi me virar para o outro lado e com isso me coloquei contra a ventania que levou meu lenço embora, deixando minha cabeleira esvoaçante pelo ar. Nessa hora, todos os olhares se voltaram para mim, a garotinha ruiva da fila do vale. Eu era única naquela comunidade toda. Não havia ninguém parecido comigo.

Subitamente, uma senhorinha que estava ali virou-se para trás, olhou em minha direção e começou a falar sem parar:

— Oi, sou a Dorotha, amiga de sua avó Aurora. O que aconteceu que ela não veio hoje? Ah, quem me dera que eu também tivesse uma neta para ficar aqui na fila. Estou tão velha e cansada, que mal aguento com o peso do meu próprio corpo. Meus joelhos já estão desgastados, minha coluna então ... nem se fala, parece um anzol. Semana passada perdi o dia todo em uma tentativa infeliz de conseguir uma consulta, pois não temos muitos médicos e os remédios que ando tomando não estão aliviando as dores diárias que vêm de brinde com a velhice. Um dia você vai entender o que eu estou falando, Helena!

— A senhora sabe quem sou eu? Minha avó não veio porque

12/11/2020 23:17:13

foi em uma reunião em minha escola. São muitos os seus problemas de saúde, não é mesmo?! Sinto muito. Se fosse possível pegaria dois vales e daria um para a senhora, assim não precisaria mais ficar aqui, mas infelizmente eles são rigorosamente controlados pelo governo, pelo menos é o que vovó vive dizendo.

— Sim, minha querida. Isso é muito burocrático. Ah, e claro que te conheço, sua avó sempre fala da netinha ruiva dela. Além do mais, tirando as sardas e a cor de seu cabelo, você é muito parecida com o seu pai. É educada, gentil, sempre tentando fazer o bem e tem até a mesma marquinha próxima da boca.

Bendito seja! Passei a mão maravilhada naquele meu pequeno detalhe que, até então, era só mais um defeito. Mas, agora, era como se aquilo fosse um presente e me tornasse especial. O Onipotente colocou essa senhorinha aqui para falar sobre o meu pai. Só pode ser isso.

— O que a senhora sabe sobre o meu pai? – perguntei gaguejando.

— Ah, é um homem justo, vigoroso, valente e cheio de vida!

— PRÓXIMO, PRÓXIMO! – esbravejou o distribuidor dos vales duas vezes, completando que se dona Dorotha não quisesse era para dar o lugar para os outros, e que ali não era local de conversinhas.

Com isso, alguns soldados já se aproximaram perguntando se havia algum problema. Abaixei minha cabeça, entreguei todos os documentos que havia trazido para a conferência e então, com meu

ultima edit2.indd 82-83

vale em mãos, fui para a outra fila retirar o açúcar.

Mais uma fila, Dorotha e eu estávamos juntas novamente. Devido ao que acontecera minutos antes, nem ousei abrir o bico. Além disso, um soldado estava o tempo todo espiando, e a minha família sempre me orientou que não podemos ficar tagarelando pelas ruas em razão de que vivemos em um regime rígido. Admito que não faço ideia do porquê disso, porém, como sou apenas uma criança, preciso obedecer.

Após uma longa espera nessas duas filas, eu estava com o açúcar em mãos. Preparei-me para retornar ao campo, mas percebi que dona Dorotha não estava conseguindo carregar o saco de açúcar, seus braços tremiam, seus passos eram lentos, e sua coluna parecia a letra S, de tão torta. Além disso, eu precisava conversar só mais um pouquinho com ela, mesmo que de maneira discreta. Seguimos o mesmo caminho, e ela andava muito devagar em um alto nível de exaustão. Então, perguntei bem baixinho:

— Dorotinha, a senhorinha poderia me contar mais um pouquinho sobre o meu papaizinho?

Ela parou de andar, deu um sorrisinho amarelo e disse:

— Aaai aai... Ou eu ando... ou eu falo... Estou esbaforida, minha filha. Mas, se você quiser ir até minha casa amanhã, eu te conto o que eu sei.

Senti muita pena daquela pobre senhorinha, tão idosa e sozinha. Resolvi acompanhá-la até sua casa e carregar seus mantimentos. Ficamos em silêncio por todo o caminho, mas os olhares

12/11/2020 23:17:13

gentis e os sorrisos bondosos diziam muito mais que palavras. No outro dia, eu voltaria para ter mais informações sobre o meu pai, já que ela, naquele momento pelo menos, era a pessoa que tinha mais informações sobre ele.

Quando estava perdendo as esperanças, o destino mostrou que estava a meu favor. Pode ser que amanhã seja melhor do que hoje!

ultima edit2.indd 84-85



7

A partida

ultima edit2.indd 86-87

A volta para casa foi de muita reflexão. Distintos questionamentos afloravam em meu pensamento: qual a razão das coisas serem daquele jeito? Quem achou aquilo uma boa ideia? Ninguém pensou nos idosos ou nas pessoas que trabalham e não podem passar horas naquelas desmedidas filas? Por que tudo era tão difícil? Por que existem pessoas tão rudes e desagradáveis? Elas já nasceram assim ou se tornaram quando adultas? Eu também serei assim quando crescer?

Prometi a mim mesma que jamais seria uma pessoa má, cada um é único e não precisa humilhar ninguém para sentir-se superior. Somos filhos do mesmo criador e um de seus ensinamentos é respeitar o próximo. Vovô Wicenty sempre diz que a nossa vida é como a colheita, depois da plantação vem o resultado da semeadura, e ele sempre tem razão. A vida sempre retribui de alguma maneira o que foi feito no passado, sendo bom ou ruim. Toda vez que penso isso, relaciono com uma das fábulas de Esopo, que a professora Alicja insiste em contar quando alguém quer ser melhor que o outro:

"Um leão, cansado de tanto caçar, dormia espichado à sombra de uma boa árvore. Vieram uns ratinhos passear em cima dele e ele acordou.

Todos conseguiram fugir, menos um, que o leão prendeu embaixo da pata. Tanto o ratinho pediu e implorou que o leão desistiu de esmagá-lo e deixou que fosse embora.

Algum tempo depois, o leão ficou preso na rede de uns caçadores. Não conseguia se soltar, e fazia a floresta inteira tremer

12/11/2020 23:17:17

com seus urros de raiva.

Nisso, apareceu o ratinho. Com seus dentes afiados, roeu as cordas e soltou o leão.

O ratinho pode ser comparado a aquelas pessoas menos favorecidas, injustiçadas por uma sociedade tóxica. Ah... se o leão pudesse imaginar que um mero ratinho teria o poder de salvar a sua vida.

Que bom seria se todos soubessem que os papéis podem se inverter a qualquer instante".

Ao chegar em casa, fui surpreendida com um presente vindo de minha avó, tratava-se de um lindo lenço da minha cor favorita, rosa pink, com bolinhas brancas, detalhado com alguns trançados nas pontas.

— Você é surpreendente, vovó! Enquanto estava na fila do vale-açúcar, o vento levou o meu lenço embora. E agora a senhora me presenteou com um novo. Tem algum motivo para tanto mimo?

— Conversei com os seus professores na reunião e fiquei muito contente. Por isso, comprei esse presente para parabenizá-la por ter sido uma aluna excelente. A professora Alicja te elogiou bastante! Disse que é muito curiosa e que gosta de aprender.

Fiquei radiante com as palavras da professora. Não via a hora de retornar à escola para agradecer-lhe com um carinhoso abraço e um pedaço de broa da minha avó.

ultima edit2.indd 88-89

— Obrigada mesmo, vovó! Adorei o lenço. Mal posso esperar para usá-lo.

— Você parece ter vindo do espaço de tão esperta, menina! - Afirmou vovó com uma das frases de Theo.

— Não sei se sou esperta o suficiente, vovó. Após um trabalho que a professora passou, fiquei muito intrigada, visto que o galho pertencente ao cargo do meu pai estava vazio e eu não soube a resposta correta. Não consigo parar de pensar nesse assunto.

Vovó não se pronunciou sobre o meu comentário, apenas engoliu seco, olhando para baixo.

— Esperta, Helena, esperta! - Repetiu Barth, que estava no chão da cozinha.

Rimos daquele papagaio tagarela e inteligente. Fui ajudá-la com os recortes de tecido que iria usar para fazer alguns trajes de cosmonauta para Theo. Ele é tão envolvido com essas coisas, que nem precisa da roupa, porque acaba viajando até mesmo dentro do nosso sítio e nem sequer precisa delas.

Aproveitei aqueles instantes para saber o porquê de estarmos vivendo em um momento de colapso em plena década de 70, em que a escassez e os preços dos produtos só aumentam. Vovó me disse que temos sorte em morar no campo, uma vez que temos vários alimentos, os quais a maioria da população não tem acesso, pelo fato de morarem na cidade, e assim devem se contentar com o que o governo libera. Tudo falta e é muito regrado.

Destacou que tudo isso faz parte do governo comunista e que

12/11/2020 23:17:17

são consequências que vêm se arrastando desde o tempo da guerra. Acredita, também, que tudo se finde logo, pois o povo já está farto dessa situação, e que não demoraria a chegada de mudanças.

— Revolução seria ter mais fartura e benefícios, né?! - Ressaltei só para confirmar que já sabia.

— Minha netinha, suas perguntas nunca acabam. Posso te dizer que o povo clama por dias leves, anseia por dias melhores, igualitários e mais justos.

— Agora ficou mais claro, vovó! Caso aconteça essa revolução, eu participarei, poderei até ser uma líder e impor todos os ideais do povo polonês para a construção de uma sociedade mais ativa que luta pelos seus direitos. A primeira coisa que vou fazer é retirar aquelas filas incômodas e demoradas. Para que tanta burocracia?

Depois de pensar tanto a favor das pessoas, pude concluir que somos abençoados, pois temos um sítio com terra fértil. Nem é tão grande assim, no entanto temos de tudo um pouquinho. Temos as terras que nos ofertam batatas, beterrabas, pimentas, alhos, amoras, morangos, maçãs e os mais diversos tipos de cereais, e até uma vaquinha que nos dá leite.

Em meio a esse agradável diálogo, lembrei-me do que tinha acontecido na fila. Contei à vovó que havia encontrado sua amiga, uma senhora muito bacana, que questionou a sua ausência. Disse também que havia ficado espantada com a sua memória, ela sabia até o meu nome. Acho que seu nome é Do, Dorinha, Dona, Dona Otta.

ultima edit2.indd 90-91

— Você quer dizer Dorotha?

— Isso mesmo! Ela estava um pouco doentinha, disse-me que era uma simples gripezinha, porém aparentava estar bastante debilitada e com muita falta de ar; parava para descansar a cada passo dado, pois não aguentava com o peso do saco de açúcar. Então, carreguei-o até a sua casa.

Vovó se sentiu desestabilizada. Imediatamente respondeu-me:

— Dorotha era uma mulher cheia de saúde. Esses dias percebi que ela não estava bem, mas não perguntei nada para não ser inconveniente. Imaginei que logo estaria boa. Sinto gratidão por ela, aliás, foi ela que me ensinou os mais difíceis pontos de costura. Como retribuição de tudo que ela fez por mim, antes do pôr-do-sol, prepararei uma sopa de chucrute que ajudará a fortalecer os ossos e aumentar a imunidade. E amanhã cedinho, darei um jeito de levar para ela.

— Fique em paz, vovó! Eu mesma levarei. A senhora precisa descansar essas pernas inchadas, e assim farei uma boa ação neste Shabat.

Essa seria a chance perfeita para descobrir o que ela sabe sobre o meu pai, além disso, eu realmente senti um pouco de preocupação com a indisposição de dona Dorotha, que já tem uma idade avançada e não é nada bom ela ficar sozinha nessas circunstâncias.

A manhã seguinte chegou, era sábado, o Shabat para nós judeus. Um dia de descanso dedicado ao divino, voltado à absten-

12/11/2020 23:17:17

ção das ocupações do trabalho. Devemos estar engajados com as atividades de repouso, para honrar o dia de adoração, praticando o reconhecimento e respeito do próprio ser e, principalmente, tirando um tempo à leitura e aprofundamento da nossa religião.

Ao levantar, lembrei-me que os moradores da cidade têm poucos alimentos, então resolvi pegar algumas verduras que estavam no cesto para levar junto com a sopa até a dona Dorotha.

A sopa de chucrute já estava posta em uma vasilha, enrolada em um pano de fibras de algodão. Coloquei-a com cuidado na cestinha da minha bicicleta, junto com os alimentos colhidos. O Shabat era um dia muito importante para mim, por isso aproveitei o percurso para meditar, desejando que as informações sobre o meu pai fossem boas.

De repente, senti uma fresca brisa tocar o meu rosto, uma melodia angelical invadia os meus ouvidos e o meu corpo todo se arrepiou, como se por instantes eu deixasse de pertencer a esse mundo. Parei imediatamente para ver o que estava acontecendo. Muitas dúvidas vieram à minha cabeça: isso que senti em meu corpo seria um delírio ou fruto da minha fértil imaginação?

Não consigo explicar, mas de alguma forma aquilo era uma mensagem que me fez sentir o vigor da existência de meu pai. Imediatamente me recordei das palavras da dona Dorotha dizendo que ele é um homem cheio de vida, ou seja, ele está vivo e ela sabe disso. Apressei-me para tirar essa história a limpo, queria encontrar respostas sobre ele o quanto antes.

Ao me aproximar da casa daquela senhora, notei uma movi-

ultima edit2.indd 92-93

mentação diferente e fiquei a imaginar o que esse tanto de gente faz aqui se dona Dorotha mora sozinha? Bom, vai ver ela está se mudando para a casa de algum familiar e esse é o pessoal da mudança, ou então transformou sua casa em uma pensão com a intenção de ganhar um dinheirinho extra. Decidi então entrar e averiguar o que estava acontecendo.

Um senhor com sobretudo, chapéu, luvas e botas pretas, com os olhos avermelhados, como quem tivesse chorado horas e horas, barrou-me no portão dizendo que eu não poderia entrar.

— Sou amiga de Dorotha, vim trazer-lhe uma sopa e algumas verduras.

O homem, muito abatido, respondeu-me com a voz trêmula:

— Conhecendo-a não tenho dúvidas que ela ficaria imensamente feliz com esse ato vindo de você, menininha. Mas ela não vai conseguir te receber.

— Imagina, não tem problema! Espero aqui fora, até que ela possa me atender.

Era estranha aquela movimentação, todos estavam em silêncio. Fiquei aguardando o que aquele senhor iria falar.

— Infelizmente, ela não está mais presente entre nós. Recebeu um convite dos céus, e descansará em um sono eterno.

Percebi na fala daquele senhor, muitos eufemismos, talvez fosse uma alternativa para aliviar o peso sobre o falecimento.

Paralisei completamente, como se tudo tivesse ficado escuro

12/11/2020 23:17:17

e eu estivesse perdida, sem chão e totalmente sozinha. Minha vida parecia um labirinto, cheio de entraves, nunca conseguia achar o caminho correto para a completude do sonho de estar com meu pai. A cada dia que passava, eu confirmava a hipótese de que o universo conspirava contra mim, a cada dois passos à frente, voltava três para trás. Será que a vida estava dando um sinal para desistir, ou estava tentando mostrar que todos aqueles obstáculos serviriam de confirmação de que tudo valeria a pena?

Milhares de questionamentos invadiram meu pensamento: para onde ela foi? O que tem depois da morte? Quantos mistérios que nunca foram desvendados!

Concentrei-me no que estava acontecendo ao meu redor. Pobre Dorotha, estava sozinha no leito de sua morte. Que ela descanse em paz! Nem pude me despedir, tão pouco dar a ela a sopa que vovó Aurora havia preparado com tanto carinho, quem sabe a fortaleceria e revitalizaria, deixando-a mais forte. Procurei alternativas, porém agora não tinha mais nada a fazer. Estava tão próxima de descobrir sobre meu pai, e retornei novamente à estaca zero, porque ninguém além dela poderia me ajudar. Senti-me fraca e desencorajada.

Perguntei àquele homem onde seria o funeral de dona Dorotha, já que certamente minha avó perguntaria, e para a minha infeliz surpresa o homem respondeu que não haveria velório, pois ela não tinha nenhum ente querido vivo, todos morreram no período da guerra, inclusive o seu marido. Portanto, seria enterrada assim que retirada dali.

Voltei embora muito deprimida, já que tudo aconteceu di-

ultima edit2.indd 94-95

ferente do planejado e novamente a estrada se tornou o meu lugar de meditação. Como uma pessoa que até ontem estava conversando comigo, hoje não está mais entre nós? A vida é mesmo um sopro. Não consigo acreditar que Dorotha voltou para "casa", como dizemos em minha religião.

Por mais que a morte faça parte da natureza humana, ninguém está preparado para dizer adeus.

É feliz quem disse um dia: "Se a morte não tiver um sentido, a vida então seria um absurdo".

12/11/2020 23:17:17



8

Olhar de descoberta

12/11/2020 23:17:21

Uma clássica toalha rendada e as elegantes louças de porcelana, herança da minha falecida tia-avó Tarsila, faziam-se presentes em nossa mesa. Eram utilizadas apenas em refeições especiais, como as três do Shabat, e todos sabiam que era preciso ter total cuidado com essas peças, pois vovó as tratava com grande zelo.

Com as mãos lavadas, purificadas e prontas para receber o pão, ouvíamos as bênçãos recitadas por meu avô, enquanto cortava e dividia as fatias conosco. Vovô Wicenty me conhece melhor do que ninguém, e por mais que eu tentasse ser forte igual ele, meu semblante enlutado demonstrava que eu estava sofrendo pela morte de Dorotha. Então disse:

— Aquela senhora era muito boa e não gostaria de vê-la triste. A vida não dura para sempre, nós nascemos, vivemos, somos felizes e depois morremos. Dona Dorotha ficará para sempre em seu coração.

Logo, para aliviar o aperto que sentia em meu peito, tentou consolar-me com uma profunda reflexão, que se encaixava naquele momento. Segurando um pedaço de pão, perguntou-me:

— Leninha, minha menina de luz, responda-me uma coisa: o que fazemos com esse pedaço de pão antes de levarmos à boca?

Achei atencioso da parte de meu avô querer me distrair, ainda mais chamando-me pelo meu apelido de quando era pequenina. No entanto, essa pergunta não me ajudaria. Com um sorriso apático, respondi sem nenhuma perspectiva.

— Mergulhamos no sal e só então comemos como sempre,

ultima edit2.indd 98-99

vovô.

Ao responder, percebi que repetia aquele hábito por anos, sem ao menos saber o motivo. Mas esta era a hora perfeita! Não hesitei em perguntar:

— Vovô, por que temos que fazer isso? Sei que é uma tradição judaica repetida semanalmente em nossos shabatot, como, por exemplo, o uso de nossas vestimentas especiais, o quipá e o echarpe. Ainda assim, o senhor poderia me dizer qual seria o significado por trás dessa ação?

Barth, nosso papagaio, estava a ouvir nosso diálogo e, como um belo xereta que é, foi logo dando palpite:

— Curiosa, Helena, curiosa!

Theo riu, dizendo que ele estava certo, que eu sempre queria saber de tudo.

— Esse bicho fala mais que o próprio bico, eu ainda o penduro de ponta cabeça no poleiro! – Disse meu avô para assustá-lo.

É claro que ninguém jamais faria maldade alguma com o Barth. Ele era brincalhão assim mesmo, e por mais irritante que seja, nós o amamos muito. Posso afirmar o mesmo sentimento sobre o meu irmão, inclusive, parecia-me que eles se aliaram para me tirar do sério.

Em meio a risadas e caretas, meu avô nos olhou com seriedade e deu um simples toque em seu copo com a pontinha da faca, conquistando a atenção de todos para si, advertindo-nos apenas com o olhar, como quem diz que aquele momento não era para

12/11/2020 23:17:21

brincadeiras, e então voltou a falar:

— Helena, ser questionadora é algo incrível e possibilita-te alcançar coisas inimagináveis. Entretanto, tome cuidado, por nem sempre essa qualidade ser bem vista por aqui. Há muito tempo, eu tive essa mesma conversa com uma linda menininha, que cresceu e tornou-se a mulher que está sentada ao seu lado nessa mesa. Acredito que chegou o momento de ela contar o motivo de mergulharmos o pão no sal antes de o comermos.

Olhei para minha mãe e ela estava sorrindo com uma lágrima de emoção escorrendo sobre o rosto. Desse modo, começou a falar:

— Lembro-me tão bem daquela noite! Sem dúvidas, uma das mais frias. Tínhamos muito menos do que temos hoje, porém o amor que sempre nos uniu era maior que tudo. Estava no início da minha adolescência, tinha pouco mais que a sua idade, Helena, e inúmeros conflitos internos roubavam a minha paz. Um pouco antes de dormir, estávamos em volta da lareira, tomando um chá quentinho e tendo um momento de reflexão, quando seu avô, com sua extrema sabedoria, deu uma explicação sobre o uso do sal e do pão e eis que aprendi uma inesquecível lição. Carrego comigo a todo o momento, e a cada shabat, ao repetir esse ritual, reforço o que aprendi. Escutem este ensinamento com muita atenção, meus filhos, principalmente você, Helena, que está em um momento de tristeza. Vamos lá! O pão representa a parte boa, a bondade da vida, e o sal representa a parte severa, a severidade da vida. Agora reflitam: ao mergulharmos o pão sobre o sal, colocamos a bondade acima da severidade, e assim, tudo fica mais fácil, uma vez que de-

ultima edit2.indd 100-101

vemos considerar que existem mais coisas boas do que ruins e essas sempre devem ser superiores.

Faltavam-me palavras para expressar tamanha gratidão. Eu queria ser destemida igual a minha mãe. Quando ia agradecê-la, minha avó Aurora, até então calada, disse:

— Lembro-me desse dia e também aprecio esse fundamento, apesar de achar um pouco místico e diferente do significado que ouvi lá na sinagoga: um antigo rabino dizia que o sal nunca estraga e jamais perde o seu sabor, dessa mesma forma é a durabilidade da relação entre o criador e o seu povo. Além do mais, será que o sal é tão severo assim? Imaginem todos esses alimentos insípidos.

Todos aqueles significados faziam sentido para mim e muitas outras metáforas começaram a surgir em minha mente, quando meu avô acrescentou:

— Em meio a tantos significados, o que sabemos é que o sal deve se fazer presente em todas as oferendas no altar, nesse caso, na mesa. Entendeu o que representa essa simbologia?

— Sim, vovô. Amei os ensinamentos! Eles serão muito utilizados por mim. Guardarei para sempre e espero um dia transmiti-los aos meus filhos, como a mamãe fez. Além disso, esse momento de comunhão e discernimento representa o elo, único e especial, que existe entre nós.

Imediatamente, o assíduo pássaro-cuco saiu de sua casinha com seu canto corriqueiro, indicando que era hora de se apressar. Até porque já era a segunda vez que ele dava o ar da graça, desde

12/11/2020 23:17:21

que nos sentamos à mesa. Vovô pôs-se em pé, olhou apreensivo para o relógio na parede, insinuando que fizéssemos o mesmo, pois um homem tão pontual quanto ele jamais poderia se atrasar para uma celebração religiosa. Apressou-nos dizendo:

— Hoje nossa refeição demorou mais que o habitual, precisamos nos apressar para chegarmos a tempo na sinagoga. Helena, vejo que aparenta estar melhor, acredito que poderá nos acompanhar. Ajeite-se depressa! – Deduziu vovô.

A falta de entusiasmo tomava conta de mim, fazendo com que as minhas noções ficassem fora de ordem. Necessitava ficar um tempo sozinha para aprender a lidar com o luto que me afligia e retirar a expressão de tristeza que habitava em minha face. Além disso, os episódios que me rodeavam, os planos de encontrar meu pai estavam quase arruinados, mas, assim como o pão e o sal, deixaria a parte boa por cima, e me concentraria no fato de que ele está vivo.

Vovó Aurora contrariou o desejo do meu avô, foi tão piedosa ao dizer que seria melhor eu ficar em casa e descansar um pouco, já que eu tinha vivido emoções demais por um dia e deixar de ir ao templo apenas naquele sábado não resultaria em um castigo divino. Beijou-me à testa, e despediu-se, dizendo Shalom. Agradeci e confiei que a paz estaria comigo. A não ser pela zombaria do meu irmão dizendo para tomar cuidado com os monstros verdes, os tais dos alienígenas.

— Theo, não assuste a sua irmã! Essas criaturas só existem na sua cabeça, que vive dando voltas no espaço, até parece um zoológico de extraterrestres. Deixe de bobagem e vamos logo, que o

ultima edit2.indd 102-103

vovô já nos aguarda com a caminhoneta ligada. - Disse minha mãe repreendendo Theodor.

São raros os momentos que fico desacompanhada em casa. Fui tomada por um alvoroço de emoções que envolviam muita liberdade e tranquilidade, por estar a sós comigo mesma.

Marchei até a prateleira, que era um dos lugares mais cuidados da casa, já que eu não deixava nenhuma poeira se acumular em meus livros, até porque a minha meta era ler uma obra por semana. Agarrei um dos meus favoritos, na tentativa de me esquecer dos impasses que não saíam de minha cabeça. Através dos livros eu conseguia viajar para mundos desconhecidos, visitava diversas culturas e ia do passado ao futuro ao virar uma página.

Com o passaporte em mãos, ou melhor, o meu exemplar, que relatava a história da fantástica fábrica de chocolates, dirigi-me à sala, onde a claridade era perfeita para ler e deitei-me no sofá. Senti meu corpo suavemente se encaixando entre as tábuas do assento, quase salientes, devido à gasta e fina camada de espuma que as cobriam. Por sorte, um velho acolchoado de retalhos, posto por cima, garantia o meu conforto e tornava aquele clima propício para uma boa leitura.

SINOPSE

" [...] Ninguém sabia o que acontecia dentro daquela fábrica de chocolate. Havia gente trabalhando nela, claro, mas ninguém entrava e ninguém saía. Só saíam os doces e os chocolates, bem embrulhadinhos, prontos para serem vendidos. Um dia, os portões da fábrica se abriram para os cinco felizardos ganhadores do

12/11/2020 23:17:21

Cupom Dourado – e o mistério se desvendou."

Ah... Sou apaixonada por este mundo de fantasias! Em menos de um minuto de sinopse, confesso que estou entusiasmada para devorá-lo muito antes do previsto. Contudo, aquele ambiente estava favorável para uma boa soneca e meus olhos pesados colaboravam para isso. Virei de lado, encolhi-me, e acabei adormecendo.

PLOFT, PLOFT, PLOFT! Mal havia cochilado e acabei despertando com alguns barulhos, que surgiam em outro cômodo da casa. Fiquei quietinha escutando e percebi que vinham do quarto de mamãe. O que poderiam ser esses ruídos? Seriam os monstros verdes do qual Theo tanto falava? Eles existiam mesmo? Comecei a divergir com os meus próprios pensamentos: para de besteira, Helena! Você é uma menina forte, e além do mais todas as janelas estão abertas, pode ser que o vento tenha derrubado alguns objetos lá no quarto.

Movi-me na pontinha dos pés para não fazer barulho; parecia que aquele corredor enorme com assoalhos desnivelados nunca iria acabar. Levemente, encostei minha coluna na parede, e fui me arrastando até o batente da porta na tentativa de espiar o que estava acontecendo, mas o nervosismo tomou conta de mim ao ver pelo buraco da fechadura que a janela do quarto estava fechada. Que estranho! As coisas não caem sozinhas.

— Quem está aí? – Gritei.

Nem sei porque eu fiz essa pergunta tonta, uma vez que o silêncio só serviu para me deixar mais aflita. Como a garota aventureira que sou, não poderia perder uma aventura no mundo real. Este

ultima edit2.indd 104-105

era o meu momento, eu seria lembrada por todos como a menina ruiva, heroína da Estância Bennet.

Por sorte, eu sabia que vovó sempre deixava uma vassoura atrás da porta, com o intuito de espantar as visitas desagradáveis, principalmente a dona Augustyna, uma senhora fofoqueira e invejosa. A cada visita dela, seus cinco gatos iam juntos, deixando seus rastros em todas as muretas da casa, que eram impecáveis devido à obsessão por limpeza de vovó Aurora. Ela ficava furiosa, principalmente com a desculpinha tosca daquela senhora que levava muitas nozes, e nós nem gostávamos tanto assim, elas chegavam a mofar dentro da geladeira. Como se não bastasse, seus olhos ficavam rodeando cada cantinho de nossa casa; ela decorou até as cores dos panos de prato que ficavam em cima do fogão. Pelo menos existe um lado bom em tudo isso: somos ensinados a tomar cuidado com a inveja, visto que ela pode definhar as pessoas sem ao menos perceber que ela se faz presente.

Peguei a vassoura, cobri-me de bravura e invadi o quarto em busca do terrível, aterrorizante, abominável e impiedoso invasor. Lá estava ele com toda sua fúria, devorando, engolindo e não parava nem para respirar. Parece que a minha presença nem o incomodava. Oh! Que vilão abelhudo!

Entrar no quarto dos outros assim é ser muito bisbilhoteiro. Ai, Barth! Mamãe vai ficar furiosa ao ver a bagunça que você fez e, se isso ainda fosse pouco, devorou os cereais que ela leva para lambiscar no trabalho. Comecei a apanhar os objetos que havia derrubado da penteadeira. Enquanto isso, ele achava graça da sua própria

12/11/2020 23:17:21

traquinagem e das minhas broncas, enquanto eu dizia:

— Dessa vez vou te acobertar, Barth! Senão a mamãe vai te esganar!

— Barth, bisbilhoteiro. Barth, bisbilhoteiro. – Repetia ele, sem entender o que eu estava falando.

Prontinho! A penteadeira da minha mãe estava impecável novamente, com exceção da última gaveta que estava emperrada e aquilo me causava um extremo incômodo. Comecei a puxar, empurrar e bater. Cansada, sentei no chão e encostei-me à cama. Ao olhar para a vassoura, tive uma grande ideia: ela não era apenas a minha proteção contra o suposto intruso, eu poderia utilizá-la como uma alavanca e com muito esforço consegui desemperrá-la. Visualizei um repartimento empoeirado, cheio de bugigangas velhas.

— Tanto esforço para nada, achei que encontraria alguma pista sobre o meu pai.

De repente, uma barata nojenta passou pelas minhas mãos, subindo em meus braços. Eu podia sentir suas seis pernas finas ganhando velocidade. Meu corpo se arrepiou e comecei a sacudir sem parar, enquanto Barth olhava para mim e ria sem ao menos disfarçar. Quando estava em direção aos ombros, consegui apanhá-la. Subitamente, joguei-a para longe do meu corpo, que ainda estava estremecido devido ao susto.

Nossa! Se aquela barata entrasse pela minha cacharrel, a situação ficaria ainda mais catastrófica. No meio desse alvoroço, acabei derrubando tudo o que estava dentro da gaveta e, por acaso,

ultima edit2.indd 106-107

encontrei uma chave, com características bem peculiares. Era feita de material rígido e uma parte dela remetia à aparência de um belo botão envelhecido.

Ao mesmo tempo que a observava, lembrei-me do antigo sótão que sempre ficou trancado. Eu e meu irmão já tentamos entrar lá várias vezes, e todos diziam que haviam perdido a chave daquela fechadura. Mas, mesmo assim, morríamos de curiosidade para saber qual segredo aquele local escondia, poderia ser um portal para outra dimensão, ou até mesmo seria um indício de que eu poderia alinhar as engrenagens de minha vida. Não custava tentar, aquela chave abriria alguma coisa, e eu descobriria o quê.

12/11/2020 23:17:21



9

Cômodo mal-assombrado

12/11/2020 23:17:25

Entre tecidos de voil, enormes e macios, que exalavam um cheiro marcante de baunilha, olhei pela janela e pude contemplar o grande gramado verde com belos narcisos brancos e amarelos, que enfeitavam a entrada do nosso sítio, e o ar puro que adentrava a casa era das árvores que nos proporcionavam uma brisa suave diferentemente da cidade, onde tudo tem odor de poluição. Percebi que vovô esqueceu de trancar a porteira, o que raramente acontecia, ainda mais por ter aceitado que eu ficasse sozinha.

PIMBA! Tive uma grande ideia, dei-me conta de que se eu trancasse a porteira, eles teriam que me chamar, o que significava que eu não seria pega no flagra. Entretanto, para que isso acontecesse, era preciso verificar se haviam deixado a chave, pois, caso contrário, meus planos iriam por água abaixo. Para minha sorte, a chave estava em cima da mesa. Então, imediatamente corri pelo caminho de pedras para trancar a porteira; fui num pé e voltei no outro, e graças ao divino não pisei em falso devido à velocidade de 50 km/h que fui até lá.

Saí gritando Barth por toda a casa, convidando-o para me fazer companhia e ele pregou-me uma peça. Aquele papagaio danadinho estava a todo tempo atrás de mim, e ainda me deu um susto quando gritou meu nome, em alto e bom som:

— HELENAAAAAAA! HA HA HA HA HA! TE PEGUEI! TE PEGUEI!

Por mais irritante que fosse, ele era a alegria dos meus dias, não deixava-me sentir solitária. Sabe aquele melhor amigo em que você confia para contar todos os seus segredos? Então, esse é o

ultima edit2.indd 110-111

Barth.

Caminhei em direção à porta que dava acesso ao porão. Minha cabeça girava, acho que o nome daquilo era ansiedade. Mamãe sempre fala que sou uma menina ansiosa e afobada demais, e às vezes tenho que dar mais tempo ao tempo. Mas, como não poderia deixar aquele momento passar, beijei a chave já em minhas mãos, pedindo sorte e torcendo que ela fosse a correta. Nem mesmo Theo conseguiu achá-la, e olha que ele tinha solução para tudo.

Minhas mãos estavam trêmulas e geladas, balançavam sem parar. Nessa hora, o nervosismo tomou conta e a cada tremida que eu dava, mais uma vez errava o miolo da fechadura. Concentrar-me parecia uma eternidade. Resolvi fechar os olhos, respirar bem fundo e, para a minha surpresa, a chave encaixou e girou sem nenhum impedimento.

Barth parecia estar entendendo tudo. Seus olhos se arregalaram iguais aos meus. Apanhei-o e coloquei-o em meu braço, para que finalmente pudéssemos entrar.

Tudo que pude avistar era um cômodo escuro e sombrio. Dei um passo e acabei tropeçando em um degrau que estruturava uma escada em formato circular. Levantei-me rapidamente, na tentativa de não me desequilibrar, pois do jeito que sou azarada era capaz de acontecer mais alguma atrocidade. Desci somente mais uns quatro degraus, quando de repente pisei em algo gosmento; meu sapato havia grudado. Deixei-o e saí pulando em um pé só até o meu quarto.

O porão não tinha lâmpada, e como não tínhamos lanternas, peguei um abajur de bronze, bem antigo, que foi deixado de heran-

12/11/2020 23:17:25

ça pela minha bisavó. Ele funcionava a base de pilha e assim eu poderia levá-lo para me auxiliar a não pisar em algo cortante; além do mais, estava curiosa para saber o que acabou prendendo o meu sapato. Observei então que se tratava de uma cola para ratos bem velha que estava grudada no chão, provavelmente há muito tempo.

Na tentativa de retirá-lo, agarrei-o com força e o puxei, desequilibrei-me e saí rolando as escadas, ainda bem que eram poucos degraus. Como se não bastasse, minha cabeça bateu na parede, que era de madeira velha, e percebi que ela, por mais estranho que pareça, estava um pouco frouxa. Levantei-me, passei a mão em minhas roupas para retirar a sujeira, mesmo que fosse uma tentativa falha, devido ao fato de que havia me sujado inteira.

Conforme eu andava e observava tudo ao meu redor, via móveis antigos, vasos de porcelana, porta-retratos jogados no chão, roupas e panos cobrindo móveis descascados pelo tempo. Enquanto isso, as armações de fios de seda que estavam por toda a parte enroscavam-se no meu tronco, significando que ali existiam milhares de aranhas e os barulhos de gotejo deixavam aquela parte da casa ainda mais sinistra.

Aquilo era assustador, parecia que estava em um filme de terror e que a qualquer hora alguém poderia puxar os meus membros inferiores. Por mais que ninguém estivesse em casa, meus passos eram na pontinha dos pés como bailarina. Já que ninguém nunca havia me deixado entrar nesse cômodo, era óbvio que eu não podia estar lá.

De repente, percebi um papel de parede, já desgastado pelo

ultima edit2.indd 112-113

tempo. Seus desenhos eram em estilo clássico, porém algo me intrigou: suas bordas estavam repuxadas, como se alguém quisesse esconder algo. Não pude me conter. Arrastei um criado mudo próximo da parede. Enquanto isso, Barth fazia a festa dizendo:

— De novo... De novo...

— De novo, o quê? – Perguntei intrigada, mas ele não me respondeu.

Poxa vida, fiquei pensando se Barth já conhecia aquele local. Será que eu era a única que nunca havia entrado lá? Preferi não me concentrar nisso, queria mesmo ver o que tinha por trás daquele papel. Comecei a rasgá-lo com as minhas próprias unhas, e a cada puxada aparecia uma nova fresta entre todas as madeiras que estavam pregadas para formar uma porta. Era quase certeza que aquela barreira fora feita às pressas com a intenção de manter algum segredo.

Fiquei alguns minutos parada em sua frente, pensando no que eu poderia fazer para chegar do outro lado, e o que estava ao meu alcance era arrombá-la. Com toda a minha força, fui até a outra parede, peguei impulso para correr e chutei a porta.

— Ufa! Consegui! Até que não foi muito difícil, já que estava mal pregada.

Poeira e mais poeira! Meu nariz não se aguentava, era um espirro atrás do outro.

— ATCHIM! ATCHIM!

A luz, por ser do abajur, era muito fraquinha. Meus olhos só

12/11/2020 23:17:25

viam a poeira que ficou contra a lâmpada, porque aquele cômodo escondido que eu havia encontrado era muito desalumiado.

O escuro representava os meus maiores sonhos e os meus piores pesadelos. Dei um passo para dentro, e travei; eu não poderia deixar meu subconsciente estar nas trevas também. Eu desejava que minha mente fosse constantemente luz, pois como diz na Torá, a luz sempre vence a escuridão, e, já que o cômodo estava escondido, será que a escuridão significava algum segredo? O que aquele escuro ocultava?

Eu havia ido longe, muito longe, não era hora de desistir e o medo não poderia me vencer, sou maior que ele. Estiquei meus braços e fui guiada pela minha intuição. Neste momento, usei muito um dos meus cinco sentidos, o tato, para sentir os objetos que tinham lá dentro: alguns deles eram minúsculos, outros eram arredondados, uns pontudos, e por acaso acabei encostando em um grande, com a textura parecida com paralelepípedos, com uma tampa que pouco se movia, mas que estava fechada por alguma coisa, acho que deveria ser um cadeado.

Era óbvio que aquilo se tratava de um baú. Seria de tesouros? O que eu encontraria? Será que alguém esconde zloty ou ouro? Ele era secreto, pois alguém o escondeu ali. Aliás, eu tinha que descobrir de quem era, queria adquirir a sabedoria do mistério. Eu estava muito concentrada, porém meus pensamentos foram interrompidos por gritos longínquos, que deveriam ser de Theo.

— Cabelo de fogooooo, abre logo a porteira! – Gritou ele.

— Como assim eles já chegaram? Será que o culto foi mais

ultima edit2.indd 114-115

curto que o normal? Logo hoje que eu precisava de um tempo mais extenso. Que massada! – Disse a mim mesma.

Mais que depressa, subi todas aquelas escadas, com Barth ao meu lado. Com o meu jeito estabanado de ser, o outro sapato ficou enroscado e quando o virei para retirá-lo, vi que se tratava de uma goma de mascar bem liguenta. Era perceptível a impossibilidade de retirá-la, visto que demoraria pelo menos uns cinco minutos. Ademais, se eu demorasse para abrir o portão, eles desconfiariam de algo e isso não poderia acontecer jamais.

Enquanto eu trancava a porta, dizia bem baixinho que eu voltaria, pois não havia desvendado todos os mistérios que havia lá dentro, e aquele baú aguçou ainda mais os meus instintos abelhudos.

Certifiquei-me de que tudo estava como antes, como quando a encontrei. Porta trancada e chave na gaveta. Fiz todo o possível para não deixar rastros pelo caminho, não podia deixar pistas, pois assim, descobririam que estive no tão misterioso porão.

Nunca corri tão depressa, estava quase sem fôlego quando cheguei para recebê-los, e de fato eu estava com uma aparência melhor do que antes.

— O que aconteceu cabelos de fogo? Já estávamos criando raízes aqui fora! - Disse Theo fazendo caretas.

— Realmente, a sua chatice se renova a cada dia, hein?! Você extrapola os limites.

— Parem de discussão, crianças. Nem parece que acabamos

12/11/2020 23:17:25

de sair de um momento de meditação, Theo. – Disse mamãe.

— Nesse ponto, tenho que concordar com o seu irmão. Qual o motivo de tanta demora, o que você estava fazendo, Helena? – Questionou meu avô.

— Ah, vovô, peguei um livro para ler, mas o cansaço venceu-me e acabei pegando no sono. – Afirmei.

— Fico feliz que conseguiu descansar, minha querida, estava preocupada. Enquanto meditava, minhas orações estavam voltadas totalmente para você. – Exclamou, minha avozinha.

Sinto-me tão privilegiada por receber tanto zelo de minha avó, meu coração transborda de amor. Ah, se ela soubesse o quão bom seria se eles tivessem demorado mais um pouquinho, eu poderia ter desenrolado mais essa charada que apareceu em minha direção. Agora, eu tenho mais um estímulo para gastar minhas energias, e vejo isso como uma meta gigantesca para aflorar minhas forças.

Enquanto eles entravam, fiquei refletindo. Muitas dúvidas invadiram minha mente, como: Quando poderei voltar lá? Terei que esperar outra oportunidade para ficar sozinha? Não, isso pode demorar uma eternidade, e o tempo é algo precioso para mim. Se bem conhecia a ansiedade que sempre tomou conta desse meu pequeno corpo, voltaria lá no mesmo dia. Aproveitaria a madrugada e esperaria o momento oportuno para visitar aquele cômodo novamente. Poderia ser que ali eu iria encontrar as respostas para todos os meus questionamentos, ou pelo menos para boa parte deles.

ultima edit2.indd 116-117



10

Busca pela chave secreta

ultima edit2.indd 118-119

Entre idas e vindas, eu me embalava como se pudesse tocar o céu. Meu corpo era meu aliado, impulsionava-me a ir cada vez mais alto e movimentava-me conforme o ritmo das nuvens. O vento suave beijava meu rosto e envolvia os meus cachos, que dançavam delicadamente soltos como em uma valsa descompassada.

Em meu pescoço, um colar de bolas vermelhas, que havia ganhado de minha mãe, no meu último aniversário, destacava-se sobre a minha camisa branca de algodão, com a gola e punhos feitos de ponto cruz. Um tipo de bordado que aprendi com minha avó, contrastando com o colete de veludo, decorado por mim com fitas, lantejoulas e miçangas.

Minhas mãos estavam firmemente agarradas à corda do balanço e, ao mesmo tempo, seguravam um lindo arranjo de flores, colhidas há pouco e envoltas por um laço de fita com um delicado laço dando destaque. Nunca me identifiquei muito com contos de fadas, pois quase sempre as aventuras dominam o meu ser. Mas, ali, naquele instante, de olhos fechados, sentindo o perfume do ramalhete se espalhando no ar, reproduzindo em minha mente a canção do polonês Chopin, o poeta dos pianos, sentia-me como uma verdadeira princesa de Zalipie, montada em um mágico unicórnio branco, voando entre nuvens e flores.

Dentre tantos sonhos que tenho, um deles é conhecer Zalipie, uma vila não tão distante daqui. Segundo a professora Alicja, é um lugar lindo, em que há flores por toda parte; no entanto, nem sempre foi assim: antes era tudo cinza, as paredes das casas eram tomadas por manchas de fumaças, por não terem chaminés. Foi en-

12/11/2020 23:17:28

tão, que mulheres e meninas passaram a cobrir os estragos com maravilhosas pinturas de pequenas flores, como peônias, rosas e lupinos.

Oh! Que doce e adorável manhã de domingo. - Pensei enquanto desfrutava daquele momento excepcional. Ao abrir os olhos, despedindo-me de meus devaneios, avistei nossa simpática morada, imaginando como ficaria repleta de flores pintadas nas paredes. Percebi que não havia necessidade, meu lar já estava perfeito. Sentia-me agraciada por viver ali com a minha família e cercada por uma paisagem memorável.

Definitivamente, não era uma vida luxuosa e os olhares preocupados dos adultos, quase sempre por falta de dinheiro, comprovavam isso. Por outro lado, esbanjávamos afeto e tínhamos bons exemplos a seguir. Certamente, virtudes que compensariam.

Sentado em um banco na varanda, meu avô Wicenty, usando sua tradicional camisa de flanela, estava calçando suas botinas e de longe acenou dizendo:

— Não balance tão alto! Essas cordas estão gastas e podem arrebentar.

Eu estava nas alturas, voando sem um pingo de medo. Contudo, depois desse conselho, dei-me conta que a brincadeira poderia acabar em uma trágica queda. Deveras, o balanço era antigo, já que foi construído para o divertimento de Theo, que hoje já está com fiapos de bigode e uma voz engraçada, ora grossa, ora aguda. Tudo começou com um resfriado que trouxe uma simples dorzinha de garganta e sua voz nunca mais voltou ao normal. Mamãe disse que

ultima edit2.indd 120-121

ele está passando por algumas mudanças internas e externas que são normais quando as crianças ficam adultas. Não quero nem pensar por enquanto, como também espero que as mudanças sejam apenas para os meninos. Afinal, tenho assuntos mais importantes para me preocupar.

Ao pensar em minhas aflições, com um olhar fixo em direção à casa, avistei o quase imperceptível basculante do porão, que estava camuflado devido ao crescimento das folhagens e imaginei me transportar para aquele lugar com apenas o poder do pensamento. Como um sopro, lembrei-me do mistério a ser desvendado e não podia perder tempo com aquelas brincadeiras de donzelas. Era preciso agir o quanto antes!

Após calçar as botinas, vovô foi ao galpão arrumar sua caminhoneta que, como sempre, estava dando problemas. Meu plano era ir atrás dele e oferecer ajuda, já que lá era o lugar em que guardava sua caixa velha de ferramentas misturadas com muitas bugigangas acumuladas. Talvez fosse ali, em meio a tantas tralhas, o esconderijo da chave misteriosa.

Cheguei de mansinho, como quem não quer nada, observando discretamente, pelo canto dos olhos, a infinidade de quinquilharias amontoadas. Com certeza, não seria nada fácil encontrar uma pequena chave no meio daquilo tudo. Foi quando me espantei com a pergunta de meu avô, feita em afinidade aos meus pensamentos:

— Essa bagunça na caixa lhe incomoda, não é mesmo, Leninha?

Balancei a cabeça afirmando que sim e, para disfarçar as mi-

12/11/2020 23:17:28

nhas verdadeiras intenções, disse com um olhar meio constrangido:

— Eu gostaria de organizá-la, há muitas coisas enferrujadas, estragadas e sem utilidade que a vovó sempre pede ao senhor para jogar fora.

Imaginei que ele sugeriria que eu a arrumasse, mas não foi bem assim. Ele resistiu, dizendo:

— Todas essas coisas guardam um significado para mim. São lembranças do meu passado, de lugares por onde andei, de experiências que vivi e de pessoas que conheci. Pode aparentar ser apenas antiguidades, mas é um pouquinho do que acumulei durante a minha trajetória. Estas coisas estiveram comigo nas horas boas e ruins, e por mais inúteis que possam parecer, um dia tiveram muita serventia e isso contribuiu valorosamente para tornar-me o experiente homem que sou hoje. Quando o meu corpo retornar ao pó, quero que você e seu irmão guardem isso como recordações minhas.

— Sinto muito, vovô! Eu não imaginava o quanto era importante. E por favor, não fale em morrer, porque minha vida seria um profundo mar de tristezas sem o senhor aqui comigo. Se não se importar, gostaria de ouvir as histórias por trás destes objetos.

E assim, passamos longas horas entre as narrativas incríveis que meu avô vivenciou. Algumas alegres, outras nem tanto assim. Sem dúvidas eram aventuras extraordinárias. Quando nos demos conta, após tanto revirar os objetos, tudo se armazenou em seu devido lugar. As lembranças, retratadas pelos pertences, encaixaram-se como em um quebra-cabeça dentro da caixa, a não ser pelo pequeno saquinho de estopa que ficou enroscado em uma farpa

ultima edit2.indd 122-123

na tampa do caixote e passou despercebido pelo meu avô.

Abracei-o, em sinal de minha extrema admiração e com uma das mãos, de forma sorrateira, tratei logo de pegar o saquinho sem que ele suspeitasse. Mas, que comportamento era esse? Eu não sou dissimulada! Tinha total consciência que minha atitude era completamente errada e definitivamente estava passando dos limites. Decidi devolvê-lo ao seu devido lugar, até porque não havia indícios de que teria uma chave dentro dele e meu avozinho não merecia uma neta que lhe causasse descontentamento.

Prestes a fechar a caixa, com seu jeito sagaz, vovô Wicenty notou a presença do saquinho e disse-me:

— Helena, o arrependimento é a chave que abre qualquer fechadura. Pelo reflexo do vidro da pick-up, eu vi o que você fez e que logo em seguida se arrependeu. Aqui dentro deste saquinho empoeirado tem uma chave. Carregue-a sempre consigo para lembrar-se desse ensinamento judaico.

Emocionada e envergonhada com o desfecho repercutido pela minha farsa, chorei diante da majestosa atitude do vovô. Ele era o homem mais puro, bondoso e sábio do mundo e, por me conhecer como ninguém, sabia quase todos os meus planos, sem que houvesse necessidade de contar. Contudo, não se opunha por acreditar que eu tinha o direito de buscar respostas, e em muitas vezes acabava até me ajudando, mesmo que sem admitir.

Coloquei a pequena e dourada chave como pingente numa pulseira e carrego comigo até hoje, simbolizando um amuleto. A todos que me questionam, recordo-me e conto com orgulho o seu

12/11/2020 23:17:28

real significado.

Com a chave pendurada em meu pulso, comecei a matutar: quando poderei voltar no porão? Quando terei outra oportunidade? Quem poderá me acompanhar nessa arriscada aventura?

Aproveitarei a madrugada para confabular um plano que nem mesmo Sherlock Holmes poderia desvendar. Além disso, aquele cômodo sombrio é digno de repulsa e não me sinto confortável para retornar sozinha. Talvez, Theo pudesse embarcar nessa misteriosa missão, já que sua inteligência e discrição o tornavam um bom aliado, mas, por outro lado, ele não é conivente com minhas descobertas e isso o tirava do posto de cúmplice ideal.

Para ser meu parceiro era necessário apresentar algumas particularidades: ser corajoso, atento, persuasivo e muito, mas muito estrategista. Hum! Percebi que sem querer acabei pontuando as características de Benjamin. Seria ele então o comparsa perfeito?!

Nunca me senti tão ansiosa! Faria no outro dia o percurso de ônibus ao lado dele, pois assim o colocaria a par de meus planos antes mesmo da chegada à escola. Esperando que os ponteiros do relógio trabalhassem a meu favor. Mal podia esperar pelo sim de Benjamin!

ultima edit2.indd 124-125



11

A tentativa

ultima edit2.indd 126-127

Os vibrantes cantos dos zorzais adentravam intensamente os meus tímpanos, proporcionando-me uma sensação de encantamento, como se estivesse dentro de um belo bosque com entoações aprazíveis. Despertei abrindo levemente meus olhos e avistei uma plumagem negra brilhante, com penas alongadas formando uma gola e uma bela cauda comprida. Aquela ave era muito astuta e perspicaz, poderia significar a magnitude de um dia de sorte.

— Nossa, que noite longa! Parecia mesmo que eu já havia dormido por dois dias seguidos.

Espreguicei-me lentamente, olhei para o relógio colocado em cima do criado mudo e, para a minha surpresa, acordei antes do horário previsto. Não sou muito programada, geralmente adoro ficar na cama olhando o nascer do sol. Diariamente agradeço pela vida. Nem todos têm esse privilégio, pelo fato de muitas vidas terem sido ceifadas e o olhar entristecido ainda pairar sobre toda a cidade que demonstra essa realidade chocante.

Enfim, levantei-me e já fui logo me ajeitando. Abri as portas do guarda-roupa e coloquei uma saia longa azul-marinho, uma blusa de tricô bege e o mesmo colete que havia usado no dia anterior, já que o correto era nos preocuparmos com o gasto exacerbado de água e sabão para lavar nossas roupas.

Chegou a hora de me apressar, passei pelo corredor como um vulto. Minha família só pôde observar um toque ligeiro dado na porteira, indicando a minha saída. Não esperei muito e o ônibus logo se aproximou. O seu Jayme mal tinha puxado a alavanca para abrir a porta e eu já tinha avistado o banco em que o Benjamin es-

12/11/2020 23:17:32

tava sentado. Cheguei ao seu lado e já comecei a falar:

— Benjamin você é imprescindível para que o meu plano se concretize!

Percebi que a minha afobação causou espanto nele, que ficou sem entender nada. No entanto, não dei espaço para perguntas e continuei tagarelando:

— Eu achei um... Espera! Primeiro, você precisa fazer um juramento de nunca contar esse segredo.

— Está bem! Eu juro de dedinho que não vou contar nada a ninguém. - Afirmou ele.

— É que encontrei um baú escondido dentro do porão de casa e tenho quase certeza que oculta confidências muito interessantes. Pode ser que lá tenha todos os propósitos incompreensíveis de minha vida, e por esse motivo é um cômodo sem acesso. Isso me dá quase certeza que escondem lá qualquer coisa que seja de meu interesse.

— Aonde você quer chegar com tudo isso, Helena? – Indagou-me.

— Estou querendo dizer que o baú estava trancado e dessa vez o universo conspirou ao meu favor. Enquanto ajudava o vovô Wicenty, fui presenteada com uma chave que estava dentro da caixa de ferramentas e agora a carrego comigo como um pingente, na intenção de me dar sorte.

— Ai, Helena, até isso temos em comum! - Disse.

ultima edit2.indd 128-129

— Olha, é este aqui! Sinto que essa chave me proporcionará uma saída do nível de incertezas para o nível de soluções. Aliás, estou cansada de ser a última a saber de tudo. Eu mereço respostas.

— Que legal! Sabia que você pode considerar essa chave como um talismã? A chave favorece situações que envolvem mudanças.

— Nossa, Benji! Como você sabe disso? - Interroguei.

— Meu pai me deu um talismã em formato de cachorro e explicou que indicava fidelidade e sinceridade. Achei muito interessante e fui em busca de livros sobre isso, queria entender melhor. Mas, enfim, o que eu tenho a ver com tudo isso?

— Escolhi você para ser o meu aliado! Topa?

— Claro que eu topo! É só você me passar as coordenadas.

O tempo voou e já havíamos chegado à escola. Eu não queria dar o passo a passo a ele num lugar em que todos os olhos estavam atentos em nós. Então, como de costume, a nada simpática inspetora Amálya, que ao contrário do que seu nome diz não demostra afeto algum, dizia com o olhar que estava observando tudo ao seu redor e, por pura sorte, ela não notou que eu estava desuniformizada. Passei despercebida mais uma vez!

De repente, o barulho ensurdecedor do sinal indicava que era hora de formarmos fila no pátio. Desde 1930, era rotina nas escolas que os alunos com os professores cantassem o hino da Polônia. Nós dois estávamos em meio àquele furdunço de crianças e aproveitei que a atenção da inspetora estava voltada aos recados

12/11/2020 23:17:32

que a diretora estava dando, e então puxei Benjamin pela jaqueta para acompanhar-me. Garoto esperto, já havia entendido tudo em um simples olhar, não precisei explicar nada.

No meio daquela agitação toda, era impossível alguém nos acompanhar. Passamos pelo grande corredor das salas com um propósito: chegar sem sermos vistos por ninguém no depósito. Lá era o lugar perfeito para que bolássemos um plano digno de cena de filme. Entramos no depósito, prendemos uma cadeira sob a maçaneta, repetindo a cena lida em alguns livros de ação. Ninguém podia descobrir que estávamos lá dentro gazeando as aulas e também não queria deixar de ser bom exemplo para os meus colegas de classe. Ademais, mamãe iria ficar furiosa com a minha atitude, pois a chamariam na escola, ela ficaria morrendo de vergonha e o resultado disso seria um belo castigo.

O chão era o único lugar que tínhamos para sentar-nos, procuramos um tapete por todos os cantos daquela sala e nos deparamos somente com um retalho de toalha jogado na beira da porta. Infelizmente essa era a nossa única opção naquele momento. Sentamos sobre ele, com as pernas cruzadas, igual indiozinhos, e Benjamin me perguntou:

— Qual é o plano, Helena?

— Nenhum! Quis planejar junto contigo, porque duas cabeças pensam melhor que uma.

Benjamin me deu as mãos para termos uma conexão melhor um com o outro e pensarmos juntos, já que o plano deveria ser incrível. Ficamos vários minutos daquele jeito, com os olhos fecha-

ultima edit2.indd 130-131

dos, imaginando como seria. E como um estalar de dedos, falamos ao mesmo tempo:

— Tive uma ideia! - Expressamos em coro.

— Que tal ser de madrugada? – Disse Benjamin.

— Isso mesmo que pensei! Parece que você leu o meu pensamento. Na madrugada é o momento ideal para isso. Além do mais, o pessoal lá de casa tem um sono pesado. Uma vez, um patife roubou algumas frutas do pomar de vovô e enroscou-se no arame farpado da cerca. Na tentativa de se desprender, fez alguns murmúrios e eu fui a única da casa a escutar.

— Perfeito, Helena! Vou fazer o seguinte: nesta noite, minha mãe está escalada para trabalhar, pois a cafeteria funciona 24 horas para atender os militares que ficam de guarda no período noturno. Sendo assim, trancarei bem as portas e janelas e irei à sua casa. Você deve pensar em como eu vou entrar sem que ninguém me veja.

— Perfeito! Porém, agora você me pegou! Como abrirei a porteira se meu avô fica com o molho de chaves em seu quarto?

— É simples, Helena! Veja bem, se você esconder o cadeado não terá como trancar a porteira.

— Você é um gênio! Próximo às 21 horas estarei te esperando. Deixarei minha janela aberta, com a desculpa de deixar o quarto mais ventilado.

Foram horas de papo entre nós dois, com direito a um lanchinho que estava na mochila de Benjamin. A conversa foi tão

12/11/2020 23:17:32

extensa que até a nossa barriga começou a papear conosco. Plano concluído, barriga cheia e uma ansiedade indomável, agora só tínhamos que aguardar em silêncio atrás da porta, até o último sinal ser acionado.

O ônibus estava lotado. A cada lombada, recebíamos uma bolsada diferente. Poxa vida! Deveriam agir corretamente pensando na segurança das crianças. Para o problema ser resolvido é simples, basta manter a lotação correta. Se 70 crianças precisam da locomoção, e o locomotivo só suporta 35, é só aumentar a quantidade de veículos. Dessa maneira, todos ficariam protegidos.

Descer do ônibus foi um alívio! Não consigo explicar se existia uma sensação melhor do que chegar em casa e sentir o aroma da comida da vovó e o que mais deixava meu estômago feliz era saber que havia sobremesa. Uma suculenta torta de maçã com creme de nata. Só de imaginar fico com água na boca!

A comida estava saborosíssima, as garfadas eram lentas para conseguir apreciar o sabor dos temperos que faziam os alimentos ter um gosto tão especial. Cumpri com as minhas obrigações diárias, peguei meu livro para continuar a leitura. Fui até o gramado, estiquei um lençol embaixo das faias, árvores que forneciam grandes sombras, proporcionando o local ideal para leitura. O ar puro e a brisa fresca pairavam sobre mim; além disso, eu conseguia contemplar cada desenho que as nuvens ilustravam. Sempre me entretinha com esses acontecimentos, e em meio a todos esses detalhes eu não parava de pensar nas incontáveis horas até a chegada do anoitecer. Com a abertura do livro, eu adentrava o campo da

ultima edit2.indd 132-133

imaginação e, a cada página virada, conseguia sentir o cheirinho da fábrica de chocolate.

Perdi a noção do tempo. Só caiu a minha ficha de quantas horas tinham se passado quando mamãe chegou. Rapidamente, fechei o livro, recolhi o lençol e fui de braços abertos para dar-lhe um abraço, ação não muito costumeira. Acompanhei-a até o seu quarto, pedi a ela que tomasse um banho bem quente e que depois eu faria uma massagem em seus pés para relaxar um pouco. Ela concordou e achou a ideia maravilhosa. Fiquei sozinha no quarto e aproveitei a brecha para pegar a chave do porão. Ufa! Menos um empecilho.

Nem houve tempo de realizar a massagem. Vovó com gritos megadelicados convidou-nos para a mesa, por certo a comida já estava esfriando, o que a deixava irritada. O momento almejado estava se aproximando e a minha ansiedade me fazia contar cada grão de arroz que havia colocado em meu prato.

— Em que planeta você está, Helena? – Questionou Theo.

— Aff! Toda vez a mesma pergunta. Você não se cansa, né?! – Disse irritada.

Minha mãe nos repreendeu, como de costume. Disse que se continuássemos, não iria permitir que assistíssemos à televisão, já que passariam filmes bem legais naquela noite. Que massada! Eu tinha esquecido desse detalhe.

— Ah, mamãe! Hoje não estou com vontade de assistir e o Theo está com uma cara de cansado. Aposto que vai dormir nos primeiros dez minutos de filme, e a senhora sabe que para acordá-lo

12/11/2020 23:17:32

é uma vida.

— É impressão sua, Helena! Hoje estou mais disposto que o normal, e se eu der uma cochilada, não tem problema.

Theo se levantou e foi direto para o sofá, queria me tirar do sério. Elimino um empecilho e já me aparece outro! Só faltava dar tudo errado. Entretanto, minhas táticas eram infalíveis. Fui até a cozinha e preparei um chazinho com as flores secas de camomila, que tinha efeito sedativo, e assim ele dormiria ainda mais rápido.

— Ai, ai, ai. Como dizem por aí, suponho que sou muito esperta mesmo!

Fui até a sala e me deparei com Theo concentradíssimo em cada cena do filme. Sabia que queria me provocar, mas como eu disse, sempre estou um passo na frente dele e aquela infusão seria a mais nova aliada. Levei duas xícaras, uma cheia, quase transbordando e outra quase vazia. Eu tinha que ser convincente.

— Sabe, Theo, eu me rendo! Claro que não vou deixar o meu irmão sozinho, né?! Preparei esse chá para nós, como pedido de desculpas. Sei que às vezes também sou implicante e pego muito no seu pé.

Aquele gesto fez com que meu irmão me olhasse de uma maneira diferente. Agradeceu e pediu para que eu saísse da frente da TV e que ficasse calada, para que ele pudesse prestar atenção.

Os ponteiros giravam lentamente, indicando que os minutos demorariam para passar. Theo já havia tomado metade da bebida e o filme já estava na metade. Percebi as pálpebras pesadas e o piscar

ultima edit2.indd 134-135

de olhos mais longos. Havia caprichado na quantidade de flor e, como já previa, Theo desmaiou no sofá em um sono profundo.

Propositalmente, fiz cócegas em seus pés, ele acordou irritado e foi direto para o seu quarto, dizendo que perto de mim não conseguia fazer nada em paz. Eu estava muito perversa, mas era por uma boa causa.

Meus olhos acompanhavam os movimentos e as batidas dos ponteiros do relógio, já era hora de Benjamin chegar. Acertei mais uma vez! Uma pedra acertou minha janela indicando sua presença. Ainda bem que a nossa casa só tinha um andar, então daria para ele subir tranquilamente. Abri uma fresta cuidadosamente, para que ninguém percebesse; por sorte Benjamin era mais ardiloso que eu.

Quando o vi, ligeiramente passei a mão em meus cabelos para ajeitá-los, olhamo-nos nos olhos e nesse instante o meu coração palpitava. Que sensação estranha! Era a primeira vez que vivenciava aquilo. A pele de seu rosto tinha um brilho natural, mas não era oleosidade, tratava-se de uma característica marcante dele mesmo, sem contar as suas qualidades: pontual e fiel, chegou no horário combinado e cumpriu com a sua palavra, além de ser muito gentil e charmoso. Verdadeiramente, ele tinha atributos de um príncipe encantado. E que belo príncipe!

— Você está preparada, Helena? – Indagou Benjamin, com uma voz doce.

— É claro que estou. Meu coração frágil se sente envolvido por segurança, quando você se faz presente, e ao mesmo tempo traz calmaria à minha alma, e eu não compreendo o porquê disso.

12/11/2020 23:17:32



12

Baù secreto

12/11/2020 23:17:35

O cenário que nos envolvia não estava nada adorável. O cheiro não era um dos melhores, e as paredes destacavam alguns mofos, creio que por conta de toda umidade.

Percorri meus olhos por ali e a presença de Benji, segurando firme a minha mão e acompanhando cada passo que eu dava, ajudava a acalmar a euforia que eu estava sentindo. Não sabia explicar a razão daquela tranquilidade. Algo tão calmo quanto a sensação de estar na praia, ouvindo as ondas pequenas chocando-se na areia e a brisa do mar batendo em nosso rosto. Apesar de que, no meu íntimo, eu guardava o terrível medo de sermos descobertos, afinal de contas, as pistas poderiam ir da concretude para a inexistência, impedindo as minhas averiguações pessoais.

Dentre as mobílias e as tralhas dispersas pelo porão, existiam várias prateleiras com livros velhos, alguns artigos, bonecas de porcelana, uma máquina de escrever, entre outros objetos interessantes. Mas um saxofone me chamou atenção. Olhei para Benjamin, percebendo sua reprovação. Engoli em seco e tossi baixinho encarando a íris de seus olhos.

— O que houve Benjamin? - Indaguei preocupada.

— Nada demais, apenas lembrei-me de meu pai. Ele tocava com alguns amigos.

Benjamin suspirou. Então, estiquei meu braço e passei meus dedos delicadamente sobre a sua face, observando a cascata de cabelos negros caindo sobre parte de seu rosto.

— Sinto muito. - Foram as míseras palavras liberadas de

ultima edit2.indd 138-139

minhas cordas vocais.

Soltei a mão de Benjamin e aproximei-me do baú. Naquele instante uma enorme indecisão tomou conta do meu ser. Ali dentro poderiam estar as respostas que venho procurando, mas isso não garantia que seriam boas notícias, e as esperanças que cresciam a cada dia poderiam converter-se em mais pó naquele lugar. Talvez fosse esse o motivo de tanta poeira por ali: sonhos arruinados pela dolorosa e cruel descoberta da verdade.

Fechei meus olhos lentamente e respirei fundo soltando o ar pela boca. Ao notar as expressões desiludidas em meu rosto, Benjamin sussurrou uns dizeres para mim:

— Eu aprendi que a fé é o fundamento da esperança, que é a determinação das coisas que não são vistas. Imagino que você deva estar com medo do que possa descobrir, então lembrei-me do que ouvi ontem na igreja. Sei que você tem outra religião, mas espero que isso possa te ajudar.

Assenti com a cabeça e abri meus olhos, as palavras de Benjamin comoveram-me, e ele realmente tinha razão.

— Você é admirável! Obrigada pelas belas palavras de fé, que independente da doutrina é igual para nós. Vamos em frente e que esse baú concretize meus pensamentos utópicos.

— Helena, suas palavras às vezes são tão engraçadas! Não sei o que isso significa, mas vindo de você deve ser formidável! Saiba que, independente do que encontrarmos ali dentro, eu estarei sempre ao seu lado, afinal é isso que um bom amigo deve fazer.

12/11/2020 23:17:35

Vi muitas nuances formarem-se pelo cômodo, encobrindo aquela decoração sombria com o mais harmonioso colorido de emoções. Por alguns segundos até esqueci o quanto aquele local era assustador, mas realmente, apenas por pouquíssimos segundos, pois, de relance, vi um cesto de vime virado para baixo começando a mover-se sozinho e sombras horripilantes formaram-se nas paredes.

Preparei-me para entoar o meu maior grito de pavor, cena digna de um filme de terror. Felizmente, Ben cobriu minha boca com sua mão, mas foi incapaz de impedir o toque brutal do meu cotovelo direito em um telefone retrô de metal, que em segundos o levou em direção ao chão, e um barulho alto ecoou pelo porão deixando-me mais apavorada ainda.

— PRESTE ATENÇÃO, HELENA. VOCÊ TEM QUE SER MAIS CUIDADOSA! – Disse Benjamin, chamando-me atenção.

Cof, Cof, Cof! Foi a única coisa que escutamos depois do tombo do telefone. Ficamos paralisados, pois a tosse era de vovô Wicenty. Se ele descobrisse essa impetuosa desobediência de minha parte, ficaria tão decepcionado que não relevaria esse comportamento com tanta bondade. Minhas pernas estremeceram, eu havia estragado tudo. O nosso plano foi por água abaixo, devido a minha falta de atenção.

Benjamin puxou-me para baixo da escada, e lá ficamos esperando para ver se alguém iria entrar. O silêncio tomou conta do lugar. Era possível escutar as batidas aceleradas do nosso coração, enquanto nos encarávamos quase incapacitados de nos mover por

ultima edit2.indd 140-141

conta do medo perturbador que deixava ambas as pernas bambas, igual gelatina.

Mesmo estando com os olhos arregalados e o semblante preocupado, Benjamin, na tentativa de me acalmar, segurou firmemente em minhas mãos geladas, como quem diz que tudo iria dar certo. Para garantir, esperamos mais alguns minutinhos para termos a certeza de que continuaríamos sendo os únicos ali.

— Hakadosh Baruch! – Exclamei.

— O que você está falando, Helena?

— É uma expressão judaica. Quis dizer que graças ao divino não fomos pegos no flagra. O que acha de seguirmos em frente?

— Continue em silêncio, Helê! Ouça esse barulho.

— Ben, fique tranquilo! Acredito que sejam alguns roedorezinhos.

Benjamin levantou o cesto exibindo uma afetuosa família de camundongos, composta por oito filhotinhos e uma matriarca protetora que os resguardou ferozmente por causa de nossa invasão ao seu território.

— Estes filhotes são a prole desta genitora. Mãe e filhos... Família. Todos esses camundongos estão conectados. Como é bom ter tanta segurança assim na vida. A sensação de pertencer a um grupo.

— Assim como nós, eles não têm uma família completa. Apesar disso, olha como a mãe os guarda com devoção! Até parece

12/11/2020 23:17:35

as nossas! – Exclamou Benjamin.

Rimos por nos compararmos aos roedores, mesmo que essa linguagem figurativa fizesse sentido para nós. Coloquei uma almofada sobre o cesto e confortavelmente os acomodei.

Novamente, voltei a minha atenção para o baú, olhei para a chave e segurei-a ainda mais forte, pedindo ao supremo que eu pudesse desvendar os mistérios de toda minha linhagem, já que aquilo estava muito bem escondido, certamente guardaria segredos. Na primeira tentativa, com as mãos trêmulas e tensas, derrubei a chave, o que culminou em ainda mais nervosismo. Respirei fundo e tentei mais uma vez. Bingo! O baú se abriu, trazendo a mim um mundo a ser explorado e, mais uma vez, como tudo em minha vida é um grande mistério, todos aqueles enigmas precisavam ser desvendados para então serem compreendidos.

Extasiada com o momento de descobertas, com um sorriso aberto e contagiante, sentei-me com Benjamin ao lado do baú para continuarmos aquela jornada investigativa. Retirei um caderno de postais amassados e quase inteiramente cobertos por bolor, folheando as páginas com os olhos brilhando. Ao que pude notar, lugares diferentes eram retratados em cada cartão, porém o remetente era sempre o mesmo: "B". Seria um viajante? Talvez um fotógrafo como o pai de Benjamin, que saiu em busca de novas paisagens.

Eu não tinha tempo para ficar formulando hipóteses, então continuei minha exploração. Puxei um cordão trançado com um apito preso na ponta, descobrindo que se tratava de um torçal. De imediato, pensei que era algo sem importância, mas Benjamin co-

ultima edit2.indd 142-143

mentou:

— Helena, não parecem aquelas cordinhas que os soldados usam amarradas ao ombro?

— Sim, é verdade. Mas o que isso está fazendo aqui?

Antes que minha pergunta pudesse ser respondida, avistei uma sutache, uma tira de tecido com uma identificação, em que constava o nome Bartolomeu. Nunca ouvira esse nome antes. Repeti pausadamente BAR TO LO MEU. Meu pai?

Muitas peças estavam se encaixando e as coisas começavam a fazer sentido para mim; não obstante, eu precisava de mais respostas, pois não descansaria até resolver tamanha incógnita instaurada em minha vida. Mesmo tomada por um misto de sentimentos, prossegui retirando os pertences. Levei a mão sobre um porta-retratos, coberto por um lenço cinza listrado de algodão, que exibia uma fotografia minha, com menos de quatro anos, com a seguinte mensagem no verso:

"Minha doce Helena de cabelos avermelhados, como a terra que nos sustenta e como o fogo que nos aquece nos dias frios. Sinto muito não estar ao seu lado.

Com amor, papai."

Não restavam mais dúvidas, e enquanto meus olhos ainda presos à caligrafia bem desenhada, o pranto, até então guardado

12/11/2020 23:17:35

em meu interior, tomou forma por meio das lágrimas escorrendo em meu rosto. Eu estava comovida diante de tudo aquilo e sabia que precisava ser ainda mais forte, pois minha batalha seria árdua e eu desejava que não acabasse por ali, não queria encontrar más notícias.

— Helena, o seu pai gosta do seu cabelo incomum e eu também. Ele disse que parece a terra e o fogo e o meu pai dizia que meus olhos eram como a água. A cada respiração temos o ar, e então, juntos, formamos os elementos da natureza que aprendemos na escola: terra, fogo, água e ar.

Esse menino sabia mesmo como ajudar uma amiga. Guardei as minhas lágrimas e dei um sorriso corado. Eu era mesmo incomum, meu cabelo era excêntrico e eu, enfim, me aceitava daquela forma, ainda mais depois daqueles elogios elementais feitos por meu pai e Benjamin.

No fundo do baú havia uma pequena canastra, retirei-a e a assoprei, pois estava cheio de poeira. Ela abrigava recortes de fotografias de um homem aparentemente com estatura alta, forte, com uma fisionomia muito conservadora, mas o que mais se destacava era uma marca próximo à boca.

Lembrei-me que dona Dorotha havia falado sobre isso, e realmente ela tinha razão. Nós revelamos grandes semelhanças de pai e filha. Agora entendo o porquê de não encontrar nenhum retrato para levar à escola no dia da apresentação da árvore. Ele estava muito bem escondido aqui.

Juntamente com os recortes, avistei uma carta de difícil lei-

ultima edit2.indd 144-145

tura, em razão do desgaste que o tempo causara nela e por tratar-se de um papel que certamente já servira de alimento para as traças que perambulavam naquele porão frio e úmido. Resolvi guardá-la para tentar desvendar a mensagem com mais calma e em um ambiente com maior claridade.

Por fim, lá estava um porta-joias prateado contendo uma aliança com o nome Bartolomeu gravados em seu interior. Meu coração ficou em pedaços ao pensar no sofrimento que minha mãe sentia. O seu "felizes para sempre", por algum motivo foi interrompido e trancado em um baú na tentativa de seguir em frente.

— Helena, não quero estragar esse momento de descoberta pessoal, mas logo acabará o turno da minha mãe e o dia amanhecerá - Disse Benjamin apreensivo.

— Nosso plano deu certo até agora, não vamos estragar na reta final. Vou recolher os objetos que couberem nessa canastra e os levarei comigo. Eles são essenciais para nossa missão continuar. – Afirmei.

Dessa forma, cuidadosamente, pés por pés, subimos as escadas do porão e despedi-me de Benjamin com um abraço amigável, agradecendo por tudo o que havia feito por mim. Fui até o meu quarto para processar todas aquelas informações que eu carregava na mente e nas mãos.

Na calada da noite tudo se silenciava, menos a minha alma inquieta e a minha mente ansiosa. Era o momento em que todos dormiam, e com a ausência de sons, podia ouvir meu coração novamente. No pulsar das veias, eu sentia as batidas aceleradas em meu

12/11/2020 23:17:35

peito, formando um ritmo ainda não conhecido por mim. Minha respiração estava pesada e as mãos suavam frio, ao mesmo tempo em que sentia um intenso calor. Em meu estômago, as borboletas, certamente, estavam apostando corrida, ou então, em uma apresentação de dança. Todos aqueles sintomas estavam me deixando louca, parecia que eu ia desmaiar.

Guardei a canastra no meu esconderijo secreto, fechei os olhos, acomodei o corpo em minha cama e assim fui vencida pelo cansaço. Consegui ter alguns minutos de descanso e então ouvi meu despertador convidando-me para um novo dia.

ultima edit2.indd 146-147



13

Desvendando os mistérios

ultima edit2.indd 148-149

— Bom dia e até logo, amados familiares! Vou comer no caminho hoje! – Exclamei rapidamente, enquanto pegava o delicioso pãozinho de batata preparado pela minha avó que ficou a me olhar com uma cara de espanto, devido a tanta pressa com que eu estava saindo naquela manhã.

— Que pressa é essa, Helena? Sente-se conosco, pois ainda é cedo e, por incrível que pareça, você não está atrasada!

— Vovó, hoje quero apreciar a majestosa natureza que nos cerca! Além do mais, tenho assuntos seríssimos e inadiáveis para tratar com Benjamin antes que a aula comece.

A brisa fresca da manhã, que adentrava aos meus pulmões, era revigorante e trazia consigo a paz interior que eu tanto necessitava, diante do grande momento de revelação que havia tido na noite anterior. Enquanto isso, Theo, na ponta da mesa, com um tiquinho de cinismo, zombou:

— A Helena não é muito nova para ter namoradinho, vovô?

Senti meu rosto queimar, as cores do meu cabelo se confundiram com a da minha face. Bem que ele poderia morder a língua toda vez que falasse essas asneiras sem sentido! – Pensei, e então respondi no mesmo tom:

— Menino irritante da cabeça gigante, qual o seu segredo para ser tão petulante?

E assim, aconteceu o primeiro caso registrado na humanidade sobre um pepino voador. Sua velocidade era tamanha e atingiu em cheio minhas notáveis madeixas, deixando um aroma diferente

12/11/2020 23:17:39

do convencional.

— Agora é guerra! – Exclamei!

Contudo, antes que eu conseguisse agarrá-lo com toda minha fúria, vovô Wicenty nos separou, esbravejando:

— Parece que estou tendo um déjà-vu. Hoje vocês bateram os seus próprios recordes! Se continuarem assim, vou amarrá-los juntos em uma camisa de força.

A fim de amenizar o conflito, vovó Aurora, com sua aura apaziguadora que brilha como ouro, disse:

— O verdadeiro amigo é alguém com quem você pode dividir as dores e multiplicar as alegrias! Se esse alguém é o Benjamin, você tem sorte em tê-lo. Aproveite que hoje no almoço vou preparar um suculento pato assado com maçãs, e o convide para juntar-se a nós para o banquete. Faço gosto que ele venha!

— Ótima ideia, vovó! Não tenho dúvidas de que ele adorará o convite!

Saí apressadamente, pois a desavença com meu irmão havia se delongado, portanto precisava correr contra o tempo para chegar ao meu destino. Peguei minha velha companheira de estrada e partimos rumo ao conhecimento.

Ao chegar à escola, notei que Benjamin não estava lá, e que todos os colegas que vêm de ônibus já estavam presentes. Questionei-me se seria minha culpa devido à noite mal dormida ou se acontecera um incidente pela manhã. Para o meu alívio, avistei-o acompanhado de sua mãe, que o trouxe até a porta, justificando ao

ultima edit2.indd 150-151

professor que ele havia perdido a hora. Ele estava todo afobado em razão do atraso, no entanto, usava os seus artigos coringas: uma boina de lã e um suspensório, que lhe garantiam o charme de um príncipe.

Russo logo na primeira aula? Que massada! Isso exige muita concentração, habilidade que eu havia esquecido em casa, precisamente, dentro da canastra, junto com os meus preciosos objetos encontrados. Enquanto o professor Ivo pronunciava metodicamente as preposições, na tentativa de soltar a nossa língua para o idioma, eu acabava me distraindo com a perna inquieta de Benjamin, que balançava incessantemente. Provavelmente, os seus pensamentos não estavam na gramática, assim como os meus. Como eram inadmissíveis conversas paralelas, principalmente nas aulas do professor Ivo, resolvi expressar-me por um bilhete.

Enquanto aguardava a resposta de Benjamin, fiquei a refletir sobre o quão interessante é o fato de que esses amigos são concedidos como presentes do Onipotente em momentos específicos da nossa vida, muitas vezes parecem até amuletos ao nosso auxílio. Senti um toque suave em meu ombro, indicando que meu convite havia sido assinalado.

Benjamin aceitou o convite, mas fez uma ressalva, dizendo que eu deveria ir, juntamente com ele, pedir autorização à Ewa, sua mãe, pois caso contrário, ela não deixaria. Eu concordei e também impus uma condição: só iria, se dessa vez, ele pedalasse, já que da última vez tive câimbras em minhas pernas.

Após a aula de russo, o tempo passou num piscar de olhos, e

12/11/2020 23:17:39

assim o horário escolar se findou e seguimos com o nosso compromisso. Um passo para fora da sala de aula e lá estava Ewa, encostada em uma mureta à espera do filho. Seguimos em frente, Benjamin já foi logo me apresentando, dizendo que era eu a amiga que ele tanto falava em casa, a menina indagadora dos cachinhos de fogo. Não demorei muito para sentir segurança e pedir autorização para aquela bela senhorita, a fim de que Ben pudesse almoçar em minha casa e passar a tarde toda brincando comigo. Com um sorriso de dentro para fora, Ewa afirmou que sim, desde que Benjamin voltasse antes do cair do sol.

— Muito obrigada, dona Ewa. Benjamin será muito bem recebido. Ficará com a barriga cheia e o coração feliz.

Ela deu uma risadinha e despediu-se de nós. Ela iria até o centro para enfrentar as terríveis filas dos vales, e nós seguimos o caminho para a estância. A cada pedalada, uma nova risada advinha, fazendo-me esquecer do restante do mundo. Benjamin insinuou que estava curioso para saber o que vovó estava preparando para a nossa refeição. Então, contei-lhe:

— Hoje o prato principal será pato. Vovó Aurora só prepara esse animalzinho quando sonha com ele. Ela acredita que quando ele é colocado sobre a mesa para servir de refeição, significa que os momentos que se aproximam serão de tranquilidade e paz, visto que o pato carrega bons propósitos.

— Nossa, que pertinente, Helena. Isso para mim é uma novidade, eu não fazia ideia!

Quando encerramos nossa conversa, já pudemos avistar a

ultima edit2.indd 152-153

porteira do nosso sítio, que, por sinal, estava aberta para receber--nos. Ao aproximarmo-nos, notei algo alheio àquele cenário: vovô Wicenty na varanda, sentado em sua cadeira de vime, lendo o jornal àquela hora do dia, sendo que o seu costume era lê-lo pela manhã. Questionei-o, curiosa:

— Por que está lendo jornal agora, vovô? Dormiu até mais tarde?

— Não, minha netinha. É que acordei com um mal-estar danado hoje, mas deve ser minha pressão que está um pouco alta. Não há de ser nada, são sintomas da idade, mas para não sobrecarregar esse corpo cansado, preferi descansar até o almoço e esperar por vocês. – Afirmou ele, todo sorridente.

Pedi que se reunissem na cozinha para o célebre momento de apresentar Benjamin a todos ali presentes. Como era a primeira vez que eu recebia um amigo em minha casa, a apresentação dele deveria ser digna de um espetáculo. No entanto, no mesmo instante, os olhos de Ben ficaram arregalados e percebi uma gotícula de suor escorrendo pela testa. Certamente, aquele momento de formalidade não era uma novidade apenas para mim.

— Prezados homens e prezada vovó, gostaria de agradecer pelo almoço, que ainda não comemos, mas que, só de sentir o cheiro, nosso estômago já se encantou! Esse...

— Então, esse é o seu amiguinho do peito, Helena? – Theo interrompeu, com ironia.

— Nem ligue para esse bobalhão, Benji. Continuando: Esse

12/11/2020 23:17:39

é o adorável Benjamin, que tanto me auxiliou em alguns emaranhados da vida.

Depois de minha fala, um silêncio constrangedor se instaurou ao redor da mesa, o que contribuiu para o rubor tomar conta do rosto de Ben. Meus avós, grandes anfitriões, haviam combinado e disseram juntinhos:

— SEJA BEM-VINDO, BENJAMIN. SINTA-SE À VONTADE!

Benji retribuiu com um sorriso e sentou-se à mesa, pronto para atacar. Sua fome era tanta que podia ser percebida pelos cantos de sua boca que ficaram sujos rapidinho, devido ao fato dele lamber os dedos após agarrar os ossos das asinhas do pato. Era uma cena até engraçada de se ver! Vovó ficou admirada e orgulhosa do seu banquete quando ele encheu o prato pela terceira vez e deliciava-se com vontade àquela fartura.

Assim que terminamos, em um tom desacelerado e suave, enquanto colocávamos as louças sujas na pia, comuniquei à vovó que hoje não iria realizar meus afazeres, porque queria mostrar cada cantinho de nossa propriedade. Confesso que fui um tanto quanto enérgica, já afirmando de uma vez, porém, se eu perguntasse, correria o risco de ter uma resposta negativa. Preferi lidar com as consequências que aquilo poderia me trazer posteriormente.

— Pois bem, Benjamin, venha conhecer as riquezas que me rodeiam! – Puxei-o pelo braço para fora de casa, enquanto falava.

Começamos pelo galinheiro, que ficava bem próximo da

ultima edit2.indd 154-155

moradia e era o lar de grandes amigos meus.

— Este aqui é o galo Frederico, marido de galinha Filomena. Ele é sociável; ela, arisca. São os pais desses pintinhos amarelinhos e fofinhos, que ainda não tive tempo de nomeá-los, mas já alimento grande devoção. Não os quero na panela!

Despedimo-nos dos amigos penosos e fomos em direção ao curral, que não era tão distante. Enquanto caminhávamos, Benji observava tudo ao seu redor com esmero. Lá, eu mostrei os porcos, que são bem tranquilos, os pobrezinhos pouco se movem por conta do peso imenso.

— O único problema desse bichinho é o odor desagradável exalado pelas suas glândulas, mas, apesar disso, é por meio desse cheiro que acontece a comunicação e a identificação entre eles. – Contei.

Do outro lado da cerca do curral, vizinhando com os porcos, viviam os carneiros e as ovelhas.

— Esses ovinos são animais formidáveis! Além disso, são donos de uma lã fofa e quentinha que nos aquece no frio. – Expliquei.

Benjamin ouvia tudo com atenção, enquanto acariciava um cordeirinho que nascera há poucos dias.

Prosseguimos com a nossa visitação, pois o próximo era o nosso animalzinho de estimação, o mais queridinho da família.

— Este papagaio está há muitos anos conosco, ele ama comer batatinha cozida, alface e couve. Sua inteligência é algo inex-

12/11/2020 23:17:39

plicável, pois nem foi preciso treiná-lo para que fizesse coisas incríveis, como dançar, cantar e até assoviar melhor do que todos aqui de casa.

— E ele tem um nome, Helena? – Indagou-me Benji.

— Claro que sim! Ele é tão querido, como poderíamos deixá-lo sem um nome? Ele se chama Barth, um grande companheiro.

— Espera aí, Helena! Você se lembra que descobrimos que o nome de seu pai é Bartolomeu? Deve ser por isso que deram esse nome ao pássaro, em homenagem a ele. – Cochichou, Benjamin.

— Nossa, é mesmo Benji! Não havia feito essa associação. Agora tudo faz sentido. Quais eram as histórias vividas com meu pai? Com certeza, o nome Barth é um diminutivo de Bartolomeu e eu nunca procurei saber o porquê de ele ter esse nome.

Retirei o papagaio do viveiro e coloquei-o no ombro de Benjamin. Com seu jeito brincalhão e suas unhas afiadas, começou a fazer cócegas em Benji, que não parava de gargalhar.

— Ai, ai, Helena! Esse seu papagaio é mesmo divertido. Tenho certeza de que vocês formam uma ótima dupla! – Exclamou, enquanto ria.

Mesmo em meio às risadas, sentia-me dentro de um labirinto. A cada minuto, localizava-me em uma das quatro direções. Minha perspectiva tornou-se cada vez mais inconstante, já que nunca sigo o mesmo trajeto por muito tempo, fazendo com que eu reconectasse os meus conhecimentos interiores e alinhasse-me entre tantas curvas distintas que vão surgindo em um destino incerto.

ultima edit2.indd 156-157

— Ei, Helena, está me ouvindo? – Perguntou, Benjamin.

— Ahhh, claro que sim, Ben. Só estava viajando filosoficamente. Agora é hora de liberar minhas expectativas e deixar meu coração aberto. O que acha de pegarmos a canastra e levarmos a um lugar propício, onde possamos nos concentrar e desvendar todos os mistérios que ela guarda?

— Ótima ideia! Vou devolver Barth no poleiro e esperarei por você lá na porteira. – Disse Ben.

Rapidamente fui ao meu quarto, verifiquei se ninguém estava a olhar e só então abri as portas do guarda-roupa com o objetivo de pegar o objeto precioso. No mesmo instante, algo me deixou intrigada: por estranho que poderia parecer, as roupas estavam reviradas e a canastra não estava embaixo da pilha de cachecóis.

Meu coração palpitava acelerado. Será que alguém a havia retirado dali? Mil vezes que massada! Ninguém poderia saber que entrei no porão. Mamãe me colocaria de castigo por uma semana, ou melhor, por um mês. Atentamente, retirei as roupas, uma a uma, e por minha sorte, encontrei-a. Bendito seja! Que alívio! Mas não tenho dúvidas de que alguém foi mais sorrateiro que eu e colocou suas mãos ali ou talvez eu estivesse enganada, já que vovó sempre arruma as bagunças e, por um acaso, pode ter trocado de lugar - aliás, se tem algo que a que vovó não é, é ser curiosa.

Agarrei a pequena caixa e num piscar de olhos já estava na porteira. Lá estava Benji, aguardando-me, sentado próximo aos narcisos brancos.

12/11/2020 23:17:39

— Próximo ao sítio, tem um riacho maravilhoso. Lá podemos observar cada detalhe que meu coração tanto anseia! – Exclamei com fulgor!

— Sim, Helena. Entendo o seu sentimento e admito que estou um tanto quanto ansioso, bem como você.

Defronte às águas do lago, as monções adentravam aos meus poros, realizando uma limpeza profunda dos mais laboriosos desconsolos, parecia uma purificação de espírito. Por um instante, os ventos que sopravam contra nós renovaram minhas forças e deram-me ainda mais ânimo para continuar aquela rota traçada pelo destino.

Uma pedra robusta, abaixo de nós, sustentava nosso corpo. Abrimos a canastra como se estivéssemos abrindo um tesouro, cheio de pedras preciosas e colares brilhantes. Cada objeto ali presente era especial a ponto de, verdadeiramente, ser uma raridade.

Era como se o tempo estivesse parado. Peguei os recortes das fotografias, pensando no quanto sou parecida com meu pai. Fechei os olhos e concentrei-me no retrato, as lágrimas vieram em uma velocidade exacerbada, como jamais antes; controlá-las seria uma missão inalcançável.

Mediante as imagens, criei memórias com meu pai que nunca havia vivido, acho que é uma maneira que o cérebro encontra para suavizar a situação. Apostávamos corrida, brincávamos de faz de conta, irritávamos a mamãe, além de que Theo e eu bagunçávamos o seu cabelo e subíamos nas suas costas, deixando papai o dia todo com uma intensa dor lombar. Cada toque naquela imagem, já

ultima edit2.indd 158-159

escurecida, era um momento precioso em família que eu imaginava ser real, e o meu maior desejo era o de realmente ter vivido tudo isso.

Abri o porta-joias, já desgastado com o tempo, e peguei a aliança colocando-a em meu polegar. Nela estava gravado o nome Kataryna e uma data, provavelmente o dia em que mamãe e papai selaram um amor infinito. Rodei a aliança, pensando que há algum tempo papai a tinha usado. Suas digitais estavam presentes naquele objeto tão pequeno, mas de significado imensurável. Mamãe nunca retirou a aliança dourada de seu dedo anelar. Sinto que, no fundinho do seu coração, ela mantinha viva alguma esperança, mesmo sendo difícil expressar.

Todas as lembranças que eu visualizava, faziam-me pensar no sofrimento de mamãe, não deve ter sido fácil para ela. Apagar alguém de sua vida de uma hora para outra não é nada confortante. Minha mãe tem uma força fora do comum, e foi devido a isso que se tornou a grande mulher que é hoje. E que mulher! Não é nada fácil cuidar dos filhos, ajudar a sustentar a casa e, ainda, fazer o papel de pai e mãe dentro de uma sociedade que julga tal feito como errado. Realmente, papai faz muita falta a ela e esse vazio que ela sente dentro de seu peito é difícil de fechar-se, fazendo com que ela, muitas vezes, feche-se para a felicidade.

Eram muitas emoções e meu coração pulsava descompassado. Para o meu alívio, tinha Benji ao meu lado, secando minhas lágrimas. Era como se ele entendesse a dor que eu sentia, deixando-me confortável.

12/11/2020 23:17:39

Dentre os objetos, havia dois sutaches bordados com as letras que formavam CB BARTOLOMEU e o outro escrito "Forças Armadas Polacas". Segurei-os firmemente em minhas mãos, aproximando-os de meu peito. Quem sabe assim, em um curto ápice, pudesse senti-lo um pouco mais próximo. Tudo que eu pensava era em tê-lo junto a mim, naquele momento, naquele instante e naquela hora.

Tinha também algumas insígnias metalizadas, variando em formatos hexagonais e triangulares, com traçados que representavam alguma especialização, mas não sabia qual. Eu conhecia os nomes daqueles itens, porque vovô Wicenty já havia me mostrado os emblemas de meu tataravô, que tinha guardado em um estojinho. Além do mais, eu sempre admirei esse lado militar, percebo uma intensidade incessante que é inexplicável.

Contudo, uma boina foi o que mais me chamou a atenção. Ela estava bem sujinha, mas não me contive e coloquei-a em minha cabeça, marchando como uma pequena soldadinha de chumbo. Benjamin me olhava e permanecia em silêncio.

— Filha de soldado, soldadinha é. Não é mesmo, Ben?

— Sim, Helê! Esse acessório combinou com você!

Agradeci a ele e sentei-me novamente para continuar olhando o restante. Entretanto, outra coisa me instigou: eram algumas cartas. Inclusive, uma delas tinha-me como destinatária, o que acelerou a minha vontade de lê-la, mas antes lembrei claramente de uma estrofe de um poema que apresentei na escola e expressava o que as cartas significavam:

ultima edit2.indd 160-161

“As antigas cartas memorizadas

Que o tempo danificou

São lembranças de um tempo nunca ultrapassado

Que no meu coração acampou.”

Respirei profundamente, preparando o meu ser para o que aquela carta revelaria. O fato é que, nesse belo dia, um pedaço de papel envelhecido, guardado por tanto tempo, privilegiaria alguém. E esse alguém só poderia ser eu!

12/11/2020 23:17:39



14

Lembranças

12/11/2020 23:17:42

Emoções culminavam todo o meu ser. O coração disparado era só um lembrete de que eu estava prestes a ler uma carta deixada pelo meu pai. Peguei-a com cuidado para não a rasgar. Junto dela veio um papelzinho bem dobrado, parecia ser um rascunho que tinha como remetente o nome de minha mãe. Curiosa que sou, abri-a com grande zelo. Os ventos sopravam deixando o ar ainda mais fresco. Fechamos a canastra e comecei a ler:

"Seu olhar piedoso, me olha, me clama

Como nuvens de um tempo nublado

Demonstra esperança.

Mesmo que a saudade aperte, maltrate e corroa,

Quando nossos corações se aproximarem

Saiba que serei teu de novo.

E assim vamos viver para o resto de nossas vidas

Para mostrar que só o amor pode superar qualquer partida."

Papai realmente era um grande homem. Com aquele pequeno poema pude sentir o seu grande amor por mamãe. Mas, por que ele partiu? Aconteceu algo entre os dois? Ou ele só enjoou da sua vidinha pacata e simples? Algum motivo teria, e eu certamente descobriria.

Ligeiramente, peguei a carta sob as mãos de Benji. Ela es-

ultima edit2.indd 164-165

tava bem amassadinha, envolvida com uma cordinha rústica e envelhecida. Suas dobras eram aparentemente bem nítidas devido ao tempo. Comecei a abri-la e confesso que, ao ver a caligrafia bem desenhada de meu pai, sentimentos vieram à tona. Passei as mãos nas forçadas letras e, ao imaginar ele ali, escrevendo-a, não pude me conter. Emoções vieram sem pedir licença, os meus olhos marejados mal focavam nas letras, e as minhas mãos trêmulas testemunhavam que aquele choro não seria cessado facilmente.

— Posso, Helena?

Assenti com a cabeça, e Ben começou a ler:

"A partida sempre dói, não vou dizer que vai ser fácil, meu coração corrói. Clama por dias com veracidade, onde a guerra não destrói e os homens não fazem maldade, pistas de um mundo melhor, que anseia liberdade.

Ouso-me a deixar de lado as rimas, pois a partir desse instante minha vida deixa de ser poesia e passa a ser um labirinto onde não encontro a saída.

Imagens sofridas, mentes caladas, nação pedindo socorro. Seria eu o escolhido para essa missão tão árdua? O pai que abandonou os seus filhos para ser mais um homem com o nome registrado na lista de salvadores da pátria, guardada em uma caixa empoeirada com mais trilhões de objetos? Perder a infância de meus filhos nunca foi uma opção, tampouco Kataryna e seus pais, mas, que escolha eu tenho? De duas, uma: combater ou morrer aprisionado. Além disso, Theo e Helena, farei isso em amor a vocês e pela geração futura. Garantirei que pela minha batalha vocês

12/11/2020 23:17:42

não passem pelo sofrimento de um povo tão amargurado. Está aqui o meu único e intenso desejo: vivam com sabedoria e sensatez; ouçam sempre os ensinamentos de seu avô e jamais, jamais percam o brilho nos olhos, a fé no coração e o alívio na alma."

Conforme suas palavras foram sendo lidas, meu coração se despedaçava. Eu podia senti-lo ali comigo. Por um breve momento, pus-me a pensar se aquilo seria um sonho. Apertei o meu braço com força, torcendo para que não fosse. Ben, pontuou:

— Helê, seu pai foi tão afetuoso a ponto de demonstrar carinho por cada um de sua casa.

— Realmente, ele pensou em todos. Papai aparenta ser muito bom com as palavras!

— Concordo, Helena. Ele começou pelos seus avós:

"Aos meus queridos sogros,

Senhor Wicenty, as melhores relações nem sempre dependem do sangue. Somos a prova disso, o senhor não acha? Nossa cumplicidade é algo rico e raro, que nem sempre existe no interior de uma família. Você é para mim um grande exemplo de pai, homem, amigo. Foi assim que me tornei um bom homem, um pai zeloso, um marido amoroso.

Na verdade, o sentimento é uma coisa que está acima de qualquer lógica. Contudo, só tenho razões para amar-te. Gratidão pelos momentos ímpares que me proporcionou desde que entrei para a sua família.

Partirei com poucas certezas, assim como o senhor também

ultima edit2.indd 166-167

partiu um dia. Mas, esteja onde estiver, prometo olhar para o seu exemplo, seus ensinamentos que enriquecem o corpo e o espírito.

Foi o senhor que desvendou, diante de mim, os mistérios da salvação, a natureza do novo nascimento, a grande necessidade de santidade de coração e vida; e, resumindo, tornou-se meu pai espiritual. Ao senhor devo todo o bem que conheço.

Dona Aurora, minha mãe de coração, levo em minhas lembranças tudo o que representa para mim e todo amor recebido durante esses anos. Sou imensamente grato pelos momentos de conversas e aconselhamentos acompanhados de um café quentinho e as deliciosas balinhas macias de leite, que a senhora faz com tanto apreço, por saber que são as minhas preferidas.

O que será de mim sem os seus mimos que adoçam a minha vida? Sem os seus chás que curam as dores físicas e espirituais? Sem as sopinhas quentes que esquentam o corpo e o coração? Sem as costuras que remendam as roupas, bordam histórias e desatam os nós da vida?

De antemão, afirmo que sentirei muito a sua ausência em meus dias, mas a senhora entende como ninguém, que meu compromisso é inadiável e intransferível. Infelizmente, a história se repetirá e nela mais uma vez a mãe precisará cumprir os dois papéis, para que o pai lute por um futuro melhor. Obrigada por me agraciar com um presente dos céus, sua filha. Sei que ela fará um ótimo trabalho!

Gratidão enorme por terem sido meus pais postiços. Vocês se tornaram donos de todo o meu amor e fizeram-me esquecer a dor

12/11/2020 23:17:42

que a vida me causou: a perda de meus pais.

Além disso, sinto que é o momento de agradecer os senhores por toda a acolhida desde que eu e Kataryna nos casamos. Aqui, neste simples espaço, pude viver os melhores momentos de minha vida. Quão bom é acordar pela manhã e sentir o cheirinho de café da Dona Aurora, bem como saborear as deliciosas frutas que essa terra nos proporciona. Viver aqui, ao lado de vocês, faz-me sentir o homem mais sortudo do universo, e eu só tenho a agradecer".

— Benjamin, percebo que existe uma cumplicidade mesmo sem haver laços sanguíneos. A união acontece pelo espírito e não pelo sangue, e dá resultados de felicidade. Meus avós e meu pai são exemplos disso.

Os olhos de Benji estavam fixados na carta. Só esperou eu terminar a minha fala para continuar:

"Kataryna,

Querida esposa, em cada palavra que faço chegar até você, nesta sincera mensagem, vai um pouco da saudade que sentirei. Saudade de tudo o que passamos e suportamos juntos até aqui, saudade daquilo que não vamos viver durante esses sete anos. Só de pensar nisso tudo, meu coração se parte em minúsculos pedaços, a boca seca e sinto um nó formar em minha garganta.

Meu bem, quero que saiba o quanto eu te amo. Palavras são poucas para expressar tamanha admiração. Você se tornou uma mulher perfeita, uma esposa exemplar e uma mãe amável, atributos esses que fazem com que eu me apaixone cada dia mais por você.

ultima edit2.indd 168-169

Sempre soube, desde o dia em que nossos olhares se cruzaram, que você seria a mulher da minha vida, só não imaginei que seria tão feliz ao seu lado.

Ah! Aquela tarde de quarta-feira, dia que nos conhecemos. A partir dali perfeitos são os dias e as noites ao seu lado. Com você, sinto-me completo e feliz. Foi através de você que o meu maior desejo foi concebido, nossos filhos, amor de nossas vidas. Nosso sonho foi realizado e hoje temos eles em nossos braços. É um amor fora do peito, inexplicável é a sensação de ter uma metade nossa correndo pela casa e fazendo várias traquinagens, que nem damos bronca devido à carinha que eles fazem sempre que isso acontece.

Kataryna, confesso que não será fácil passar dias e dias sem sentir o seu toque, o seu cheiro, sem saborear o seu beijo e sem desfrutar do seu abraço. As noites estreladas não terão mais sentido sem você ao meu lado. Como é difícil imaginar minha vida sem ti. Sentirei falta até das nossas discussões e do seu jeitinho de me irritar encostando seu pé gelado em minhas pernas. Minha doce e amada esposa, as ondas que hoje nos afastam são as mesmas que nos aproximarão um dia. Posso não estar presente de corpo físico, mas o meu coração sempre estará ligado ao seu.

O amor que sinto por você e por nossos filhos é o que tem me dado forças para ir à luta. Obstáculos vêm em nossa vida para deixar-nos ainda mais fortes. Já superamos tanta coisa, e agora não tenho dúvidas que passaremos diante disso com a cabeça erguida. Com lágrimas nos olhos, meu amor, despeço-me de você,

12/11/2020 23:17:42

mas, saiba que o nosso "felizes para sempre" não acaba por aqui. Por favor, não se sinta menos importante que essa missão, eu não tenho escolha, tenho que honrar a nossa pátria. Você não imagina a minha vontade de dizer não, mas eu preciso ir por amor a você e por todas as vidas que esperam por mim.

Como prova disso tudo, deixo aqui um pingente com a nossa foto. Cada vez que colocá-lo e pensar em mim, não tenha dúvidas, eu estarei pensando em você."

Aquelas palavras de papai chegaram em meu peito e invadiram todo o meu ser. Emoções afloravam-se em mim. Minha vontade era de gritar tudo o que eu estava sentindo. Papai pensou em cada detalhe, era nítido o seu desejo de ficar entre nós, de viver mais momentos ao lado de mamãe. Sua sensibilidade era a sua melhor qualidade e eu podia imaginá-lo em cada cena relatada por ele. Que lindo é o amor. Ter uma pessoa para ser o seu ponto de paz traz alívio e tranquilidade para a alma. Quem sabe eu, um dia, possa encontrar tudo isso. Meu coração batia mais e mais forte. Cada sentimento descrito ali em forma de palavras era o suficiente para eu amá-lo mesmo sem ter vivido tanto tempo com ele quanto Theo pôde viver.

Ben ergueu minha cabeça e pediu para que eu fosse forte, disse que eu era uma menina muito agraciada e que nasci de um amor puro e verdadeiro. Afirmei que sim, com um leve piscar e deixei-o continuar:

ultima edit2.indd 170-171

"Aos meus filhos,

Meus amados e primorosos filhos, quem vos escreve é vosso pai, com o coração apertado. Primeiramente, quero que fique claro o quanto eu os amo e espero que fique em alta as afeições que deixei plantada dentro de vocês. Não imaginam como meu coração sangrará se um dia souber que todo o amor que lhes dei, esvaiu-se.

Theo... Antes do seu nascimento, me questionaram como seria o filho dos sonhos. Imaginei uma miniatura de mim, tão sonhador quanto eu e que escutasse os meus conselhos. E o divino me presenteou com alguém muito melhor: você! Com seu jeito único de ser.

Desde a primeira vez que escutamos as batidas do seu coraçãozinho, minha vida mudou. Senti-me realizado. Você se tornou a motivação de enfrentar a vida com mais garra e enxergá-la com bons olhos, ou seja, o nascimento do primeiro filho, transformou-me em outra pessoa. Quis ser seu herói, como seu avô paterno foi para mim. Não houve um dia sequer que não agradecesse pela sua vida. Sinto-me grato até pelo ar que você respira.

Seria covardia de minha parte pedir-lhe alguma coisa, mas, por favor, não engavete seus sonhos. Lute com ambição pelos seus objetivos, mas prepara-te para sustentá-los dentro de uma árdua labuta, onde você terá que andar com os seus próprios pés. Eles poderão tropeçar, mas nunca deixe seu sorriso cair. Torne-se invencível e lembre-se que isso será uma grandeza para mim. Mas acalme-se diante das intempéries, pois tem muita coisa nesse mundo que não podemos entender.

12/11/2020 23:17:42

Ah, quando se desentender com a sua mãe, converse e peça perdão, e ela irá te perdoar. Dessa forma, você dará o primeiro passo para um dia ser o homem da casa. Não se esqueça de fazer o papel de irmão mais velho, cuidando zelosamente de sua irmãzinha. Meu maior orgulho é vê-lo crescer e aprender a lidar com a vida. Aproveite cada segundo para ficar perto de quem ama, o tempo passa muito rápido, filho, e os momentos não voltam.

Agora é sua vez, Helena, minha menininha... Aprendi a te amar, desde quando você se encontrava apenas no instinto maternal, onde saracoteava sem cessar. Mas, quando te vi pela primeira vez tão pequena e indefesa, abracei-a calorosamente, e percebi que você seria uma das minhas maiores razões de viver. Desde então, eu sempre te amei, a cada sol que se põe e a cada lua que se esconde.

Palavras não são suficientes para declarar tudo que anseio. Seu sorriso é a peça do quebra-cabeça que faltava em minha vida e seu olhar é um texto que decodifico todos os dias. Fico feliz em vê-la se tornar uma garotinha tão gentil e com um coração tão puro. Você é uma fonte que jorra incessantemente sentimentos espetaculares, e é por isso que sinto em meu peito um desejo constante de protegê-la, e até esta ocasião é o que tenho feito.

Entretanto, agora meu peito é tomado por um misto de sentimentos, por dois motivos: de não poder estar ao seu lado nos melhores e nos piores momentos, mas ao mesmo tempo fico feliz só de imaginar a menina-mulher forte e decidida que você se tornará. Meu desejo era colocar teus pés sobre os meus, e caminhar somen-

ultima edit2.indd 172-173

te pelos caminhos seguros e de mansidão. Dessa maneira, você nunca feriria seus delicados pezinhos com as pedras que existem no caminho, tornando sua caminhada mais leve. E foi assim, por um generoso tempo, porém agora é com você.

Sabe, minha princesa, os anos passarão e eu ficarei velho, mas meu amor nunca mudará. Jamais deixarei de agradecer pelo privilégio de ser o guardião de um anjo tão lindo. Se eu pudesse te daria a oportunidade de se ver, através dos olhos das pessoas ao seu redor. Sua voz é melodia. Seu cabelo é raio de sol. Seus olhos representam a doçura do mel. Seu sorriso envolve o brilho das estrelas. Você é e sempre será o meu bebê!

Não se esqueçam que ser pai de vocês tem sido um aprendizado e tanto, e que meu coração resplandece ao ouvir o chamado de "papai". Vocês sempre serão a melhor parte de mim!"

Mesmo diante de sua ausência, sinto que continuo sendo a sua garotinha. E o afeto que habita dentro de mim faz-me enxergá-lo com bons olhos. O que as suas palavras me proporcionam é um sentimento mágico. Mesmo sem a sua presença física, ele está me ensinando o que é o amor incondicional. Sinto-me amada, sem ao menos ouvir um eu te amo.

— Helena, o mais comovente ainda está por vir. Escute atentamente:

"Não é um adeus definitivo, será um até logo. É apenas uma estação da minha vida: o mesmo vento que me leva, me trará de volta. Visto-me de saudade, já que custa muito me despedir, quando meu desejo é ficar. Não quero que fiquem tristes, estou levando

12/11/2020 23:17:42

uma porção de cada um em meu peito, porque o destino não é capaz de destruir a nossa conexão. Deixo o alicerce da vida para que possam concretizar seus sonhos.

O que me basta é ter muita coragem para dirigir meu caminho sozinho, já que vocês são meu combustível. Levo comigo uma bagagem de lembranças e risadas. Sobreviverei das migalhas que encontrarei pelo caminho. Empecilhos surgem para testar nossa confiança, que sucede em felicidade quando é superado, como resultado de nossas forças.

Deixo nesta carta uma nota e um abismo no lugar do meu afeto: nunca foi tão difícil colocar uma vírgula, ainda mais na nossa história. Se eu chorar, o mundo vai rir. Mas, se eu olhar pro céu, eu vou sorrir. Pois Helena me ensinou a olhar as nuvens, com muito amor, o que retirará toda a minha dor. É impossível acreditar nesse discurso finito que escrevi agora. Bom, já estou indo, chegou a minha hora."

Gratidão, pois vocês ajudaram a compor a minha história da vida real.

Bartolomeu Davies

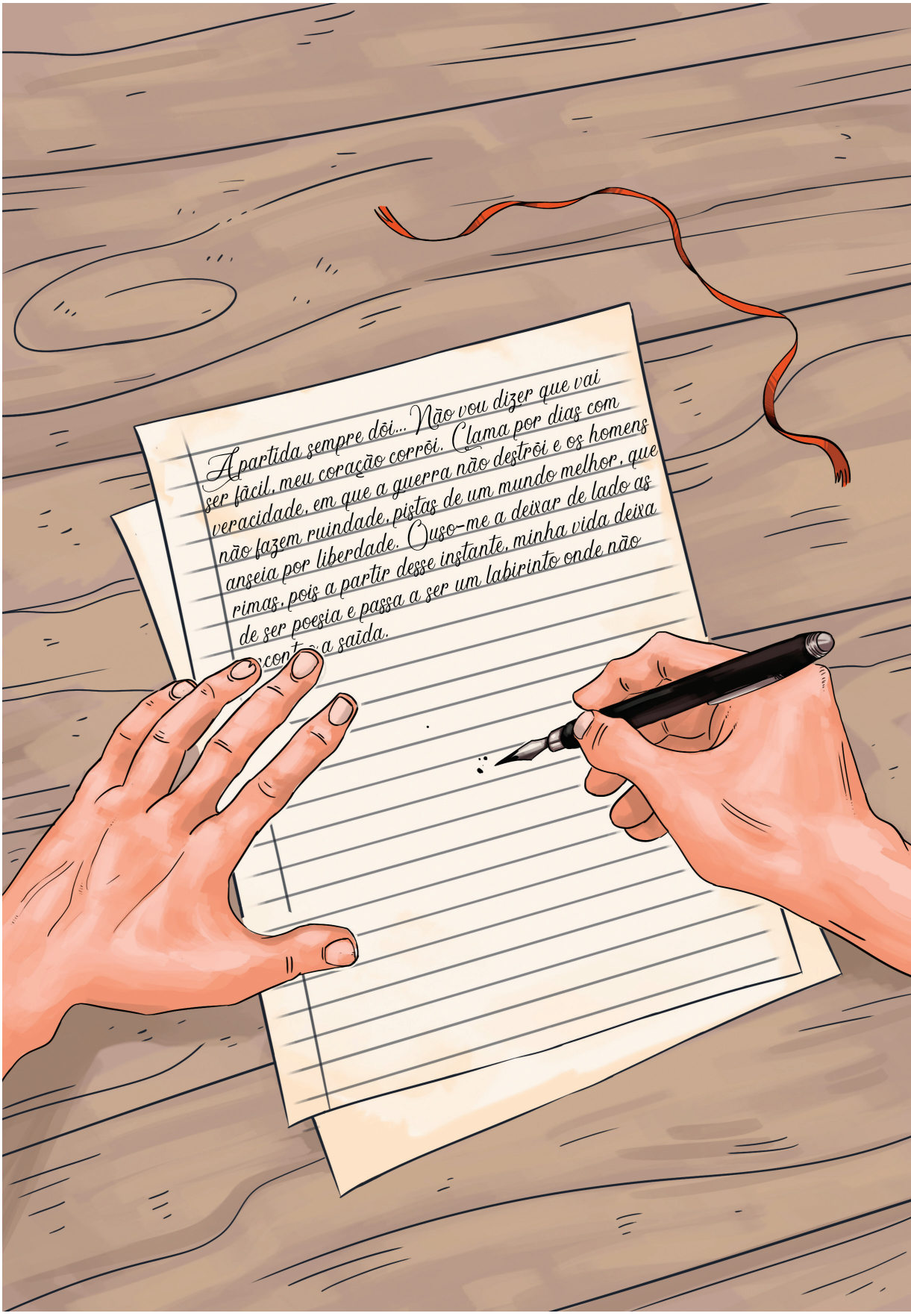
— Helena, percebi que essa carta te deu asas para voar em seu próprio universo, permitindo uma visão de suas raízes, dando-lhe motivos para conservar a sua formidável essência, auxiliando a se livrar dessa dor que consome seu peito. Meu ombro não comporta a ternura de um abraço quente, que nem o de um pai, mas posso oferecer-te o meu, este que adoraria ter o poder de repartir a sua dor pela metade, essa que invade sem piedade a sua alma. - Expressou

ultima edit2.indd 174-175

Benji.

Eu sabia que aquela lacuna não seria facilmente preenchida, mas não poderia negar que o conforto recebido de Benjamin havia trazido leveza à alma e efeito paliativo ao meu frágil miocárdio.

12/11/2020 23:17:42


A partida sempre dói... Não vou dizer que vai
ser fácil, meu coração corrói. Clama por dias com
veracidade, em que a guerra não destrói e os homens
não fazem ruindade, pistas de um mundo melhor, que
anseia por liberdade. Ouso-me a deixar de lado as
rimas, pois a partir desse instante, minha vida deixa
de ser poesia e passa a ser um labirinto onde não

15

Làmpada màgica

12/11/2020 23:17:43

Tudo ao meu redor tinha vida. Contudo, aquela carta fez com que eu me sentisse estática, como uma boneca de porcelana que carrega em sua face partículas de cargas negativas e um coração translúcido. E, assim, como o semblante dela, o meu também estava congelado. Será que eu me tornaria uma pessoa fria? Não tenho dúvidas de que mamãe sabia dessa carta, mas e os outros? Papai prometeu voltar após sete anos, mas não cumpriu com a sua palavra. O que aconteceu, afinal? Por que não voltou? Ele tem outra família? Esqueceu-se de nós? Por que nunca mais mandou notícias? Era inevitável não pensar em tantas possibilidades.

Ao mesmo tempo, sentia-me aquecida por um chapéu de lã, vestindo amor e saudade, o que alimentava a esperança de que aquele sentimento de frieza seria passageiro e eu não seria mais uma da família a engavetar os sentimentos e lembranças de meu pai. Então, com um toque mágico, troquei meu mundo de sonhos pela realidade.

Tudo o que senti diante daquela carta bastou para que eu compreendesse que a vida nem sempre é feita de escolhas. Papai não escolheu nos abandonar; ao contrário disso, seu desejo era de que vivêssemos como uma família feliz, daquelas que fazem tudo juntos, unidos.

O sol já havia caído e a chegada de mamãe certamente estava próxima. Após Benjamin ir embora, em um momento de reflexão pessoal, questionei-me o que seria pertinente diante daquela situação, porém nada vinha a minha mente. O caminho para casa foi intenso, cheio de dúvidas e questionamentos. Comecei a acelerar

ultima edit2.indd 178-179

meus passos e a cada um dado parecia que nunca terminaria.

Comecei a secar as lágrimas que escorriam incessantemente pela minha blusa amarela acetinada. Já estava próxima a porteira quando avistei vovô podando algumas árvores e recolhendo algumas mudas do jardim. Entrei de fininho para que ele não notasse a minha presença, mas para não perder o costume, pisei em um galho que fez um barulhão.

— Oi, querida, o que esses olhinhos brilhantes estão fazendo aí, hein?!

— Ah, vovô, um cisco entrou em meu olho e agora não quer sair mais. Acredita?

— Sei menininha, eu te conheço desde o dia em que estava ainda na barriguinha de sua mãe, e sei que está me enganando.

— É mesmo, vovô! O senhor me conhece muito bem. Sendo assim, vou ao meu quarto descansar um pouco, quem sabe assim consigo esvair alguns pensamentos.

Passei pelo corredor, tão rápido quanto uma ventania na tempestade. Guardei a pequena canastra que estava enrolada sob um pano e coloquei-a de volta no guarda-roupa. Deitei-me em minha cama, estiquei as pernas e agarrei um bichinho de pelúcia tão fofinho quanto o meu travesseiro.

Os olhos estavam pesados, mas a mente inquieta não me deixava em paz. Virei-me de um lado, virei-me do outro e nada. O cansaço era grande, mas os questionamentos e a saudade eram ainda maiores. Já que o sono não vinha, aproveitei para tomar um banho

12/11/2020 23:17:43

e lavar minhas madeixas. Vovô diz que quando as mulheres de casa lavam seus cabelos, elas fazem um anúncio, assim ele já presume que a vez dele demorará muito para chegar.

No banho, tenho meus melhores pensamentos. As gotas de água que caiam do chuveiro revigoravam-me e a espuma que o sabonete proporcionava deixava minha pele macia e sedosa. Perdi a noção do tempo, aquela água quentinha fazia-me não querer sair do banho, e aquela nuvem úmida que pairava sob o banheiro era relaxante para a alma.

De repente, ouço meu nome ser chamado; era um som altamente intrincado, representando que mamãe já havia preparado o jantar. Abri o box e, ao encostar os pés no chão, levei um choque. A noite certamente seria uma das mais frias e a sensação de sentir-me restaurada tomou conta do meu corpo, mas não da minha mente. Coloquei minhas roupas felpudas e aqueci-me com uma manta; não era uma das melhores, mas servia para deixar-me mais quentinha.

Todos já estavam na mesa, me aguardando. A fome não habitava em mim. Peguei o prato, e menos de meia concha de sopa era minha refeição. Todos perceberam que eu estava diferente, e para disfarçar eu passava a colher de um lado para o outro, sem colocá-la na boca. Theo aproveitou-se da situação para fazer uma de suas brincadeirinhas nada agradáveis:

— Ué, Helena. Passar a tarde com o namoradinho tirou sua fome? – Disse ele com ironia.

— Theo, por favor, hoje não estou muito sã para lidar com suas petulâncias, além do mais, a lei do retorno não falha. Está que-

ultima edit2.indd 180-181

rendo ver o pepino voador?

Soltei o cotovelo sob a bancada e repousei a cabeça sob um de meus pulsos. Nesse momento, ouvi uma risada irônica, vinda de minha mãe. Seu cinismo fazia meu estômago revirar. Já estava esgotada de tudo aquilo, e essa ação só me fez agir de tal modo:

— Olha, boa refeição para vocês, prefiro me retirar, estou farta de tudo isso – Bati as mãos sob a mesa, levantando-me da cadeira.

— Helena, minha filha, não estou te reconhecendo. O que deu em você?

— Talvez, mamãe, eu esteja cansada de ser ludibriada por tudo e por todos. Sinto que só ando no escuro!

— Onde você está querendo chegar, mocinha?

— Eu estou falando da minha história, mãe. Preciso desvendar os mistérios de minha essência. Ainda não entendeu?

Ao virar em direção ao corredor, pude escutar o barulho de uma cadeira se arrastando, porém eu não queria que ninguém viesse atrás de mim.

— Volte aqui, Kataryna! Não é uma boa hora. Ela já deu indícios que a sua presença não é viável para o momento. Deixe-me ir, para ver o que está acontecendo. Quero ficar a sós com Helena, nas próximas horas, não me interrompam. – Afirmou vovô.

Confesso ter sentido um remorso muito grande diante de minha atitude com mamãe. Nunca a tratei assim. Talvez seja porque

12/11/2020 23:17:43

eu não sabia que ela é tão egoísta a ponto de esconder detalhes da vida de meu pai. Quando engavetou aquela carta, guardou meus sonhos ali junto dela.

Parecia que dentro de mim não existia nada, nem fome, nem sede e muito menos vontade de conversar com minha mãe. Por que ela preferiu omitir essas informações por tanto tempo? A escolha foi dela, mas é meu direito saber sobre ele. Cada molécula que existe no meu sangue possui o seu DNA, e até a maneira que ele se expressa revela uma semelhança entre nós.

De repente, meus pensamentos foram interrompidos por três fortes batidas na porta, e eu logo disse em um tom irritado.

— Deixe-me quieta. Preciso de um momento sozinha. Parece que não me entendem!

— Helena, sou eu, deixe-me entrar, por favor. Precisamos conversar! –Suplicou vovô.

— Vovô, é melhor deixarmos nossas conversas para amanhã. Não estou disposta hoje.

— Abra logo, Leninha! Se não buscarei a cópia da chave. Entrarei aí de qualquer jeito. – Afirmou vovô com voz forte.

Vovô Wicenty estava decidido. Então, achei melhor abrir a porta, em sinal de obediência.

— É melhor você me contar o que está acontecendo. Só assim terei condições de ajudá-la. – Suplicou vovô.

— Mas não tem sentido algum contar-lhe algo que todos já

ultima edit2.indd 182-183

sabem, menos eu.

— Minha querida, não me culpe pelas respostas omitidas. Um dia, eu te disse que nem todos os questionamentos podem ser respondidos por mim. Eu não tenho autorização para invadir o espaço alheio.

— Sim, vovô. O senhor é a pessoa mais dotada de sabedoria que já conheci na face da terra.

— Lembra-se, também, quando lhe disse que tudo tem seu tempo, sua hora, e antecipar não é o ideal? Por vezes eu tive vontade de adiantar tudo isso, mas a maturidade e o bom senso não me permitiram tamanha ação.

— Por que as coisas demoram tanto assim? E por que elas não são do nosso jeitinho, vovô?

— Minha netinha, a vida é feita de propósitos. O tempo não é controlado pelo desejo. A vida ensina a ter paciência; todavia, adianto-lhe que ele está mais próximo do que possa imaginar. Eu posso sentir, Helena. Agora, mais do que nunca, você precisa ser perseverante e astuciosa, como Marysha também foi.

— Quem é Marysha? – Indaguei.

— Ah, é uma esperta mocinha, que em um certo dia resolveu fuçar as bagunças de sua casa e acabou encontrando uma lâmpada dourada. Achou-a tão linda e então a guardou em seu quarto para testá-la quando estivesse sozinha.

— Que legal, vovô. E o que mais aconteceu? Conte-me, estou curiosa!

12/11/2020 23:17:43

Bom, vamos lá! Em uma noite de lua minguante, sem nada para fazer, ela lembrou-se daquele objeto, pegou um pano com álcool para limpá-la, já que estava um pouco sujinha e começou a esfregá-la, quando de repente uma luz branca surgiu do bico da lâmpada, o que causou um grande susto em Marysha, resultando em uma queda. Enquanto isso, uma estrutura humana masculina ia surgindo, e seus pés eram em forma de névoa. Era um gênio, que saiu e disse:

— Menina, você é especial! Encontrou a lâmpada e retirou-me dela. Como forma de agradecimento, concedo-lhe três desejos. Pense muito bem, pois são apenas três.

Marysha ficou espantada e sem acreditar que isso estava acontecendo, pois aquela cena era idêntica a um de seus livros infantis; beliscou-se para ver se era real. Entretanto, ela pensou que uma chance dessa não bateria duas vezes em sua porta e, antes que o gênio mudasse de ideia, foi logo apresentando o seu primeiro desejo.

— Eu desejo ter um melhor amigo que acompanhe meus devaneios e que nunca me deixe sozinha. Além disso, deve ser bastante destemido, enxergando a vida ainda mais colorida.

O gênio se emocionou, já que ninguém nunca havia pedido isso até aquele momento. E logo concedeu-lhe. Era um menino com a pele clara, alto, magro e de cabelos pretos. Seu instinto era aventureiro, sendo astuto e perspicaz. Resumindo, era um menino muito especial, que se tornaria um ótimo companheiro.

Ela avistou aquele garoto, com um brilho no olhar e sua fi-

ultima edit2.indd 184-185

cha caiu. O desejo realmente tinha se realizado. Então, pensou... pensou... E dessa vez uma ideia surgiu como um facho de luz em cima de sua cabeça:

— Senhor gênio pude perceber que a morte é algo muito difícil e doloroso e tenho muito medo de perder as pessoas que tanto amo. O pedido é o seguinte: quero que meus avós, meus pais e meu irmão vivam felizes e saudáveis, e assim, tornem-se eternos.

— Marysha, Marysha... É uma pena lhe dizer isso, mas a morte é uma passagem para o outro lado do caminho, e nela eu não consigo mexer. Somente o Criador tem poder para isso. Vou contar-lhe uma coisa, guarde na sua mente e no seu coração: o que resta na vida não é o início e nem o fim, mas sim as sementes que plantamos ao longo da caminhada. Algumas destas sementinhas são as lembranças e memórias que ficarão plantadas em seu íntimo, e com elas ali, ninguém será capaz de separá-los. Tudo passará a ser uma recordação, mas você precisará sobreviver.

Um silêncio pairou sobre o quarto da garota. Suas pernas amoleceram depois de escutar aquelas sábias palavras. Ela reconheceu que o gênio tinha razão, mas seu interior não conseguia absorver aquele conselho.

— Vamos, peça seu último desejo!

— Mas... Eu não tenho ideia do que posso pedir! Sou uma moça agraciada com tudo que possuo.

— Não é convincente, Marysha. Todas as pessoas têm um desejo, que podem considerar até mesmo impossível, e que muitas

12/11/2020 23:17:43

vezes o receio impede de cumpri-lo. Pense em qualquer coisa que você possa realizar em sua própria mente primeiro.

Um ato aparentemente estranho aconteceu. O rosto de Marysha abrilhantou-se e ela até endireitou a postura para dizer com convicção o que tanto almejava, já havia algum tempo.

— Gênio, já sei o que eu quero!

— Sim? Diga-me. – Falou o gênio em tom conciso.

— Eu desejo que você utilize a luz que tem aí dentro de sua lâmpada para guiar os meus passos, e que assim eu desvende os mistérios da minha família, que tanto ferem meu coração.

— Pode deixar! Agora, prepare-se para as pistas que encontrará pelo caminho. Eu ilumino, mas o restante é com você. Seja perseverante, não desista e nem mude a rota. Lembre-se que os seus limites não são maiores que você.

E foi assim, com a ajuda de um mero gênio da lâmpada, que a vida de Marysha começou a fazer sentido. Desde esse dia, artefatos, manuscritos e retratos começaram a encaixar os fragmentos de sua vida, que até alguns dias atrás eram totalmente desconhecidos, e agora respostas seriam formadas e as dúvidas deixariam de exterminar o sossego de sua mente.

— Que história bonita! Queria ter um gênio aqui comigo.

— E o que você pediria, menininha?

— Somente a força de Marysha, vovô!

— Um único pedido vindo de minha Helena?

ultima edit2.indd 186-187

— Não! Pensei bem e tem um ainda mais importante: pediria ao gênio a única pecinha que falta no meu quebra-cabeça da vida.

— Ah, minha doce Helena, vindo de você tenho certeza que esse gênio seria incapaz de recusar o seu pedido. Agora, você precisa descansar, só não esqueça que toda espera é recompensada, minha neta!

Repousei, com as pálpebras cansadas de um dia doloroso, e antes de adormecer pensei que, pela milésima nona vez, a voz fraca e rouca de vovô havia sido capaz de transferir o entusiasmo da menina Marysha para mim. Ah, quão valorosos são seus ensinamentos, para os sonhos e para a vida!

12/11/2020 23:17:43



16

O poder das energias

12/11/2020 23:17:43

— Crianças, o conhecimento é como uma chave que abre portas para um novo mundo!

As palavras da tecnológica professora Alana, sempre com um pezinho à frente de seu tempo, faziam-me sentir esperança de um futuro melhor e de que, talvez, por meio da ciência, as coisas poderiam mudar.

Como de costume em suas aulas, e diferente das demais que seguiam o modelo tradicionalista, orientou que formássemos um círculo, sentados no chão e, a fim de inferir nosso conhecimento prévio sobre o tema, perguntou:

— Alguém já ouviu falar em corrente elétrica?

Nesta aula, todos queriam participar, e mesmo com o raso aprendizado obtido no ano anterior, a sala toda respondeu em coro, instantaneamente, sem ao menos pararmos para respirar, como se estivéssemos em uma competição, conectados por um único fio de energia:

— É o que produz luz!

— Muito bem, crianças! Mas, além de produzir luz nas casas e nas cidades, também é uma forma de energia, que pode ser encontrada em diversos lugares. Alguém sabe onde podemos encontrá-las?

— Lá na minha casa, professora! Antes não tinha, mas agora basta clicar no botãozinho e a luz se acende. No meu quarto tem até um abajur. E, ainda, temos o chuveiro, que garante um banho quentinho, no entanto, se não tomarmos cuidado, pode provocar

ultima edit2.indd 190-191

um tremendo choque, de deixar os cabelos arrepiados! – Disse Anthony, filho de um poderoso governante comunista da nossa região.

— Isso mesmo, Anthony! Esses choques são causados por muitos motivos. Um deles, por exemplo, é o fato da torneira ser de metal e possuir condução de eletricidade que, ao entrar em contato com a água, pode ocasionar uma descarga elétrica, ou seja, um choque. Ah, falando nisso, vocês sabiam que o choque elétrico é uma reação do nosso organismo quando é surpreendido pela passagem da corrente elétrica?

— Eu já vi raios resplandecentes caindo do céu em uma tempestade, professora. Meu pai sempre dizia que devíamos cobrir os espelhos com lençóis, pois eles atraem os raios. Até os dias de hoje, mesmo ele não estando conosco, seguimos com o mesmo costume. – Contou-nos Benjamin.

— Realmente Benjamin, o raio causa um forte reflexo no espelho, entretanto, não há comprovação científica que ele atraia o raio. Entendo que é uma bela maneira de lembrar-se de um ensinamento do seu pai, e ainda de manter um hábito oriundo de sua cultura italiana. Enfim, um raio é um grande pico repentino de eletricidade entre o firmamento e a terra.

Enquanto a professora falava, só podia observar algumas batatas sobre a mesa e, por instantes, distanciei-me dali, imaginando que, se Barth estivesse presente, e se fossem cozidas, certamente não sobraria uma para contar história.

Nas batatas haviam hastes de metal enfiados e envolvidos por fios de cobre e zinco, juntamente com uma lâmpada. A prin-

12/11/2020 23:17:44

cípio, não entendemos o objetivo daquilo. Pensei que seria aula de culinária, ou até mesmo métodos de plantio, até que a professora começou a explicar sobre átomo e matéria. Inclusive, disse-nos que tudo que existe no universo inteirinho é feito de matéria, até mesmo aquela deliciosa broa que se faz presente na culinária polonesa.

— A batata sozinha não gera eletricidade, mas contém ácido ascórbico. Este componente, ao juntar-se a um átomo de cobre e a outro de zinco, faz com que eles passem de um lado a outro, usando este componente natural como condutor da energia. Esse fenômeno pode acender e manter diversos aparelhos elétricos funcionando por um bom tempo. Aqui em Lublin, com tecnologia, engenhosidade, e claro, as batatas das nossas terras, nós fazemos eletricidade!

Todos ficaram pasmos ao ver a lâmpada acender-se, tamanho era o fascínio pelo experimento científico, que, apesar de ser uma técnica antiga de energia criada no século XVIII por um italiano, eles ainda não haviam presenciado tamanha proeza, já que em dado momento a ciência, majoritariamente, era restrita aos laboratórios.

Sem dúvidas, a professora Alana era incrível, sua inteligência era estupenda! Sentimo-nos radiantes com sua criatividade e pela forma como nos deixava motivados ao oportunizar a busca pelo conhecimento.

Essa experiência foi o bastante, a ponto de deixar-nos elétricos para a próxima aula, a de educação física. O professor George propôs uma partida de futebol americano, com o intuito de manter-nos aquecidos, já que ele trabalhava a nossa velocidade, agilidade, capacidades táticas e a força dos nossos músculos. Com as energias

ultima edit2.indd 192-193

carregadas, eu não ficaria de fora, pois adorava atividades motoras.

Logo de imediato, o futebol americano ganhou o nosso coração e é claro que aproveitamos até o último segundo da partida, mesmo que entender a dinâmica do jogo fosse um pouco complicado no início. A questão é que quando meu time entrava em campo, queríamos conquistar o território e para isso era necessária muita parceria durante as estratégias.

O primeiro pontapé começou com o nosso time. Estávamos com vantagem, pois tínhamos Benjamin, indubitavelmente o jogador mais talentoso. Possuía forte espírito de companheirismo, competência essencial nesse esporte. Apesar disso, contávamos com um jogador a menos. Bom, um fato que passava quase despercebido devido ao extremo dom esportivo de Ben.

O revezamento era constante, dois períodos já haviam passado; aconteciam tantos avanços pelo ar que apelidamos de interceptação arranha-céu, era uma série constante de downs para os Leões Dourados, nome do nosso time. Até senti orgulho do meu cabelo devido à referência, mesmo que involuntária.

Era bonito de se ver, o nosso domínio era inigualável. Durante a partida, entregamo-nos de corpo, alma e coração, causando uma insanidade total e nenhuma defesa do mundo era capaz de deter-nos. Sentimo-nos como jogadores famosos em uma final de campeonato mundial, onde é tudo ou nada!

Queria que todas as manhãs fossem como aquela. As aulas haviam provocado um enorme aprendizado, foi possível aprimorar nossas habilidades, tanto cognitivas quanto motoras, e a energia

12/11/2020 23:17:44

esteve presente em ambas.

O professor George deu alguns minutinhos para descansarmos, já que havíamos terminado a partida e todos estavam sedentos para beber toda a água do bebedouro. Aguardei Benjamin amarrar os seus sapatos que, como de costume, sempre estavam se arrastando pelo chão. Era nítida a sua dificuldade com os cadarços, então ensinei a ele uma maneira bem mais fácil de prendê-los.

Benjamin me agradeceu pelo ensinamento, e aproveitei então aquele momento para elogiá-lo por seu desempenho no jogo.

— Benjamin, você é um ótimo jogador de futebol americano! Deveria tentar seguir carreira. Sem dúvidas, iria fazer sucesso! Com certeza, mais essa habilidade, dentre as tantas que possui, fará de você um dos escolhidos da viagem à Colônia de Férias, que acontecerá nos próximos meses.

— É, realmente. Não quero ser convencido, mas o meu desempenho no esporte "È il mio cavallo di battaglia!" – Garantiu-se, com seu jeito brincalhão.

— Que sotaque italiano charmoso! Mas o que significa essa expressão?

— Significa "É o meu cavalo de batalha!", pois ele é sempre o mais saudável, robusto, vigoroso e por isso, é aquele em que você confiaria a sua vida! Essa frase é usada para indicar o ponto forte de uma pessoa, e pode ser dita em qualquer contexto.

— Esplendoroso, Benji! Uma expressão que, certamente, fará parte do meu vocabulário!

ultima edit2.indd 194-195

— Falando em habilidade, a sua com as palavras reservará o seu lugar como a primeira na lista! Gostaria de saber de onde você tira esses vocábulos tão bonitos, porém complexos.

— Ah, Benji, isso é adquirido com o tempo. Quanto mais eu leio, mais aprendo! Acredito que a leitura é uma fábrica de palavras que produz para o meu vocabulário e, assim, registro-as em meu cérebro, especificamente, em um dicionário mental, apelidado por mim como Helenês.

Enquanto conversávamos sobre nossas qualidades, fomos interrompidos pelo som de um apito estridente. As crianças se olharam espantadas e o ambiente barulhento tornou-se silencioso.

O professor, surpreendentemente, leu nossos pensamentos, dizendo que a hora tão esperada por todos havia chegado! Olhei para Ben e ele me disse bem baixinho que seria anunciado o nome dos alunos escolhidos para a tão sonhada "Colônia de Férias". Fechei os olhos e, junto a mim, todas as crianças começaram a repetir seus próprios nomes na tentativa de trazer boa sorte.

Ben segurou minhas mãos firmemente e, neste exato instante, o professor disse:

— Pessoal, escutem atentamente os nomes dos alunos que ganharam a passagem para a esplêndida "Colônia de Férias".

Eu podia ouvir as palpitações dos corações em ritmos mais que acelerados. A cena aconteceu pausadamente, tudo parecia estar em câmera lenta, e os lábios do professor se encostaram um no outro, indicando falar a letra "B". Eu estava certa, Benjamin

12/11/2020 23:17:44

foi o primeiro a ser chamado. O seu sorriso foi de orelha a orelha, abraçou-me como se estivesse esmagando um boneco, dizendo a mim que eu seria a próxima, mas, para o meu azar, não foi isso que aconteceu.

Já estava perdendo as esperanças, quando o professor George disse o meu nome e entregou a mim um bilhete com orientações sobre a viagem. Para finalizar, ele disse:

— Parabéns aos selecionados! E para aqueles que não foram, esforcem-se mais um pouquinho que, com certeza, logo atingirão seus objetivos. Agora estão dispensados. Não se esqueçam de trazer o papel que lhes dei assinado pelos responsáveis.

Virei-me de frente a Benji e comemoramos aquele tão esperado momento. Pulamos e até fizemos uma dancinha engraçada. As outras crianças que não foram escolhidas olhavam-nos com um arzinho de inveja, mas nada poderia nos conter. Nossa positividade era tanta que até os outros alunos selecionados também se juntaram para fazer festa.

Após o eufórico momento, saímos da escola e seguimos para os nossos lares. No caminho, em passos vagarosos, inalamos a energia vinda da natureza, enquanto recuperávamos nossas forças lentamente. Nisso, Benjamin trouxe o temido assunto à tona:

— Helena, como você se sentiu durante a refeição com a sua família? Conseguiu olhar no fundo dos olhos de sua mãe depois de tudo que aconteceu ontem?

— Nem me lembre disso! Agi sem pensar, devido a tan-

ultima edit2.indd 196-197

tos sentimentos que estavam guardados dentro de mim, mas sinto que eu precisava, não da maneira que ocorreu, mas o desabafo fez com que meu coração se aliviasse, sabe? Depois de levantar-me da mesa, coloquei-me no lugar de mamãe, nunca a havia tratado de tal maneira, admito que fui uma filha muito rude e a tratei com desprezo. Estou envergonhada!

— Mamma mia! Helena, você sabe que, agindo dessa forma, pode colocar tudo a perder, não sabe? – Indagou, Benjamin, gesticulando como quem não aprovava meu comportamento rebelde.

— Ah, claro que sei, Benji! Não é fácil, mas tentarei me controlar. Na verdade, tudo começou pelo engraçadinho do Theo e suas brincadeirinhas desagradáveis, e então aquele sorrisinho irônico de mamãe foi o auge para que o estresse ultrapassasse os limites. Senti minha boca seca, minhas veias pulsavam e nessa hora tornei-me outra Helena, você não me reconheceria. Não me orgulho disso, mas meus próprios pensamentos me sufocaram!

— Sei que ama a sua mãe e imagino a dor que você sentiu, contudo agora você precisa pedir perdão a ela pelo comportamento. Acredito que ela não tenha feito de propósito e, talvez, pelo calor do momento e tantas descobertas feitas no mesmo dia, você já não estava tão bem. Quando isso aconteceu, a raiva e a fúria tomaram conta de você.

— Pode ter sido isso mesmo, Benji. Minha grande sorte é ter o vovô Wicenty como um porto seguro, que acalenta meu coração e sossega a minha alma incomodada. Ele se sentou ao meu lado, sendo o primeiro a importar-se com a minha angustiante dor. Con-

12/11/2020 23:17:44

seguiu aliviar um pouco do meu sofrimento com uma história cheia de ensinamento e sabedoria.

Nesse momento, contei a história de Marysha e a lâmpada mágica. Benji ficou encantado com tamanha significação. Questionou-me se eu não havia notado alguma semelhança entre o conto e a minha vida. Surpreendentemente, fui tomada por um misto de força. Sou mesmo a menina dos olhos de vovô e a história relatada é a minha.

— Ben, como você consegue ser tão esperto e observador a ponto de captar as coisas tão ligeiramente? Acho que é chegada a hora de reunir todas as pistas e ir em busca do meu tão sonhado herói. Não posso perder mais tempo!

— Acalme-se, Helena! Como o seu avô disse, tudo tem o seu tempo. Além do mais, precisamos nos planejar, para que nada saia dos conformes.

— Eu sei! Mas também não podemos ficar parados, esperando que o gênio apareça, né? – Zombei, rindo do meu amigo e esperando que ele mudasse de ideia.

— É claro que não, bobinha, mas usaremos a inteligência a nosso favor. Unidos alcançaremos a nossa meta! – Afirmou, Benjamin, deixando-me confiante.

— Ai, Ben! Você é mesmo um garotinho muito espertinho, hein? Um dia quero estar nesse patamar!

— Helena e seus elogios que deixam minhas bochechas rosadas! Mas agora, preste atenção, devemos nos planejar, Helê! As-

ultima edit2.indd 198-199

sim como nos preparamos para sermos escolhidos para o passeio, devemos nos preparar para ir em busca de seu pai. Lembre-se do delicioso pato que sua avó fez no dia em que fui almoçar em sua casa, não tenho dúvidas de que ela se programou para isso, buscou os ingredientes necessários e até observou o relógio, tempo a tempo, para que ele estivesse pronto bem na hora que chegássemos da escola. Isso se chama planejamento e quando se faz essa ação, tudo acontece de maneira adequada; aliás, ir atrás de um paradeiro é uma tarefa bem mais árdua e necessitará de um esforço bem maior do que cozinhar um pato.

— Certo, entendi e terei calma! Mas, então me diga, menino misterioso, qual o seu plano mirabolante?

— Ah, também não é assim! Nesse exato momento não consigo te dizer, pois preciso de muita concentração e um espaço adequado para pensar e planejar, já que preparar uma fuga exige inteligência, preparo físico e uma mente equilibrada.

De fato, Benjamin mergulhou de cabeça na minha aventura e estava disposto a encarar todas as dificuldades para ajudar-me no incessante desejo que carregava em meu interior. Mesmo com o pouco tempo de amizade, já podia sentir uma forte energia que nos conectava, como uma fonte de impulsos de alta voltagem.

12/11/2020 23:17:44



17

Retrospectiva

12/11/2020 23:17:46

Uma sensação de angústia tomava conta do meu peito ao aproximar-me de casa. Emoções inexplicáveis pareciam se agigantar dentro de mim, ocasionando diversos calafrios. El Shaday! Que esses presságios sejam apenas coisas de minha cabecinha pensante. Estou tão acostumada a viver fortes experiências que, às vezes, estranho a calmaria.

Ao adentrar em nosso sítio, fechei a porteira como de costume: impulsionando-me e erguendo os meus pés nas tábuas inferiores, segurando firmemente com as mãos pálidas e geladas acima. Era uma das formas de anunciar minha chegada, pois além do ranger da porteira com o meu peso, ela só parava quando finalmente batia na cerca de madeira, causando um estrondo já conhecido por vovô, que ao ouvir gritava:

— HELEEEENA! VOCÊ VAI CAIR E QUEBRAR A PORTEIRA DE NOVO!

Ela já havia sido reformada muitas vezes e as tábuas com reparos comprovavam isso, mas por mais que levássemos bronca, meu irmão e eu continuávamos com essa brincadeira que inventamos. Quando eu era pequenininha, Theo me erguia e me embalava para lá e para cá. Já, hoje, faço sozinha e até mesmo ele, que já é um rapazote, ainda brinca com isso quando pensa que ninguém está vendo ou ouvindo.

— Só mais essa vez, vovô! Estou comemorando uma pequena conquista. Devido aos meus bons resultados, escolheram-me para ir a tão esperada Colônia de Férias. – Ecoei.

— Que notícia agradável, deixou meu coração em festa. Es-

ultima edit2.indd 202-203

tou muito orgulhoso, Leninha! Agora, conte-me onde vocês ficarão nessa folguinha da escola?

— Espera aí, vovô! Deixe-me pegar o bilhete aqui na minha bolsa. O nome é tão estranho, parece até um insulto. Nem a minha capacidade de leitura pode decodificar esse nome. É... Swinnn, Snowi, Suinycie.

— Permita-me ajudá-la, querida. É Świnoujście.

— Nossa, vovô, parece até um palavrão.

— Fiquei sem palavras, o sopro do destino veio em sua direção! - Afirmou ele com os olhos brilhando.

— Como assim? – Indaguei.

— Deixe para lá, querida! Com o passar dos dias, você entenderá.

Preferi não prolongar a conversa, já que o meu estômago embrulhou ao sentir o aroma ácido e forte que vinha da cozinha. Não precisava ir até lá para saber que vovó havia feito uma comida que não agradava o meu paladar, a temida sopa de centeio fermentada. O sabor era horrível e o cheiro fazia a boca do meu estômago se fechar, no entanto, fortificava o corpo contra muitas doenças. Também pudera, afinal, se não tivessem benefícios eu duvido que alguém comeria simplesmente pelo intenso gosto azedo. Após a refeição não tão saborosa como as que a vovó costuma nos agraciar, resolvi seguir com a minha rotina diária e terminar os afazeres o mais rápido possível, queria ter tempo livre para espairecer um pouco e continuar com as minhas leituras semanais.

12/11/2020 23:17:46

Abri as janelas da sala, para circular ar dentro de casa. A ventania que entrava, passava e fazia um carinho grosseiro em meus fios encaracolados enquanto eu prendia a cortina nas abraçadeiras. Aproveitei aquele instante para contemplar a paisagem, como se a janela fosse um porta-retratos e, assim, notei enormes nuvens que faziam da cobertura celeste a própria morada. As árvores pareciam bailarinas de jazz soprando um vento gelado e as montanhas rochosas que foram esculpidas perfeitamente pelas mãos do Criador. Para ficar ainda mais perfeito, faltava um raio de luz. Procurei insistentemente a presença do sol, que se recusou a dar o ar da graça, tornando o dia mais frio. Os dias nublados são enigmáticos, devem guardar segredos. Não que eu não sinta apreço por essas coisas, mas o brilho intenso e o calor do sol são incomparáveis.

Enquanto estimava os detalhes que me envolviam, resolvi realizar uma oração em modo de agradecimento pela natureza que é um valioso presente dado pelo divino. Busquei me concentrar, ainda assim algo chamou minha atenção: a presença de alguém conversando com meu avô, lá na entrada do sítio. Forcei a visão, mas ainda assim não fui capaz de enxergar.

Era o Benjamin, como de costume, com um sorriso no rosto. O misto de cores do jardim cercava aquele menino. Entretanto, fiquei imaginando o que ele estava fazendo aqui? O que será que aconteceu? Apesar de inesperada, era agradável a sua visita. Mais que depressa, fui recebê-lo e em suas mãos segurava um potinho enrolado num guardanapo extremamente branco.

— Oi, Benjamin, que surpresa! Você nem me avisou que

ultima edit2.indd 204-205

viria.

— Então, Helê, vim retribuir a gentileza de seus avós. Lembra-se que me deram um litro de leite da vaquinha, no dia em que vim aqui?

— Com certeza! Sou apaixonada pela nossa Mimosa e também pela nata que fica por cima do leite, inclusive servem para fazer bolachas que derretem na boca.

— Infelizmente, não são bolachinhas de nata. Trouxe balinhas caseiras de leite que minha mãe preparou. Experimente uma, são deliciosas!

O coração dele transbordava gentileza. A cada bonito gesto daquele, nossa amizade se fortalecia cada vez mais. Ele conseguia transformar complicação em alegria. Entreguei o pote à minha avó, que agradeceu a Benjamin toda feliz e devolveu o guardanapo tão branco como a neve a ele, dizendo:

— Obrigada, Benjamin. Eu adoro um docinho! Leve o seu guardanapo, vou colocá-lo em um saquinho para não sujar. Sua mãe deve ter tido muito trabalho para deixá-lo assim tão alvo.

— Obrigada, dona Aurora, assim a poeira do caminho não o suja. Minha mãe me ensinou a lavar os panos brancos lá de casa com anil para ficarem assim. Como ela trabalha por longos turnos na padaria, então eu ajudo nos afazeres para ela poder descansar um pouquinho.

A consideração, responsabilidade e maturidade de Benjamin faziam com que a minha admiração ficasse ainda maior. Tratava-se

12/11/2020 23:17:46

de um menino de pouca idade e que a vida se encarregou de cobrar muito dele, desde que perdeu o pai. Resolvi descontrair um pouco para que não pensássemos em coisas tristes.

— Eu adoraria que o Theodor deixasse de preguiça e também pensasse nos demais, ajudando nos afazeres, pois tudo sempre sobrou para mim.

— Deixa de ser faladeira, Helena! Você me ajuda com os serviços domésticos e seu irmão ajuda o seu avô com os serviços pesados. Quando ele termina, fica estudando para ir ao espaço. O pobrezinho nunca para! – Disse vovó, tentando defender o netinho.

Eles dizem que não existe predileção, mas sinto-me a queridinha do vovô, e Theo, sem dúvida, o queridinho da vovó. Meu pensamento de irmã ciumenta foi interrompido pelo chamado apressado de Ben:

— Vamos, Helena! Precisamos começar aquela ilustração do texto dos piratas que a professora passou semana passada.

Benjamin piscou para mim após a fala, dando-me sinal de que era só concordar com o que ele havia dito. Bom, imaginei que fosse isso, já que não tinha tarefa naquele dia. Retiramo-nos da cozinha e corri para pegar minha mochila, mas tinha um engraçadinho em cima dela, era o Barth. Retirei-o e o coloquei em cima do sofá, mas ele gritava tristonho para mim:

— Helena, saudade, saudade!

Esse papagaio era o meu xodó e, com aquelas palavras, fui tomada por um sentimento de dó, por tê-lo deixado de lado sem

ultima edit2.indd 206-207

nenhum pingo de atenção. Coloquei-o na minha mochila, para facilitar o transporte, mas antes conversei com o meu amigo penoso, explicando que iríamos até à casa da árvore, onde ele amava ficar, porém íamos tratar de assuntos importantes; ele teria que ficar quietinho para não atrapalhar e, assim que chegássemos lá, eu o tiraria do sufoco, o bichinho detestava o escuro.

Benjamin agarrou a escada de corda e subiu como se estivesse em uma competição de escalada. Enquanto isso, eu não podia olhar para baixo, porque sentia tontura e logo me dava enjoo. Combinei com Benji que, antes de entrar, deveríamos dar um pulo com os dois pés, para dar sorte e ele deu um pulo como se estivesse pulando de um paraquedas, enquanto seus olhos davam voltas e voltas naquela casinha. Então questionei:

— O que você tanto pensa aí dentro dessa caixola?

— Ah, Helena! O que eu disse sobre os piratas era só um pretexto para começar um plano, mas estando aqui em cima, um pouco escondidos, sinto-me como um pirata, criando o mapa dos tesouros do Barba Negra, só falta a mão de gancho, o tapa-olho e uma espada.

— Não estou entendendo nadinha do que você tanto fala, Benji. De qualquer forma, o papagaio do pirata nós já temos! – Falei enquanto tirava o Barth da bolsa, para que ele pudesse respirar melhor. Foi aí então que caímos na gargalhada.

— Só você mesmo, seu senso de humor é incrível! Mas agora, vamos direto ao assunto. Eu tive uma ótima ideia! Acredito que você não reparou que nas cartas de seu pai existe um remetente que

12/11/2020 23:17:46

indica um endereço e, como obra do destino, a Colônia de Férias ocorrerá nesta mesma cidade.

— Não posso acreditar! Será que é possível você dividir um pouco dessa esperteza comigo? Você já pensou em ser um agente secreto?

— "Meu nome é Bond, James Bond." - Disse ele fazendo pose e replicando a frase do ator famoso de um filme de Hollywood.

Rimos novamente, mas ele continuou:

— Agora temos que ser bem astuciosos, para montar um mapa que indique o nosso passo a passo: como fugiremos da colônia sem que ninguém sinta a nossa falta, o caminho que devemos trilhar e como vamos conseguir entrar no local de trabalho de seu pai.

Nesse momento, meus pensamentos ficaram idênticos a uma cama de gato, aquela brincadeira feita com barbante que não se desmancha nunca. Não conseguia pensar em nada além da possibilidade de ver meu pai. Criar um plano tão mirabolante como Ben propôs, era quase uma tragédia anunciada.

— Helena, meus olhos também focaram no brasão que a folha possuía, eu sei que eram tantas emoções que te rodeavam e por isso não deve ter reparado nesse detalhe. Com a intenção de te ajudar, aproveitei a carona da minha mãe, que iniciou o seu turno cedinho, deixando-me mais cedo na escola. Desloquei-me discretamente até a biblioteca na tentativa de descobrir o que era aquele símbolo das forças armadas.

ultima edit2.indd 208-209

— Incrível! Você parece até uma máquina ambulante que planeja, organiza e elabora os seus planos e ações. Conte-me o que você encontrou?

— Descobri que aquele brasão é da Marinha Polonesa, e lá só existem soldados profissionais, o que me levou a procurar o significado daquelas letras junto ao nome do seu pai, na sutache.

— Ben, ainda estou processando as informações, mas continue.

— Helena, você não teve interesse em saber qual a profissão do seu pai?

— Sim! Claro que sim! Conte-me logo! – Afirmei, mostrando entusiasmo.

— CB é a abreviação de cabo. - Falou com bastante certeza.

— Cabo? Como assim? Quando eu ouço cabo, lembro-me somente de vassouras, enxadas, ferramentas e panelas, apesar de que a maioria das que estão lá no galpão não possuem cabo, algumas simplesmente quebraram e outras têm alças e um nome engraçado: caçarola. – Disse, explanando os meus conhecimentos completamente fora de contexto.

Às vezes, Benjamin deveria me achar uma boba. Sou muito impulsiva, não consigo ficar quieta, tenho o pensamento acelerado, e quando vejo já coloquei as palavras para fora, sem ao menos ponderá-las.

— Não é esse tipo de cabo, menina! Vou explicar desde o início: os oficiais têm um posto e uma graduação. Lá, eles têm uma

12/11/2020 23:17:46

hierarquia, como, os reis, rainhas, príncipes, só que no caso deles, não é familiar, e sim militar. E aquelas duas flechas amarelas na insígnia do seu pai indicam que ele é um Cabo. Não um cabo de panela, mas um Cabo Militar. Entendeu?

— Você é mesmo surpreendente! Como pode uma cabecinha tão pequena guardar tantas informações?

— Tudo é treinamento, Helena. Se você começa diariamente a exercitar o cérebro, ele se acostuma com essa atividade e começa a realizar automaticamente, sem necessitar de grande esforço.

Apesar de ainda termos muito assunto, a conversa havia se alongado, não nos demos conta que os ponteiros do relógio não paravam como gostaríamos que fizessem e repentinamente escutamos uma voz chamando o meu nome: era a mamãe que havia chegado mais cedo. Benji me olhou com espanto, pois, até então nunca a havia visto. Avisei-o que ela acabara de chegar do trabalho e que não era para ele reparar, pois no dia anterior havíamos tido uma discussão por causa das cartas e que depois disso não tínhamos conversado mais, e que geralmente tem um olhar sério, não demonstra simpatia e não liga muito para os laços afetivos. Ben então tocou meus ombros ao perceber minha face murcha e descolorida ao falar isso, que nem eram completamente verdades, mas eu estava tão chateada que minhas impressões se acentuaram.

— Helê, lembre-se do que te disse pela manhã. Respire fundo e esforce-se para esquecer o que aconteceu na noite passada, isso só fará mal a você mesma, visto que cedo ou tarde você vai precisar do apoio dela. Outra coisa: se ela perceber algo estranho, você co-

ultima edit2.indd 210-211

locará em risco todos os caminhos traçados. É isso mesmo que você quer? E quanto a mim, eu sei lidar com pessoas intolerantes, minha avó Antonella, que Deus a tenha, era uma italianinha osso duro de roer, não se preocupe comigo.

Concordei com ele, girando a cabeça da direita para a esquerda e da esquerda para a direita como um "não". Por mais que o coração fale mais alto, agora não é o momento de ser uma menininha mimada, tenho que ser racional e pensar que uma ação pode gerar uma consequência colocando tudo a perder. Logo, então, descemos, e mamãe disse:

— Então esse é o famoso Benjamin? Que prazer!

Mamãe se mostrou um tanto quanto entusiasmada ao vê-lo e, por incrível que pareça, tudo o que havia dito a respeito dela parecia mentira. O que ele pensaria de mim agora? Ela não parava de perguntar sobre a vida dele, até presumi que Ben ficaria incomodado com tanta curiosidade, mas, pelo contrário, ele estava bem à vontade. Quis até que ela apreciasse os dotes culinários de sua mãe. Pediu que fôssemos até à cozinha para ela provar o mimo que ele havia trazido para a família.

Na mesa da cozinha era possível observar uma fruteira com enormes e brilhantes maçãs. Brilhavam tanto que nem dava para dizer que eram naturais e o sabor quase tão doce quanto as balinhas que estavam ao lado, dentro do potinho. Mesmo sendo um pote de margarina reutilizado, era nítido o capricho e o cuidado de Ewa.

Raramente mamãe tentava agradar alguém, fazendo o que pediam. Aparentemente, ela colocava uma barreira em seus sen-

12/11/2020 23:17:46

timentos e relacionamentos, e também detestava que mandassem nela, mas o pedido de Benjamin foi muito agraciável e convidativo, ele era convincente e ela estava com fome depois de horas de trabalho, então concordou.

Abriu a vasilha, com tanta admiração. Contudo, quando seus olhos puderam contemplar o que aquele mero recipiente carregava, pegou uma bala que não chegou até a boca, pois ela ficou perplexa, como eu nunca havia visto, e nesse instante, derrubou-a no chão. Só pude reparar em sua face pasma e em seus dedos que se esfregavam um no outro, retirando o leite em pó que ficou grudado em suas mãos. Solicitou que Benjamin fosse embora e que eu jogasse as balas no lixo.

— Credo, mamãe, isso não se faz! Isso é uma grosseria de sua parte. – Afirmei.

— As balas estão deliciosas. O que lhe incomodou, dona Kataryna? – Indagou Benjamin.

— Retirem-se, logo! Não preciso me justificar. – Disse mamãe em tom de voz alterado.

Vovô Wicenty apareceu em um passe de mágica, como faz em todas as situações conflitantes que surgem.

— Consegui ouvir o alarido lá de fora. Alguém pode me explicar o que está acontecendo?

— Eu trouxe as balas preparadas carinhosamente, mas que não foram do agrado de dona Kataryna. Noto que minha presença não é agradável, despeço-me dos senhores e vejo Helena na escola

ultima edit2.indd 212-213

amanhã.

— Nem pensar, rapazinho! Você ganhou o coração de minha neta e conquistou os nossos corações também. Não sairá daqui antes de Kataryna lhe pedir desculpas.

— Sinto muito, papai! Mas isso eu não farei. - Minha mãe respondeu.

Ao mesmo tempo em que me sentia transtornada, ficava me perguntando de onde vinha aquela amargura. Vovó Aurora é tão benevolente e vovô Wicenty tão sábio, eu me sentia mais filha dos meus avós do que de minha própria mãe. Enquanto as palavras eram postas para fora de sua boca, eu a olhava e seus traços eram transformados em detalhes medonhos. A apatia já tomava conta de mim e a partir desse momento, a aversão aumentou.

Saí correndo em direção à porteira, queria fugir dali para nunca mais voltar. No primeiro tronco que encontrei, coloquei-me a chorar desenfreadamente. Benjamin é meu único amigo, e talvez, agora, esteja imaginando que sou a sua versão, em miniatura. Inesperadamente, meu corpo gélido sentiu um toque afável.

— Acalme-se, Helena, sua mãe é bastante imediatista e explosiva. - Declarou vovô.

— Sim, vovô! Mas isso não dá o direito de ofender os outros. Agora consigo entender o porquê de ela ser tão sozinha. É rude e desrespeitosa com todos ao seu redor. Quem não sente brandura pela própria família, irá sentir por quem, então?

— Minha netinha, já te disse várias vezes que cada ser hu-

12/11/2020 23:17:46

mano carrega dentro de si uma batalha, e nem todo mundo é capaz de aguentar as dificuldades sorrindo para a vida. Há quem viva preso por um passado de dor e sofrimento. Por vezes, é difícil inclinar-se para trás e ver que as situações não aconteceram da forma como gostaríamos, mas saber olhar com os olhos do coração, de dentro de tua alma e, enxergar os conhecimentos que esses caminhos diferentes lhe proporcionaram sobre si mesmo e sobre o que aprimorar dentro de teu eu, é o melhor presente que alguém poderia ganhar da existência terrena. Teus valores, teus amores, tuas condições, nada disso valem se não souberes quem tu és, o que te traz paz. As vãs conquistas terrenas de nada valem, se não souberes onde está a tua paz. É importante voltar para dentro de si, assumir como um ser em busca de aprimoramento. É o que vai lhe tirar do grande abismo.

— Quer dizer que mamãe está diante de um abismo?

— Sim, Helena. Um abismo dela com ela mesma!

— Mande embora todos os seus sentimentos ruins. Não há dor que o tempo não cure, talvez esse tempo ainda não foi suficiente para superar tamanho sofrimento, ela está presa a essa dor. Casou-se quando ainda era muito jovem, viveu uma linda história de amor ao lado do marido, mas aquilo que parecia ser eterno foi interrompido pelo dever de honrar a pátria. A partir do dia que seu pai se foi, Kataryna passou a ser outra mulher.

— Vovô, confesso que estou tentando entender as atitudes que tanto afligem o coração de minha mãe, mas não posso negar que por vezes sinto que ela desconta em mim o motivo da ausência dele.

ultima edit2.indd 214-215

— O que acha de daqui em diante ouvir a voz do seu coração, ir atrás de seus sonhos e parar de imaginar o que os outros sentem? Melhor ainda se essa aventura for ao lado de um bom companheiro. Vire-se e o verá!

Vi Benjamin com uma expressão facial tranquila, o que me acalmava um pouco.

— Sinto-me lisonjeado ao receber tamanho elogio vindo do senhor. Adoraria tê-lo como avô e, você, Helena, é uma menina de sorte! Seu Wicenty é mesmo dotado de sabedoria. Se o senhor me permite, a rota dos sonhos precisa ser revelada a Helena, que deve esquecer o acontecido e entender parte dos nossos planos.

12/11/2020 23:17:46



18

Despedida inesperada

12/11/2020 23:17:47

Um papel kraft pardo, rasgado de um saco de pão, comportava todas as ideias de Benjamin. Era um mapa riquíssimo, com traçados que representavam os caminhos, planos e projetos a serem seguidos. A letra X em vermelho marcava o local de onde partiríamos até o nosso destino em busca do meu tesouro humano. Ah, e o mapa tinha direito até a uma Rosa dos Ventos.

— Helena, para acalmar seu coraçãozinho aflito, faltam exatamente 31 dias para o tão sonhado encontro!

— Mal posso esperar... Tudo está tão próximo! A partir de agora faremos uma contagem regressiva! Para que possamos nos situar, deixarei um lembrete em meu quarto. Nele, contarei os dias, as horas e até os segundos para o tão sonhado momento.

— Ai, Helê. Você me surpreende. Adorei a ideia! É muito bom estar aqui com você, apreciar as flores, os campos e o céu. Ah, falando nisso, já é tarde, preciso ir antes que minha mãe chegue. Nos vemos amanhã na escola, certo?

— Benji! – Gritei enquanto ele já estava seguindo seu rumo.

— O que foi Helena?

— Já ia me esquecendo. Obrigada por tudo!

— Imagina. Você me elegeu como seu melhor amigo. Conte comigo sempre que precisar!

Benjamin se foi e eu fiquei sorrindo até que sua sombra se encobrisse na curva da estrada. Virei-me e fui andando em direção a casa, mas antes mesmo que eu pudesse entrar lembrei-me de Barth, o pobrezinho havia sido deixado na casa da árvore sem ao menos

ultima edit2.indd 218-219

uma batatinha para saciar a sua fome.

— Barth, cadê você?

— Helena, Helena! Aqui, aqui!

Alimentei-o com muito carinho e então deixei-o no poleiro. Theodor estava na varanda e a meu ver, foi logo perguntando:

— Benjamin, não vai ficar para o jantar, Helena? Passaram a tarde toda juntos.

— Aff, Theo. Não vejo a hora de vê-lo no espaço. Serei feliz como nunca!

— Como conseguem, meninos? Um minuto juntos e já estão se alfinetando? Certamente, um dia sentirão falta um do outro. Já pararam para pensar quantas oportunidades vocês perdem a cada desavença? Theo, você é o irmão mais velho, deve parar de brigar com a sua irmã. Deixem de lado as implicâncias e comecem a dar espaço ao amor fraterno. - Aconselhou vovô.

Por um instante acreditei que aquelas palavras tivessem tocado o coração de Theo, que mudou o seu semblante e olhou-me carinhosamente. No entanto, foi mera encenação, pois foi vovô virar as costas que as suas provocações continuaram.

Após viver aquela grande tensão, meu corpo precisava de um banho revigorante. A espuma cheirosa e a água quentinha proporcionavam uma combinação perfeita de relaxamento e limpeza dos poros. O meu momento foi cessado pelo chamado do vovô Wicenty para o jantar. Internamente, torci para que não se repetisse o cardápio do almoço, já que aquele embrulhava o meu estômago.

12/11/2020 23:17:47

Durante a refeição, o silêncio e o clima tenso pairavam sobre a mesa. Meus olhos voltaram-se para o vovô ao ouvir a sua respiração um tanto quanto ofegante. Ele tentava disfarçar que estava desconfortável, mesmo que sua face ruborizada e os olhos lacrimejantes demonstrassem o contrário. Então, eu disse com o meu sotaque polonês acentuado:

— Não gosto de vê-lo com os olhinhos marejados, babcia!

— Minha querida, estou muito chateado com a situação que ocorreu hoje dentro dessa casa. Não quero que se esqueçam que o nosso lar foi edificado na rocha e as paredes foram erguidas com muito amor, pensando cuidadosamente em cada um que está sobre essa mesa. Espero que essa cena não aconteça novamente, porque as brigas só empurram os sentimentos mal processados para baixo do tapete.

A quietude de cada um acentuou-se. Aquela lição que acabara de sair de sua boca, com um tom de voz afônico, mexeu comigo e com mamãe. Olhamo-nos fixamente e balançamos a cabeça, indicando que entendemos mais aquele conselho de sabedoria.

— Perdoe-me, papai. Reconheço que fui imatura e agi com impulsividade. Aquele garotinho, com o coração repleto de benevolência, fez tão bem à Helena e quis agradar toda a nossa família, com um sinal afetuoso, mas eu fiquei ofendida quando a retrospectiva de minha vida começou a passar pelos meus olhos. – Anunciou mamãe.

— Quem sou eu para não aceitar um ato tão singelo?! Porém, Kataryna, não é para mim que deves este perdão. Peça-o para

ultima edit2.indd 220-221

quem realmente merece. E mais uma coisa: não deixe as portas entreabertas, bata-as de uma vez por todas para que o vento leve a chave com o passado para longe.

Mamãe olhou para baixo envergonhada, seus olhos ficaram aquosos e luminosos. Olhou para a minha face e disse, emocionada:

— Filha, admito que falhei como mãe. Por vezes não fui um bom exemplo para vocês. Deixei de fazer muitas coisas, as quais deveria ter realizado. Sinto que não fui abrigo quando precisaram de mim, contudo prometo melhorar por vocês.

As palavras de mamãe foram reconfortantes e agradáveis. Lembrei-me do ensinamento de vovô que o arrependimento é a chave que abre todas as portas. Senti vontade de abraçá-la, mas não sabia como expor, já que não era costumeiro da nossa cultura demonstrar afetos e, então, contei com a cumplicidade de vovô em compreender os meus desejos mesmo sem precisar expressá-los.

— Somente o perdão e o abraço são capazes de reconstruir o que a insensatez um dia destruiu. Unidos a isso, em um gesto simbólico, carregado de amor, daremos um abraço, para fortalecer a nossa ligação familiar.

Com o peito transbordando ternura, terminamos a nossa refeição e, enquanto vovó, mamãe e eu cuidávamos das louças do jantar, vovô foi descansar em seu quarto e Theo debruçou-se sobre as apostilas de astronomia. Aquela noite foi atípica, estava feliz por reconciliar-me com mamãe, no entanto algo no ar me deixava cismada, sentia um ar de suspense tomando conta, mesmo que sem explicações.

12/11/2020 23:17:47

Após deixarmos a cozinha impecável, dirigimo-nos aos nossos aposentos a fim de descansarmos para o próximo dia, que certamente traria desafios desconhecidos a serem vencidos. Pus-me a refletir o quanto a minha vida parece um jogo sem saída. Novos dias, novas batalhas, novos sentimentos... Um ciclo incessante.

Despertei-me como de costume, entretanto, havia uma movimentação estranha em casa. Os olhares lastimáveis, angustiantes e amargurados relatavam que algo sério havia acontecido. Olhei para a vovó e a vi com a face pálida, Theo estava de pijama choramingando no sofá e mamãe não havia ido para o trabalho, estava andando em círculos com as mãos na cabeça. Notei a ausência de vovô entre eles e fui procurá-lo em seu quarto, certamente deveria estar pensando em uma solução para resolver o problema que afligia a todos, e eu poderia ajudá-lo.

— Ai, vovô! Pare com isso! Todos preocupados lá na sala e o senhor aí fazendo brincadeirinhas?! – Disse ao me aproximar dele, pronta para puxar o lençol que o cobria.

— HELENA, NÃOOO! - Gritou mamãe, chorando e puxando-me pelo braço, e assim vovó complementou:

— Ele já não se encontra mais entre nós, minha querida... A vida vive e o corpo retornará ao pó!

Meu avô havia falecido. Era a única informação que conseguia processar. Energias apavorantes e desesperadoras inundavam o meu ser. Meu corpo amoleceu, minhas pernas pareciam não pertencer mais a mim, meu coração batia descompassado de tristeza e desespero. É horrível perder quem você mais ama, que em um

ultima edit2.indd 222-223

suspiro e numa fração de segundo, a pessoa vai embora e não há nada que possa fazer para mudar isso ou trazê-la de volta. Eu ainda não tinha caído na real, era inexplicável a sensação que eu estava sentindo. O falecimento de dona Dorotha nem se aproximou da dor que passei a sentir dentro de mim. O único lado bom de tudo isso é que ela e meu avô não sofreram, simplesmente adormeceram num sono profundo. De repente, as minhas reflexões foram impedidas com o discurso de vovó Aurora.

— Imagine como ele se sentiria padecendo em seu leito? Acamado e adoentado. Com certeza, não suportaria isso! Os anos de espião fizeram com que ele vivesse muitas aventuras e experiências. Era possível observar em seu semblante que amava viver. – Replicou ela.

Ondas de calor inundavam todo o meu corpo ao mesmo tempo em que me dava calafrios. A angústia tomava conta da minha alma, sentia-me como se algo estivesse preso em minha garganta. Perdi meu chão, meu teto e tudo o que havia nele. Sentia-me como uma casa destruída após uma noite de tempestade.

Por que tinha que ser vovô? Uma pessoa generosa, piedosa, dono de um coração enorme que habitava somente paz e amor. Como serão meus dias sem a sua presença? Sem o leite quentinho que o senhor tirava da vaquinha todo dia pela manhã? Sem os seus ensinamentos? Sem a sua sabedoria? Seus os seus aconselhamentos? Sem o seu abraço que retirava de mim todos os sentimentos ruins? Sem a sua voz rouca a me chamar? A nossa conexão foi interrompida para sempre.

12/11/2020 23:17:47

Eu continuei estagnada, mesmo com aqueles homens do Comitê Fúnebre entrando no quarto dele. Ele estava coberto por um lençol branco de linho, então pedi para ver sua face pela última vez, porém um deles me respondeu que não era permitido olhar o cadáver, devido ao princípio de respeito aos mortos.

Vovó Aurora pediu para que saíssemos dali e fôssemos até à sala. Sentou-se no sofá comigo e Theo. E logo disse:

— Precisamos ter uma conversa séria, meus netinhos. Primeiramente, quero que vocês entendam que aqueles homens não nos deixaram olhar o vovô, porque nós devemos conservar a imagem em vida, que trata-se de um passo em direção à dimensão espiritual dos mortos. Certo?

— É claro, vovó! – Afirmamos. E ela continuou:

— Será a primeira vez que participarão de um sepultamento. Esse momento deve ocorrer o mais breve possível, enquanto houver luz natural, para que a alma dele fique em repouso. É de extrema importância o cerimonial, uma vez que lá eles irão lavar o corpo de Wicenty, com álcool, para que ele obtenha o tahará, a purificação. Essas ações acontecem, pois o corpo contém a alma e, por esse motivo, deve estar muito limpo. Assim como veio ao mundo, deverá voltar, e esse processo ocorrerá na Casa da Eternidade. Lá vocês irão perceber que os braços dele não estarão cruzados e não existirá adornos e nem adereços, como flores ou velas, será o mais simples possível: usará uma mortalha e terá um talit jogado por cima.

— Entendi mais ou menos, vovó. Mas, por que tinha que ser logo o vovô, uma pessoa que a alma jubilava magnitude? – Ques-

ultima edit2.indd 224-225

tionei.

— Helena, Helena... Não podemos questionar o falecimento de alguém. A separação de corpo e da alma será mais difícil a ele do que para nós. Terá um momento em que colocarão uma pedra em cada olho e, outra, na boca, para que não exista a possibilidade de seu avô questionar a própria morte, antes do Dia do Juízo Final.

— Vovó, quer dizer que não podemos demonstrar sentimentos? Como assim? Tantas lágrimas já escorreram pelos meus olhos. – Expressou Theodor.

— Não é bem assim, Theo. A dor da separação não é fácil, teremos nosso período de luto e, para simbolizar esse sentimento, rasgaremos um pedaço de nossa roupa, em sinal de que o nosso coração está dilacerado.

Depois da explicação metódica de vovó Aurora, decidi ir até o meu quarto colocar uma roupa preta. Ela não falou nada sobre as pessoas vestirem roupas escuras quando vão a um funeral. Alguns até utilizam óculos e colocam uns acessórios para compor a vestimenta. Retirei um vestido preto de veludo molhado do guarda-roupa. O tempo estava se fechando e, com certeza, logo o frio intenso se aproximaria com uma friagem sem igual. Aproveitei para colocar uma boina produzida por vovó, entretanto, lembrei-me que foi vovô que presenteou-me, mais precisamente no meu aniversário de oito anos, tornando-se o meu presente preferido. Coloquei-a em minha cabeça recordando todas aquelas lembranças.

Os momentos são como nuvens que passam e com certeza vovô desfrutou cada pedacinho de sua vida de forma honrosa.

12/11/2020 23:17:47

Voltei-me a concentrar na roupa na qual eu vestiria no pior dia de minha vida. Coloquei uma meia felpuda que vinha até as coxas e logo calcei os sapatos: uma botinha preta já desgastada. Amarrei os cadarços fortemente para que não tivesse perigo de desamarrá-los sem que eu os visse e então fui chamada por mamãe, dizendo:

— Vamos querida! Estamos de carona e não podemos nos atrasar.

E lá fomos nós. Sentamo-nos no banco de trás. Vovó foi na frente junto ao líder do comitê. Nada parecia fazer algum sentido.

A casa da eternidade se aproximava e eu olhava atentamente pela janela do carro. Benjamin uma vez disse-me que quando seu pai partiu, até as cores das paisagens ficaram diferentes. No momento, concordei, mas sentir na pele é bem diferente. Realmente, meu amigo estava certo. A cidade parecia mais cinza do que nunca, as árvores estavam secas e as pessoas ainda mais descoradas, as flores não tinham graça e muito menos vida. Embalada de emoções segurei as mãos de Theo, e saímos do veículo; todos nos aguardavam, dentre eles estava o senhor Wilson, dono da quitanda, a senhora Augustyna, nossa vizinha, bem como Ewa e Benjamin, que nos olhou com um semblante vazio.

Aproximamo-nos do corpo de vovô e então, logo acima do caixão, alguns homens colocaram suas iniciais e uma estrela de Davi. O caixão foi colocado na cova em contato com a terra e eu só podia ouvir as orações recitadas em hebraico. Enquanto vovó jogava as três primeiras pás de terra que começavam a cobrir a madeira, um pequeno floco de neve caiu sobre o meu rosto, misturando-se

ultima edit2.indd 226-227

com as minhas lágrimas que vieram incontrolavelmente. Uma lápide foi colocada informando nome, data de nascimento e morte, além de citações bíblicas.

Tudo havia se findado. O piscar lento e as mãos trêmulas demonstravam que vovó estava destruída, sem nem sequer dizer uma só palavra. Sua força era tamanha e eu só queria um pouquinho disso para mim. A neve começou a tomar conta de todo aquele espaço, e agora não havia mais nada a ser feito. Vovô não se encontrava mais em nosso meio, mas, com certeza seus ensinamentos e sua sabedoria estariam para sempre contidos em nossos corações. Bastava nos retirarmos dali, mas antes nos instruíram para que fôssemos ao lavatório para lavar as mãos.

Parei em frente aquele enorme portão. Não podia acreditar que daquele dia em diante não teria mais os seus grandiosos ensinamentos. Ah, se eu soubesse o dia de sua morte, aproveitaria ainda mais cada segundo ao seu lado, entretanto existem coisas nessa vida que não somos dignos de explicar. Olhei para o céu e o meu único e intenso desejo é que tivesse ao menos um horário de visita, para que assim meu coração se sentisse acalentado. Realmente, o luto é o preço que se paga pelo amor.

12/11/2020 23:17:47



19

Gangorra de emoções

12/11/2020 23:17:50

Uma sombra pairou sobre nós. Nuvens escuras tomavam conta de todo o céu e o gorjeio dos pássaros era um tanto quanto apavorante. Na realidade, tudo me aterrorizava. Uma sensação de choque tomou conta de mim. Era notório o quanto vovô era querido por todos. Carros estacionados sob a rua, pessoas dando-nos as condolências, mas nada do que dissessem levaria a dor que estávamos sentindo. Em fração de segundos senti uma forte dor em minha cabeça, um zunido percorria pelos meus ouvidos e começava a latejar transpassando para todo o meu corpo.

A volta para casa foi reinada por um silêncio absoluto, aliás, perdemos uma pessoa especial e saber que ele não faria mais parte de nossa vida é como se tivessem retirado um pedacinho de nosso peito. Não tinha disposição para mais nada. Havia perdido a esperança de tudo, inclusive de encontrar meu pai. A sabedoria de vovô e os seus ensinamentos eram o que me deixava forte; contudo, sem a sua presença ali, todos os dias, seria difícil percorrer esse caminho.

A perda é inevitável, nunca saberemos quando partiremos, o que resta então é a saudade. Um sentimento que dói, corrói, machuca, destrói, é assim que me sinto e tenho a impressão de que isso nunca vai passar. Ah, e o que fica? O que fica são os momentos inesquecíveis, as lembranças, as memórias, os retratos, a poesia, a voz e, principalmente ele, o amor.

A sua partida foi tão rápida, não conseguimos nos despedir. Talvez fosse melhor assim, sem dor, sem lamúria. Amargurados são aqueles que ficam dias sofrendo seja por um acidente, seja por

ultima edit2.indd 230-231

uma doença. Abomináveis são os corações que aqui na terra não fizeram o bem, que não ajudaram o próximo, que não cativavam ternura, que não sorriam sinceramente e que a boca não transmitiu paz.

Decidi-me então repousar já que o cansaço havia tomado conta do mero corpo mortal. Deitei-me em minha cama, secando as lágrimas que corriam ininterruptamente, porém, meu repouso durou muito menos do que eu imaginava. Eram mais ou menos quatro horas da manhã, quando abri meus olhos e vi que o lindo momento que tive ao lado de vovô, não passava de um sonho. Um sonho que parecia real, a impressão que eu tinha era de estar junto dele, lá nas nuvens. Dizem que quando se sonha com alguém já falecido, é porque esta pessoa está zelando por você. Senti-me protegida, de uma forma inexplicável, e assim fiquei tranquila e muito feliz, por saber que mesmo em outra dimensão, ele estava cuidando dos seus entes queridos. Vovô mal se foi e já estava fazendo uma visitinha.

Tive medo de esquecer aquele momento mágico. Resolvi, então, registrar tudo em meu diário. Aprendi com vovó Aurora que escrever em um diário é o mesmo que superar todos os meus receios interiores. Assim, ele torna-se um espelho, no qual eu consigo olhar-me precisamente, permitindo-me refletir e dar primazia à vida interior e a todos os limites impostos pela jornada. Ele era o meu fiel companheiro, pois sabia tudo sobre mim, capaz de escutar tudo, e de não contar nada.

Horas e horas contornaram o relógio e a minha letra pouco desenhada, preencheu algumas páginas daquele pequeno maço de

12/11/2020 23:17:50

papel. O sol não havia aparecido, o que tornava o ambiente frio e pouco iluminado, portanto eu já podia desconfiar de que havia amanhecido, haja vista o canto ensurdecedor de Frederico.

— Cocorocó! Cocorocó!

Aproveitei que tudo estava fresco na memória, e então corri em direção à cozinha. Vovó com certeza já estaria preparando o café.

— Ué Helena, o que aconteceu que já está acordada tão cedo? Volte a dormir!

— Bom, vovó, um lindo sonho invadiu a minha mente na madrugada e nem sequer pediu autorização.

— Sonho, Helena? Quem tirou o seu sono, mocinha?

— Você não vai acreditar. Menos de 36 horas que vovô se foi e ele já veio acalentar o coração aflito de sua netinha preferida. Foi tudo tão lindo que resolvi escrever em meu diário alguns pensamentos, pois eu precisava retirar o peso que tanto afligia a minha alma.

— Sou toda ouvidos! Mostre-me o que você escreveu para descrever o que o seu coração tanto transborda.

Querido amigo diário,

Hoje escrevo para expressar o que aflige o meu coração: a viagem sem retorno de vovô Wicenty.

Quando você partiu, eu fiquei com raiva do Altíssimo. Afo-

ultima edit2.indd 232-233

guei-me em um mar de perguntas e parecia não ter forças para reagir. Como pode uma pessoa tão sonhadora ir embora assim tão cedo? Cadê o meu último abraço? Por que Ele permitiu esse fim? O que eu faço com esse vazio aqui dentro? Confesso que não imaginava passar por tudo isso.

Quando você partiu, uma parte minha morreu contigo. Um pouco da minha alegria, um pouco da minha infância, um pouco dos meus sonhos.

Quando você partiu, a minha risada mudou de som, o meu olhar perdeu a cor, a minha voz trocou de tom. Quando você partiu, eu desejei ir também, eu pensei em desistir, achei que não fosse conseguir. Foi quando ontem sonhei contigo e acordei sentindo cheiro de flor. De repente, pensei no seu sorriso e em tudo que me ensinou. Lembrei-me de todas as nossas histórias, das nossas conversas e do quanto você foi e continua sendo a minha maior inspiração.

Imaginei todas as pessoas que existiram nesse mundo antes de você e as outras tantas que estão por vir. Pensei também naqueles que vivem por aqui ainda hoje e me dei conta de que ninguém teve a sorte que eu tive. Sim, foi muita sorte mesmo.

Porque de tantas vidas por aí, de tantos caminhos, de tantas possibilidades, você foi existir aqui, pertinho de mim. Foi breve, foi intenso e infinito.

Quando me dei conta disso, fiz as pazes com Deus, pedi perdão pela ingratidão, agradeci por ter me dado a chance de te conhecer, e por ter permitido que um dos seus anjos vivesse por um

12/11/2020 23:17:50

tempo aqui comigo. Prometi me esforçar para não chorar mais.

Vou lembrar-me de ti com um sorriso que tantas vezes me entregou de presente. Eu sei bem que a saudade será sempre uma visita constante, mas também já entendi que essa separação é momentânea.

E agora, quando o cheiro de flor me visitar pela manhã, eu já sei que é a forma que encontrou de me desejar bom dia.

— Vovó enquanto relatava os meus sentimentos e parte do meu sonho, percebi que a senhora ficou um tanto quanto emocionada. O que acha de colocar tudo o que sente para fora? O choro alivia a alma e você sabe o quanto necessita disso, ou melhor, nós sabemos o quanto isso pode ser libertador.

— Ah, minha doce Helena! Eu sabia que um dia isso iria acontecer. Mas nunca fui capaz de imaginar que seria agora, muito menos que eu iria sofrer tanto. Eu não posso, não quero e não vou questionar a viagem dele para outra dimensão, contudo não posso ser hipócrita em dizer que meu coração não está dilacerado. Foram quase 40 primaveras ao lado do homem mais bondoso, apaixonante e único que existe na face da terra. Seu avô se foi e deixará lacunas que jamais serão preenchidas. Entendo que o tempo pode suavizar a saudade, mas ele é incapaz de minimizar o tamanho do amor que senti e continuarei sentindo por ele. Fizemos um juramento que ficaríamos juntos até o fim de nossas vidas, e isso foi cumprido em sua totalidade. Wicenty foi um exemplo de esposo, pai, avô, amigo, enfim, um exemplo de homem.

— Entendo, vovó, mas se o vovô foi tudo isso, por que acei-

ultima edit2.indd 234-235

tou a morte? Por que ele não disse que somos dependentes emocionalmente de sua presença? Por que não se despediu da família, da vida, dos sonhos?

— Helena, a morte não perguntou para o seu avô se ele estava pronto ou não, simplesmente chegou e o levou. Assim fará com todos. A vida é uma passagem para a eternidade - Afirmou vovó, convicta.

— Sendo assim, significa que a senhora também poderá me deixar? Por favor, prometa não me abandonar! Eu não seria capaz de suportar sua ausência.

— Querida, como posso prometer algo que serei incapaz de cumprir? A única coisa que posso garantir é que viverei de hoje em diante mais do que nunca. Aproveitarei cada instante e viverei cada dia como se fosse o último. Assumirei neste momento o papel de seu avô: o de ser inspiração.

Passos acelerados indicavam que alguém estava se aproximando de nós, era Theo. E, por um instante, ele parou em frente à mesa, com os olhos arregalados.

— O que foi? – Indaguei.

— Olhem o que tem na cadeira. – Disse ele.

Lá estava uma camisa esverdeada do vovô, toda amassadinha. Ele colocava aquela camisa todos os dias, para que o sol não pegasse em seus braços e piorasse as manchinhas que já estavam neles. Nesse momento, Theo me deu um abraço em que compartilhamos o mesmo sentimento: o vazio; e com um olhar carente, con-

12/11/2020 23:17:50

vidou-me a ir com ele ordenhar a Mimosa, para termos leite fresco no café da manhã.

Seguimos até lá. Eu não podia controlar a direção dos meus passos, meus olhos só contemplavam as belezas que vovô Wicenty tanto admirava. Meus pensamentos estavam voltados no fato de que o mais incrível é que o valor da vida não está em nenhum desses bens materiais e nem nestas terras, mesmo que exista um apego sentimental por todos da família. Vovô se foi e tudo ficou ali, onde o tempo será responsável pela deterioração, mostrando que esses bens não possuem serventia alguma.

De repente, minha reflexão ficou rasa. Não era porque eu estava cansada de tanto pensar, mas sim porque eu havia tropeçado em uma pedra e havia caído. Com o tombo, meu joelho ficou roxo, um pouco inchado. Theo veio me ajudar e queria saber se estava tudo bem, e eu disse que sim, enquanto meu interior manifestava que, se vovô estivesse ali, o seu cuidado iria valer por inúmeras doses de remédio. Meu irmão ajudou-me com muito carinho, diferente do habitual. Será que a perda física de nosso avô estaria lhe proporcionando um amadurecimento?

Em meio à ordenha, ele assoviava uma melodia suave de uma das músicas que vovô escutava no mesmo tempo em que trabalhava e, dessa forma, Theo terminou bem rápido devido a sua prática e logo voltamos à cozinha. Então, vovó Aurora começou a nos explicar que naquele momento estaríamos num período chamado Shivá, que são os sete dias de luto do judaísmo, e que deveríamos permanecer isolados em nossa própria casa para curar a dor inter-

ultima edit2.indd 236-237

na. Subitamente, fomos interrompidos pelos sons de palmas, que ecoavam lá da estrada, e quando olhamos, vimos que se tratava de Benjamin. Theo pegou as chaves, foi em direção à porteira e, por incrível que pareça, não fez nenhuma brincadeirinha sem graça, até sorriu timidamente.

Juntamente com suas condolências, Ben nos trouxe um pudim, na tentativa de retirar a amargura que sabia que estávamos sentindo naquele momento. Enquanto ele falava, mamãe aparentava estar pensativa, acredito que sua consciência havia pesado ao vê-lo. Aproveitou o momento, para pedir-lhe desculpas, não só pelo desejo de vovô, mas porque ela havia prometido que iria ser diferente. Ben, com seu coração caridoso, aceitou. Para aproximar-se de nós, mamãe convidou-nos para ir até o pomar recolher algumas groselhas para o suco da próxima refeição.

Durante a colheita das frutinhas, o papo fluía como se nada tivesse acontecido, até que Benjamin mencionou que tinha um assunto importantíssimo para conversar com toda a família, o que nos causou grande estranheza. Sua face demonstrava um pouco de receio, e no decorrer do pequeno trajeto, mordia os lábios e estalava os dedos.

Todos se sentaram no sofá e o clima tenso dominava o ambiente. Até que Benjamin lançou as primeiras palavras:

— Bom, é que... é que... O senhor Wicenty conversou comigo em um dia desses que vim visitar vocês, e disse que me concederia um dos seus últimos desejos. Há alguns dias ele já estava sentindo alguns desconfortos e podia presumir sua partida. E para

12/11/2020 23:17:50

que vocês possam ter uma pequena lembrança, ele deixou uma carta e pediu para ser lida com muito carinho. Ah, e mais uma coisa: pediu para que o Theo fizesse isso.

Notei na face de meu irmão que ele não estava aguardando esta carta e muito menos que vovô ditaria tamanho privilégio a ele. Engoliu seco e começou a leitura, enquanto seus olhos olhavam fixamente as letras miúdas de vovô.

"À minha querida família...

É com muito zelo que escrevo esta carta, para dizer que a família é o amor cultivado em solo fértil, que cria raízes devido aos cuidados constantes, e assim brotam lindas flores e deliciosos frutos. Aliás, não é sem mais e nem menos que a família é comparada a uma árvore, possui galhos unidos pela mesma raiz, sustentados pelos troncos robustos que suportam as dificuldades da vida, acarretadas pelos tempos difíceis.

Os problemas são como fortes ventos tentando nos reprimir e a preocupação é como raio de fogo, engolindo nossos pensamentos. E é por isso que eu sempre tentei manter o nosso companheirismo, uma vez que, juntos, somos capazes de aniquilar qualquer desafio. Pude sentir que aquele abraço, antes do nosso jantar, poderia ser o último. Então, quis deixar explícito o quanto os amo, e que com aquele gesto vocês se sentissem mais próximos. Jamais se esqueçam de que a família é o verdadeiro e único refúgio.

Tentei ser presente na vida de todos, já que considero a

ultima edit2.indd 238-239

presença mais gratificante do que qualquer presente. Espero que guardem uma boa memória do velhinho Wicenty. Um marido que cuidava incessantemente das framboesas, para que a esposa saboreasse as suas frutas favoritas. Que economizava com o intuito de comprar meias felpudas para manter aquecidos os pezinhos congelantes de sua filhinha. E que quase todas as vezes cessava a briga dos netinhos.

Ah, e para vocês dois, meus queridos, dentro do guarda-roupa, bem lá no fundo, tem dois presentes, confeccionados com muito carinho pela vovó Aurora. Peguem-os e levem consigo para encarar a estrada rumo aos seus sonhos. Lutem por eles, porque o divino não colocaria nesses coraçõezinhos um desejo impossível de ser realizado.

Quero pedir-lhes que aproveitem cada detalhe e cada instante. A vida é como uma viagem de trem, mudando a cada estação. Sentirei saudades dos lugares que conheci, das emoções que senti e até das montanhas rochosas que atravessei. Esse mundo é muito grande, lembrem-se disso! Tem muita coisa para se viver até chegar à última parada terrena, a morte. Desfrutem de tudo que puderem, pois o amanhã é incerto.

Não chorem com a minha despedida, ela os tornará ainda mais fortes. Mantenham viva a força que pulsa nas veias da família Bennet.

PS.: "O amor pela minha família é tão esplêndido que só pode ser obra divina"

Com a esperança de dias eternos,

12/11/2020 23:17:50

Wicenty."

Pude sentir que todos estavam em uma gangorra de emoções, que balançava sem parar. Até mesmo Benjamin se comoveu. Vovô foi tão carinhoso a ponto de deixar-nos uma carta tão magnífica. Ele sabia que o final de sua vida estava próximo, cada palavra naquela carta foi traçada num ato singelo, para mostrar o tanto que ele se importava conosco e, dessa forma, tornara ainda mais duradoura toda a preciosidade de sentimentos que já existiram dentro do nosso humilde lar. Então como um ser pensante que é, entregou-a a Benjamin, pois sabia que ele seria a pessoa ideal para cumprir a sua missão.

A carta minimizou em nós o sentimento de saudade. Vovó e mamãe se entreolhavam e logo os sentimentos vieram à tona, o contato de mãe e filha foi tão grande que só por um olhar transpassaram o que estavam sentindo. Como gesto de carinho, Benjamin juntou-se a Theo dando-lhe um fraterno aperto de mão; e a mim, um abraço tão apertado quanto o de vovô.

— Meus amores, perdoem-me quanto ao choro. Não pude me conter. Wicenty era um homem tão bom e compassivo que já era de se esperar as belas palavras. Com certeza ele não gostaria de nos ver assim. – Afirmou vovó, secando as lágrimas de seu rosto.

— Tenho uma ideia, pessoal! Quem sabe um docinho aliviaria o nosso coração apertado? Tenho certeza que as mãos de fada de sua mãe, Benji, capricharam tanto nesse pudim que só de vê-lo, já estou com água na boca! – Disse mamãe, tentando aliviar o clima.

ultima edit2.indd 240-241

Todos riram, deslocando-se daquela tensão de minutos anteriores. Fomos para a cozinha e saboreamos aquela deliciosa sobremesa. Estava divina, vovó até suspirava e Theo comia sem pausas como alguém que estivesse atrasado para algum evento especial.

A harmonia naquela mesa fazia meu coração transbordar de alegria. O legado de vovô foi cumprido, não restavam dúvidas de que ele estava feliz por nós e de que os seus ensinamentos de alguma forma contribuíram para nos tornarmos pessoas fortes e resilientes. Subitamente ouvi alguns gritos no portão, olhei pela janela e para a minha surpresa vinham de Ewa, mãe de Benji.

— Olá Helena, querida, como está? Poderia chamar Benji para mim?

— Claro, aguarde só um momentinho? - Afirmei com as mãos.

Enquanto isso, mamãe caminhava até a porteira para cumprimentar e agradecê-la pelo delicioso pudim.

— Obrigada pelo acolhimento, vovó Aurora. Aliás, posso te chamar assim? Disse Benjamin.

— Mas é claro, querido. É uma honra saber que posso contar com você! – Afirmou vovó.

Seguimos então em direção à porteira. Já estávamos na metade do caminho, quando Benjamin deu-me um leve beliscão dizendo que precisava entregar-me algo.

— Mamãe preciso despedir-me de Barth, mas já volto. – Gritou Benjamin.

12/11/2020 23:17:50

— Vá, mas não demore, mocinho. - Disse Ewa.

— Venha comigo, Helena. Rápido! - Benjamin sussurrou.

— Tenho um segredo! Este bilhetinho é de seu avô. Pediu para que ninguém descobrisse que ele escreveu especialmente para você.

Nessa hora, meus olhos marejaram. Não me aguentei, abri de uma vez e li em voz alta:

Leninha, minha pequenininha,

Tudo começou pela chave que te dei. Era mágica, não é mesmo?! Ah, eu ouvi seus passos aquela noite, quando você estava no porão. Minha tosse foi só um sinal para que você não ficasse com medo de seguir em frente. Sei, também, que vocês foram até o riacho para visualizar os pertences do Bartolomeu. Agora, quero lhe dizer o mais importante: aquele presente deixado por mim servirá para a sua festa à fantasia na colônia de férias, e dentro do bolso está um broche, utilize-o quando for atrás de seu pai. Mas, como eu sei dessa festa? O velhinho aqui um dia já foi um incomparável espião, e por que algumas vezes na semana eu visitava Benjamin com a intenção de ajudá-lo na rota dos sonhos, para que vocês não se sentissem perdidos quando chegarem lá. Siga os passos com muito carinho, pois foi feita pelo seu fiel companheiro e pelo eterno espião.

"Um bom espião vale dez mil soldados" – Napoleão Bonaparte.

ultima edit2.indd 242-243

Meu coração ardia de inspiração e ansiedade. Queria embarcar logo naquela aventura para encontrar papai.

— Pena que o tempo que você e vovô passaram juntos foram curtos. No entanto, mesmo com o pouco tempo que tiveram, percebo que tudo foi milimetricamente calculado. A vida, muitas vezes, prega peças no caminho das pessoas, Benji.

— Sim, Helê, mas agora é hora de continuar passando por todos os obstáculos, para que assim consiga realizar o propósito de seu avô, concretizando o tão sonhado reencontro com seu pai.

— Com certeza Benji, sei que esse é um desejo do coração de vovô e mal posso esperar para realizá-lo. Porém, encontro-me em um período de luto, então devo me resguardar em casa durante sete dias. Não espere por mim na escola nos próximos dias.

Antes de ir embora, Benjamin arrancou uma florzinha do chão e sorrindo entregou-me. Após ele entrar no carro, olhei para aquele presente e fiquei a refletir, arranquei uma pétala representando a falta que eu já sentia de meu pai. Retirei mais uma, representando a partida do vovô, ambas caíram soltas no ar. Eu sabia que a flor não seria mais a mesma, sempre haveria aquele vazio, que a deixava incompleta como a saudade eterna que sinto em meu coração.

12/11/2020 23:17:50



20

Bagagens

12/11/2020 23:17:52

— Acabou o meu resguardo! - Gritei me levantando da cama.

Senti o meu corpo tomado por uma energia diferente, calcei meus chinelos e fui logo me olhando no espelho. Estava saltitante, radiante, sentia-me revigorada, talvez pelo fato de que voltaria à escola e reveria todos os colegas e, é claro, o meu melhor amigo, Benjamin. Voltei a face para o meu reflexo observando que minha mancha se destacava muito mais que o habitual, mas sinceramente eu não me importava, já que aquela pequena marca exibia a semelhança com meu pai. Olhei para os meus cabelos e foi aí que meu olhar se abrilhantou, suas ondas volumosas deslumbravam-se como plumas; com certeza, o creme de maracujá ajudara na revitalização dos fios.

Encarei os meus próprios olhos e decididamente disse a mim mesma que o luto havia passado e mesmo com a saudade a vida continuaria. Corri até a janela e abri a cortina. A neve havia cessado e o sol começava a dar os seus primeiros raios. Senti-me encorajada. Então, como prova disso, gritei na janela, dando um bom dia a toda aquela paisagem que me rodeava.

Visualizei em minha penteadeira a chave que na verdade transformei em pingente e o broche, ambos presentes de vovô, que representavam o carinho que ele tinha por mim e mantinham vivas as lembranças. A minha intenção era que, sempre que eu a olhasse, lembrasse de meu avô. Ao longo do tempo, pretendia colecionar muitos outros pingentes que representassem quem eu era, sou e serei. Assim, lembraria dos ensinamentos de vovô e seguiria firmemente em direção aos meus sonhos.

ultima edit2.indd 246-247

Apressei os passos, afinal seria o dia de meu retorno, então não seria mais aceitável um atraso de minha parte. Voltar à escola significava que as coisas poderiam melhorar e que eu poderia voltar à rotina, não a de antes, pois isso já não era mais possível. Teria que me habituar ao novo normal, já que tudo havia acontecido inesperadamente.

Os dias passaram num piscar de olhos, nem parecia que tudo havia acontecido há pouco mais de 20 dias. O cheiro de vovô ainda estava por toda a casa, principalmente em seu quarto. Quando a saudade apertava, eu ia até lá, deitava em sua cama e acendia seu abajur, recordando os bons momentos. Minha maior preocupação naquele momento era com a vovó. Felizmente, ela havia melhorado o seu rosto pálido e triste, suas energias se renovaram e ela continuava sendo uma pessoa forte que não se abalava facilmente, ainda mais agora que se tornara âncora de nossa família.

Enquanto isso, Theo estava focadíssimo nos estudos, sua perseverança me dava forças para continuar e realizar todos os meus sonhos. Seria eufemismo de minha parte acreditar que as pessoas virassem estrelinhas quando partissem, mas talvez fosse dessa maneira que meu irmão poderia resgatar o vovô do céu. Já mamãe havia retornado a sua rotina normal e dessa vez, mais do que nunca, precisava trabalhar para suprir a necessidade de todos.

Ao caminhar, podia observar as belas paisagens; uma mais linda que a outra, coloquei-me a pensar que por mais que existisse a dor, a beleza da vida é gentileza do criador. Gosto das flores, das cores, dos sabores, mas nada podia se igualar ao tom esverdeado

12/11/2020 23:17:52

das árvores que, como uma rima, balançavam sem cessar, trazendo-me esperança, um sentimento no qual reforçava a ideia de que iria conseguir realizar os meus mais íntimos anseios.

Os pensamentos invadiam a minha mente, a ponto de me deixarem perplexa. Por um instante acabei me desconcentrando do que estava fazendo. Notei uma cena já vista anteriormente: uma criaturinha canina vindo em minha direção, chamando-me a atenção. Era Scooby, o cãozinho que encontrei há um tempo, só que agora um pouco mais gordinho. Nosso encontro aconteceu exatamente no mesmo local, só que dessa vez trazia consigo uma bolinha laranja em sua boca.

— Ah, Scoobynho, você de novo? Onde se enfiou por todos esses dias, hein?!

Passei as mãos em seus pelos cor caramelo que estavam tão macios e cheirosos, não demorou muito para aquele delicioso perfume adentrar em minhas narinas, fazendo-me espirrar consecutivamente. Elogiei-o mais uma vez, quando ouvi uma voz angelical o chamando:

— Heiko, vem me pegar! - Disse a garotinha.

Olhei espantada. Eu dei um nome ao cachorrinho com muito afeto, e acabei de descobrir o seu verdadeiro nome pela boca daquela garotinha. Ela era bem pequenininha, deveria ter um pouco mais de quatro anos. Nunca vi alguém com a pele negra por ali. Ela tinha uma beleza esplêndida, fora do comum. Seus cabelos eram crespos, sua pele transmitia luz e seus olhos pareciam duas jabuticabas, com certeza as mais doces. Acenei para ela e então despedi-me dele.

ultima edit2.indd 248-249

— Tchau, tchau, amiguinho! Sua dona o espera. - Afirmei.

Fiquei tão contente em saber que tinha uma família que o amava e cuidava atenciosamente das suas refeições, do seu banho e tosa. Agitado que só, lambeu meus sapatos, abanou o rabinho e correu em disparada até a sua dona.

Eu precisava seguir adiante, avistar a escola era mais que um desejo. Nunca me senti tão disposta a rever as pessoas, os bosques e até mesmo a inspetora Amália, que para a minha surpresa cumprimentou-me com o sorriso um pouco azedo. A escola estava um pouco vazia, pois aquele dia seria um momento restrito e diferente do habitual, os professores iriam somente dar alguns recados para os alunos selecionados à viagem.

Com todos reunidos no pátio, ouvindo as orientações necessárias, sentamo-nos no chão e o sol de rachar queimava a nossa nuca. As peles brancas como a neve não estavam acostumadas a pegar tantos raios solares, elas requeriam muito cuidado. Nesse instante, relembrei o tom de pele da garotinha que avistei minutos antes. Eu desejava ter a mesma pigmentação e aquela melanina resplandecente idêntica à dela. Todas as faces estavam bastante vermelhas e ardentes, e isso me causava uma incômoda agonia, o que desviava a minha atenção das instruções a serem seguidas. O meu jeito acelerado fez com que eu me levantasse por impulso e dissesse:

— Professor, existe alguma possibilidade de irmos para a sombra?

Nesse instante senti todos os olhares se voltarem para mim.

12/11/2020 23:17:52

Deveria ter lembrado dos ensinamentos do meu avô antes de deixar minha impulsividade falar por mim novamente. Acontece que sou movida pelos sentimentos do coração, por aquilo que vem do fundo de minha alma. Mas e a razão, o respeito, a ordem e a disciplina? Certamente possuem extremo valor e caberá a mim equilibrar minhas ações entre razão e emoção. Os professores que estavam ali olharam-me enfurecidos, menos a professora Alicja, que demonstrou empatia e solidariedade em seu rosto, no entanto, era a única e não poderia perder o emprego por mim. Todos os alunos em volta cochichavam uns com os outros, uns riam, debochavam, outros olhavam assustados aguardando a resposta que o professor me daria.

— Como é seu nome mesmo, garotinha? – Perguntou o professor Ivo.

— Helena Bennet Davies. – Afirmei.

— Quem lhe deu permissão para falar? – Esbravejou o professor, aumentando o tom de voz.

— Mestre, estou me expressando em nome de todos que estão aqui. Note que quase todas as faces estão ruborizadas com o mormaço do sol.

— Você é ingrata, Helena! Apesar de ter ganhado uma viagem em que não terá que pagar nada, só sabe reclamar de um mero solzinho. – Falou com ironia.

— Mas, professor... – Nem pude argumentar.

— Dei-lhe permissão para falar? – Questionou-me pela se-

ultima edit2.indd 250-251

gunda vez. Dessa vez apontando com o dedo em meu rosto, gritando e soltando gotículas de saliva enquanto falava.

— Não, mestre. – Definitivamente, entendi como as coisas funcionavam e resolvi me calar.

— Então, fique em silêncio! Caso atrapalhe mais uma vez, perderá o seu prêmio e não adiantará você chorar. Criança mimada!

Meu coração ficou murcho, de tão apertado. Eu queria muito chorar e parecia impossível segurar meu pranto naquela hora. Pensei em sair correndo, mas certamente isso complicaria ainda mais. Fazia algum tempo que não era tratada daquela maneira. Aqui, ninguém tem voz para se expressar. Entretanto, era a minha única chance e oportunidade como aquela era difícil de acontecer. Além disso, vovô me ensinou que temos dois ouvidos e uma boca, sendo assim, devemos ouvir mais e falar menos.

Ao ver meu estado deprimente, Benjamin, que estava próximo, apertou a minha mão e cochichou dizendo que eu mal havia chegado e já estava causando, que se eu continuasse tão corajosa daquele jeito, um dia eu mudaria o mundo. Bastaram as suas palavras para me tirar do abismo e, se ele pensava isso de mim, talvez pudesse ser verdade. Inspirei profundamente pelo nariz e expirei suavemente pela boca, eliminando as tristezas que as palavras duras do professor haviam me causado e logo me concentrei nas orientações.

Itens de higiene pessoal, mudas de roupa, uma fantasia, botas de neve, cachecol, touca e meias. Esses eram os objetos pessoais que deveriam estar dentro de nossa mochila, claro que etiquetados

12/11/2020 23:17:52

com o nosso nome; aliás iríamos passar três dias e duas noites e seria importante que nos precavêssemos. Além disso, o professor deu bastante ênfase em algumas regras que deveriam ser seguidas no momento do acampamento: a primeira era que ficássemos juntos a todo momento; a segunda era de que não podíamos ficar perto da fogueira, pois além de ser perigoso poderia causar enorme desastre. A fala do professor parecia não ter fim. Enquanto ele citava algumas normas, meus olhos iam abrindo e fechando lentamente, até que Benjamin me beliscou para que eu acordasse antes que levasse mais alguma bronca. Felizmente na 21ª. regra, o sinal tocou, nos proporcionando alívio e tranquilidade, já que poderíamos chegar logo em casa.

— Ufa! Ainda bem que acabou, Benji. Estava mais maçante do que a aula da senhora Aninka, que fala três vezes a mesma coisa. - Falei enfurecida.

— É verdade, não posso discordar! Porém, você tem que tomar mais cuidado com o que fala. Poderia acabar com todos os nossos planos caso falasse mais alguma palavra. Você sabe que aqui em Lublin os professores são assim, não podemos criticar mesmo estando certos.

Nesse momento lembrei-me de mais um ensinamento de vovô: o de que nem sempre a curiosidade e a criticidade são bem vistas. Tenho que me atentar mais a respeito disso, falei sem pensar e por pouco quase estraguei um sonho.

— Helê, vou indo nessa! Hoje tenho que ficar naquela enorme fila dos vales e depois ainda chegar em casa e arrumar todas as

ultima edit2.indd 252-253

coisas para amanhã. Cuide-se, hein! Até amanhã! - Disse Ben se apressando.

Não estava a fim de voltar a pé para casa, ainda mais sozinha. Subi os degraus do ônibus e sentei no primeiro banco disponível. Fechei meus olhos e comecei a pensar que a vida não estava fácil de uns dias para cá, minha pupila via tudo e eu não queria acreditar. Decidi no íntimo do meu ser apagar a tristeza para viver num mundo de esperança, admirando cada sorriso com muito apreço e não deixar que o futuro acene impetuosamente; era preciso andar à frente e recomeçar.

Os melhores pensamentos são aqueles nos quais conversamos com o nosso próprio interior de olhos fechados. Aprendi que a razão de fecharmos os olhos ao chorar, ao dormir e ao orar é porque as riquezas da vida não são contempladas com os olhos, são sentidas pelo coração. Estava chegando no meu ponto de descida, e dessa vez eu estava muito atenta. O senhor Jayme até fez uma brincadeirinha comigo:

— Estou impressionado! Hoje você não dormiu no ponto, hein?!

Demos risada e desci do ônibus. Adentrei o quintal e pude visualizar a cadeira beirando a porta, dessa vez estava vazia, sem a presença física do corpo de vovô. Com passos largos e rápidos fui ao meu quarto, escutei vovó gritando:

— Não corra dentro de casa, Helena. Venha logo, a comida já está esfriando.

12/11/2020 23:17:52

— É rapidinho, vovó! – Respondi.

Eu estava com pressa, porque havia me esquecido de riscar o dia anterior de meu calendário. Colei-o na parede atrás da porta, pois dessa forma não corria risco de perdê-lo. Meu ser se alegrou, quando vi que o dia do meu aniversário se aproximava, eu tinha circulado a data em vermelho, para ficar bem nítido, mas com todo o período doloroso que passei nesses dias, havia me esquecido.

Ah! O meu tão esperado aniversário estava chegando, todos os anos eu fico ansiosa para essa data, como se nunca tivesse acontecido. É um momento em que me sinto especial, que iniciarei um novo ciclo, cada vez ficando mocinha, e depois de uns anos serei uma bela mulher como minha mãe. Assim, guardarei inúmeras memórias de tudo. Minha família me ensinou que o mais importante é aproveitar cada fase da minha vida. Elas me trarão aprendizados inesquecíveis e que perceberei o amor por mais escondido que esteja. O único fato estranho de tudo isso é que nesse aniversário vovô não estará presente. Todos os anos ele é o primeiro a me abraçar, a me beijar e a comprar um mimo especial que geralmente se resume em cachecóis, mantas ou luvas quentinhas na minha cor preferida, azul. Sentirei falta das brincadeiras, dos ensinamentos e até de quando eu ainda podia subir em suas costas para colher algumas frutinhas do pomar. Enfim, mas a vida é assim, temos que valorizar os bons momentos e aquilo que um dia nos fez sorrir.

Tampei a caneta e coloquei-a sob a penteadeira. Eu mal podia esperar, estava morrendo de ansiedade. Bastava uma noite e pronto, lá estaria próxima a rever meu pai. Saí cantarolando pe-

ultima edit2.indd 254-255

los corredores, o som ecoava por toda a casa. Como de costume, observei Theo, na sala, concentradíssimo, envolvido com todos os cadernos e apostilas de cosmonauta.

— Shhhhh... Diminua o som Helena, ou vá cantar lá fora, esqueceu que o dia para a realização da prova se aproxima e eu estou ainda na metade do conteúdo? Preciso passar, aliás, essa prova não é tão fácil quanto as suas.

Fiquei pasma! Como pude esquecer que Theo em poucos dias viajaria em busca de um sonho? Senti-me uma irmã incompetente. Estava tão abalada com todos os acontecimentos que mal me lembrei de meu irmão, que deve ter precisado de minha ajuda.

— É mesmo, Theozinho, claro que não esqueci. Precisa de ajuda?

— Tenho alguns exercícios para treinar. Se puder me ajudar fazendo algumas perguntas desse livro? – Disse me dando o livro.

Passaram-se horas enquanto estávamos naquele momento de interação. De 50, Theo acertou 47, ele estava mais que preparado para aquela lição, era um cosmonauta pronto e aposto que as questões que ele errou foram totalmente propositais. Sua inteligência era tamanha que às vezes até o comparo com Yuri Gidzenko, que ficou 329 dias no espaço. Sabia disso, pois havia lido aquela informação em seu livro. Entretanto, surgiram-me algumas dúvidas:

— Theo, como vai ser esse percurso que você fará? Onde você irá morar? Quem vai fazer sua comida e lavar as suas roupas?

— Calma, Helena! Uma coisa de cada vez. Tudo para mim

12/11/2020 23:17:52

ainda é novidade também. Ainda assim, consigo-te dizer que estudarei em uma escola integrada lá na Rússia, que me ofertará um curso profissionalizante para me tornar um viajante espacial para explorar o espaço. Ficarei cerca de 20 meses e, nesse tempo, vocês poderão me visitar. Depois dessa prova, os alunos selecionados passarão por um processo de formação, estudando várias disciplinas relacionadas ao espaço, identificando os astros e até o movimento do nosso planeta. Irei me empenhar cada vez mais. Desse jeito, várias portas irão se abrir possibilitando a realização de testes práticos que concorrerão a uma viagem para a lua.

— Que legal, Theo! Você irá se dar muito bem, está estudando há tempos e um dia colherá tudo isso que plantou. Mas, como as mulheres dessa casa ficarão? Vovô afirmou que você ficaria responsável por cuidar de nós três.

— Sim, Helena, mas ele também falou que não deveríamos desistir dos nossos sonhos, lembra-se?

— Realmente Theo, você está certo. Sendo assim, enquanto você estiver fora, assumirei o seu papel!

— Pare de bobagem, Helena! Não ficarei longe para sempre, é só por algum tempo, vai passar tão rápido que você nem se dará conta.

— Falando nisso, quero saber de onde veio esse sonho. Você já nasceu com ele?

— Na realidade, irmãzinha, tudo começou com aquele foguetinho de brinquedo. Acredito que você não se lembre, foi pre-

ultima edit2.indd 256-257

sente de nosso pai. Esqueça isso, vamos falar sobre você. Vovó me disse que você vai para uma colônia de férias. Você precisa ser muito cuidadosa, viu mocinha?!

— Prometo me cuidar e vou te trazer um lindo presente. – Afirmei.

— Que presente? Dê-me alguma pista. – Indagou Theodor.

— Deixe de ser curioso! Não tenho dúvidas que você adorará, confie em mim.

Após a nossa conversa, senti-me aquecida pelo amor fraternal seguido de um beijo em minha testa. Dirigi-me para baixo do chuveiro. Tudo o que eu precisava mesmo era de um banho quentinho e, em seguida, sentamo-nos à mesa e quando eu já estava pronta para atacar o suculento caldo de aipim, fui interrompida por mamãe:

— Primeiro os anciões, Helena. Depois você pode se servir.

Assenti com a cabeça e então mamãe complementou:

— Agora sim. Não se esqueça de que depois temos que arrumar a sua mala.

— Está ansiosa né, querida? – Perguntou vovó.

— Nem tanto, vovó! Até agora roí umas cinco unhas, dei dez voltas envolta da casa e já é a quarta vez que vou ao banheiro. Não vejo a hora de dormir para que o tempo passe logo e eu embarque na minha primeira viagem.

— Isso é, se você conseguir dormir. Pelo que bem conheço

12/11/2020 23:17:52

minha filha, sei que é uma missão quase impossível. - Afirmou mamãe.

— Minha pequena, é tão estranho saber que não te verei por três dias. Já sinto saudades! - Disse mamãe pegando algumas peças do guarda-roupa.

— Eu também mamãe, mas passará rapidinho, você vai ver só!

Peguei minha escova de dente, uma pasta de dente, uma nécessaire, três meias, duas luvas, um cachecol, um cobertor e duas mantas, acreditando que aquelas peças dariam conta de apenas alguns dias.

— Prontinho, minha filha. Só está um pouco pesada. Não quer tirar algumas coisas?

— Não, mamãe, assim está perfeito!

Encostei a mala e recolhi-me em minha cama. Instantes antes que pudesse adormecer, os flashbacks passavam instantaneamente em minha mente, envoltos nas inúmeras lembranças. Minha vida era mesmo uma roda gigante, que nunca parava, ora estava lá em cima, recarregando minhas energias, e ora voltava para baixo e percebendo que a vida é cheia de surpresas.

ultima edit2.indd 258-259



21

Viagem da felicidade

ultima edit2.indd 260-261

O tão esperado dia chegou! Meu coração estava saltitante de tanta alegria pela viagem. Levantei-me tão veloz quanto um jato e já fui logo checando para ver se havia conseguido pegar todos os itens da lista; não poderia esquecer nada, já que tudo era fundamental.

Enquanto estava conferindo a mala, ouvi um ruído de porta se abrindo, parecia aquelas cenas de filme de terror, onde a protagonista ouve passos em sua direção. Virei-me rapidamente e lá estava vovó, trazendo em suas mãos dois pacotes brilhantes:

— Bom dia, querida! Trouxe a lembrança que seu avô deixou com tanto carinho, lembra-se?

— Nossa, era o único item que estava faltando. Eu não poderia deixá-la para trás. Vou guardá-la imediatamente, vovó!

— Leninha, um pacote é seu e o outro do Benjamin. Fiz uma fantasia para ele, para que vocês estejam combinando durante a festa. Foi um pedido de seu avô ainda quando eu as estava confeccionando. Confesso não ter entendido o porquê, mas atendi carinhosamente o seu desejo.

— Que bela é essa bondade que tem aí dentro do seu coração, vovó! Ele vai adorar.

Quando as peguei, pude sentir o cheirinho do perfume de vovô, uma vez que estava guardado no fundo de seu guarda-roupa. Aquele aroma veio carregado de saudade e milhares de sentimentos que não conseguiria descrever. Subitamente, mamãe entrou em meu quarto e, antes mesmo de me dizer bom dia, já foi logo sugerindo:

12/11/2020 23:17:55

— Minha filha estou com um pressentimento estranho dentro de mim, acho melhor que você não vá a essa viagem. Fique aqui pelo seu bem. Conselho de mãe nós devemos escutar sempre.

— Ah, mamãe, fique tranquila! Os professores estarão conosco, além disso, parece ser bem seguro. Não se preocupe comigo, ficarei bem e também já sou grandinha, sei me cuidar.

— Helena, você ainda é muito ingênua, não conhece a maldade que um ser humano pode carregar dentro de si, mas como sei que não mudará de ideia, prometa-me ao menos algumas coisas.

— Pode dizer, mamãe. Estou com os ouvidos bem atentos.

— Não saia de perto dos professores e não os desobedeça. Jamais converse com estranhos, pode ser muito perigoso e se agasalhe muito bem, o frio pode te deixar doentinha.

Mamãe olhou atentamente para vovó, dando-lhe um sinal para que saísse do quarto. Pediu para que eu me sentasse próxima à penteadeira, pois um passeio tão divertido quanto aquele exigia um belo penteado com fitas coloridas.

Enquanto conversávamos, mamãe ia mexendo gradualmente em meus cabelos. Suas mãos finas e macias eram incrivelmente relaxantes e, por onde os dedos percorriam, deixava os fios ainda mais bonitos e atenuados. Poucos segundos depois e lá estava eu, com o cabelo pronto, dividido em duas partes iguais, amarradas com as fitas próximas ao couro cabeludo. Levantei-me da cadeira e fui ao espelho apreciar aquele esplendoroso penteado que, mesmo sem ser intencional, combinou perfeitamente com meu uniforme.

ultima edit2.indd 262-263

Ainda faltavam os sapatos para compor todo aquele traje. Agachei procurando-os sem parar. Olhei por todos os cantos e finalmente os encontrei atrás da porta. Sentei-me para que pudesse calçá-los. Enquanto eu amarrava os cadarços, Theo e vovó adentraram o quarto, escondendo algo em suas mãos. De relance, percebi que era um embrulho amassadinho na cor violeta, e vovó, que não conseguia fazer suspense, já foi logo esticando os braços, dando-o a mim.

— Leninha, nós três resolvemos te presentear com esse belo mimo, para que fique ainda mais bonita. Abra-o e veja, esperamos que goste!

Rasguei-o de tanta felicidade e curiosidade para saber o que ganhara. Lá havia um lindo casaquinho de lã na cor palha, feito pelas mãos caprichosas de vovó Aurora. Peguei-o rapidamente e coloquei-o. Senti-me extraordinária por ir viajar com uma peça novinha em folha.

— Helê, isso também é para você. Pegue, espero que se delicie! - Falou Theo, entregando-me um embrulho transparente.

— Não posso acreditar! São meus doces favoritos. Obrigada mesmo! - Agradeci.

— Cuidado, não os coma de uma vez, se não terá uma bela dor de barriga. - Disse Theo sarcástico.

Já era hora de ir. Mamãe e vovó me abraçaram e também pediram para que eu escovasse bem os dentes depois de comer todas aquelas guloseimas. Já, Theo, estava como sempre, com cara de

12/11/2020 23:17:55

paisagem. Assim nos despedimos, eu já estava atrasada. Corri rapidamente em direção à porteira carregando todas aquelas malas. Talvez eu tenha exagerado um pouquinho na quantidade de pertences.

Conforme fui correndo, senti a brisa gelada do vento em meu rosto, a sensação era de extrema liberdade, nunca havia sentido anteriormente, já que era a primeira vez que ficaria longe de minha família.

O motorista, que já conhecia a minha demora, deu uma grande acelerada para chamar a minha atenção. Nesse instante, todos os olhares estavam voltados para mim e só pude ver Benjamin rindo loucamente, no fundo do ônibus. Ai, ai, não sei como consigo arrumar amigos tão bobos como ele. Subi desesperada deixando todas as minhas malas rolarem pelo grande corredor. A professora Alicja, sempre tão amável, levou-as para o fundo do ônibus, onde seria o meu assento e, antes mesmo de seguirmos viagem, o professor Ivo perguntou:

— Estão todos com os cintos bem apertados?

— Sim, senhor! - Afirmamos em coro, parecíamos até soldados em posição de sentido.

— É bom vocês irem se preparando para uma surpresa gelada. - Afirmou ele em um tom misterioso, deixando-nos curiosos.

Enquanto todos conversavam ao meu redor, tentando desvendar o que o professor Ivo dissera, eu estava em silêncio, com a cabeça encostada na janela, perdida em meus pensamentos. São nesses momentos que eu consigo refletir sobre as melhores coisas

ultima edit2.indd 264-265

de minha vida. A neve caía pausadamente em pequenos flocos perfeitos produzidos pela natureza, o que me fazia lembrar das doces palavras de meu pai naquelas belas cartas, sendo um dos motivos para essa viagem. Além disso, saber que eu estava tão próxima do meu tesouro humano fazia meu corpo estremecer de tanta ansiedade.

Benjamin conseguiu atrapalhar minha imensidão de reflexões com o seu ronco. Além de fazer tanto barulho, também estava babando em seu travesseiro e com o corpo quase sendo jogado para fora do banco. Não posso nem imaginar a dor que ele irá sentir. Olhei e pensei o quanto aquela viagem seria divertida com ele ao meu lado.

Para quebrar o silêncio, Mariana pediu ao motorista para ligar o rádio, e para a minha surpresa o disco era um sucesso de Dorotha, uma cantora muito famosa da época. Que coincidência! Lembrei-me de Dona Dorotha, a senhora que me mostrou que a vida passa em um piscar de olhos e aquela que me fez enxergar as primeiras pistas de meu pai.

Começamos a cantarolar. A melodia proporcionava sorrisos e risadas, e então, para acordar o Benjamin, gritei bem forte em seu ouvido um verso da música. Desesperado que só, acordou com os olhos arregalados, ajeitando sua roupa amassada e secando a saliva que estava no cantinho da boca.

Agora que Benjamin já tinha despertado, começamos a cochichar sobre os alunos que também estavam ali. Comentei que Laura estava tão arrumada. Seus cabelos tinham lindas tranças com

12/11/2020 23:17:55

uma presilha vermelha brilhante que combinava com o seu casaco e suas botas.

Era muito peculiar a forma como ela se vestia; notei também que segurava uma boneca bem antiga. Resolvi puxar assunto:

— Psiu! Ei, Laura, e essa bonequinha aí, que coisa mais fofa! - Exclamei.

— Ela é uma das minhas preferidas. Ganhei-a de uma pessoa muito especial, a Karol.

— Karol? Pelo nome, parece ser uma mulher muito doce. Quem é ela? - Questionei.

— Desculpe-me não explicar, Karol é minha mãe do coração, aquela que guiou os meus primeiros passos, que me ensinou a pentear o cabelo e que me deixou gordinha com as suas comidas saborosas.

— É mesmo! Lembro-me do dia em que você apresentou o trabalho da árvore genealógica. Você também contou que sua mãe é...

— Cozinheira! - Disse Benjamin.

— Que memória de elefante! - Respondemos e rimos juntas.

— Falando nisso, o que vocês querem ser quando crescer? - Indagou Benji.

Por um breve momento, pus-me a refletir sobre esse assunto, enquanto Benjamin e nossa mais nova amiga tagarelavam sem parar sobre os seus sonhos. Laura disse que gostaria de ser uma supermo-

ultima edit2.indd 266-267

delo, queria brilhar nas passarelas e ser conhecida pelo mundo inteiro, provando dos mais caríssimos looks, mesmo que a profissão ainda não fosse muito conhecida. Benjamin respondeu o que eu já imaginava: queria ser um renomado jogador de futebol americano, mas para isso teria que se mudar para os Estados Unidos, onde a prática é ainda maior.

Ouvir essas palavras da boca de Benji me fez sentir um misto de emoções. Não sabia ao certo o que eu seria; já havia pensado em tantas possibilidades, pois me identificava com o hábito de escrever e contar histórias, desenhar, cuidar das pessoas e várias outras coisas. Então disse que eu ainda precisava decidir, mas que era um assunto para depois.

Benjamin se levantou e disse que precisava tomar água e dar uma volta pelo ônibus. Fiquei jogando conversa fora com a Laura e nem percebi os minutos passarem. Ela era esperta e sua história era muito interessante. Papo vai, papo vem e só sentimos uma freada brusca. Bati minha cabeça no banco da frente e por alguns segundos lembrei-me do pressentimento de mamãe. Na hora ninguém entendeu absolutamente nada, até que vimos o motivo da parada inesperada: uma gigantesca bola de neve estava deslizando sob uma montanha e atravessando a frente de nosso ônibus.

Aquela bola de neve fez com que todos se entreolhassem espantados. Senhor Jayme resolveu deixar o ônibus parado por alguns minutinhos, já que ele também estava em estado de choque, quando de repente ele pisou fundo no acelerador, saiu cantando pneu, pois estava vindo a segunda bola em nossa direção. Começamos a gritar

12/11/2020 23:17:55

apavorados. Foi por um triz, fiquei com o coração acelerado.

Após os vários ocorridos, a viagem seguiu, até que senti falta de Benjamin. Onde será que...

— Helena, Helena! Esconde isso aqui, rápido, rápido! - Disse Benjamin me passando um objeto. Prensei-o no banco com as minhas costas, sem ver o que era, e perguntei:

— O que é isso?

— O salto da professora Alana! - Disse Benjamin.

— Espera, como você tirou o salto do pé dela? - Perguntei espantada.

— Ela estava em pé no momento da freada, e como o salto dela era bem fininho acabou enroscando no carpete e ela saiu rolando. Neste momento, os meninos pegaram o salto e jogaram em minhas mãos e eu fiquei sem reação, não sabia o que fazer, visto que a professora Alicja olhou para trás em minha direção, então vim rapidamente para o banco. Estarei encrencado se descobrirem que está comigo.

Os meninos da turma queriam sacanear Benji de alguma forma. Fomos interrompidos, por um urro do professor George, perguntando quem que estava com o sapato da professora, e que se o engraçadinho não aparecesse, todos seriam culpados. Benjamin ficou apavorado quando percebeu que o sapato estava escorregando de minhas costas, quando de repente senti um brusco puxão e só pude observar o reflexo do braço de Benji jogando o salto pela janela. Então eu falei sem pensar:

ultima edit2.indd 268-269

— Você está louco?

— Guardo todos os seus segredos, agora é sua vez de guardar os meus. - Disse Benjamin em tom manipulador.

Errado ele não estava, precisava fazer meu papel de amiga, já que todas as vezes era ele quem me socorria. Os professores continuaram a busca pelo sapato incessantemente até que mesmo revirando o ônibus todo e abrindo as mochilas não encontraram. Eu estava impactada com tudo aquilo que havia acontecido. Então, para que eu pudesse me distrair, fui beber um pouco de água e logo depois retornei para o meu banco.

Olhei pela pequena abertura do vidro e contemplei um lindo bosque de papoulas coloridas que prenderam a minha atenção. Por sorte os professores resolveram descer para tirar algumas fotos e respirar um pouco de ar puro. Meu espírito se encantava com cada detalhe, pois era a minha primeira viagem e a cada arrepio era uma mistura de medo e ousadia. Abri meus braços e fiquei rodopiando para aproveitar a surpreendente mistura dos tons das flores que, mesmo estando congeladas com a neve, não haviam perdido o pigmento, e assim combinavam com o arco-íris que surgira por causa da garoa de algumas horas atrás.

No entanto, como sempre, acabei me distraindo com um barulho que vinha de trás das árvores. Caminhei em direção ao ruído, porém o arvoredo era muito apertado, meus pés afundavam nos montes de folhas e tinha que desviar dos galhos para não ficar enroscada. Olhava para todos os lados e não via nada de diferente, quando percebi uma pombinha acima de mim e lembrei-me que a

12/11/2020 23:17:55

minha experiência com esse animalzinho não havia sido muito boa, então dei alguns passos para desviar dela. Quando, de repente, escutei um chamado:

— Helenaaaaa, cadê você?

Que massada! Segui meus instintos curiosos e nem havia me dado conta de que havia entrado sozinha naquele lugar em busca de algo que nem sabia o que era. Entretanto, não tinha chegado até ali para continuar curiosa, mas se eu seguisse, eles poderiam me deixar para trás. Dessa vez, preferi seguir a razão do que a minha emoção, corri em passos largos para voltar mais rápido, preparando-me para levar uma bela de uma bronca por ter me afastado de todos. Dito e feito, professor Ivo chamou minha atenção e disse que se isso se repetisse, eu iria ser punida.

Entrei no ônibus, fazendo-me de desentendida, como se nada tivesse acontecido e avistei os professores pegando algumas caixas de isopor, que continham garrafas térmicas e algumas formas. Sim, era a hora do lanchinho! Parece que adivinharam que o meu estômago já estava roncando. Serviram-nos com um delicioso chocolate quente e um bolo de baunilha. Estava tão gostoso que chegamos a lamber os dedos.

Descontamos toda a nossa ansiedade na comida. Não víamos a hora de chegar, só podíamos perceber que a cada quilômetro rodado o frio ficava ainda mais intenso, a sensação era de -2 graus. Ninguém conseguia cochilar e nem ao menos ficar em silêncio. Como tagarela que sou, não parava de conversar um minuto. As poucas horas que faltavam para chegar passaram num piscar de olhos.

ultima edit2.indd 270-271

Até que enfim chegamos! Não aguentava mais ficar sentada sem fazer nada. Nesse instante, o coração de todos ficou aquecidíssimo com tamanha recepção de boas-vindas. Uma das melhores coisas eram as surpresas que estavam nos aguardando.

12/11/2020 23:17:55



22

A todo vapor

12/11/2020 23:17:58

Quando finalmente chegamos à colônia de férias, olhei pela janela que estava ao meu lado e visualizei uma linda paisagem composta por uma densa floresta de esplendorosas árvores dançantes que se embalavam ao tocar do vento em seus longos galhos. Animei-me com aquela cena paradisíaca, que parecia ser fruto da minha imaginação e, no mesmo instante, saí ligeiramente do ônibus em que me encontrava. Agora, sentindo o vento gelado do inverno tocando em meu rosto, conseguia ter uma real visão do local. Não era fantasia, e tudo parecia ainda mais belo contemplado ao ar livre. O céu estava tão lindo, com uma mistura de cores que eu nunca tinha visto antes. Pássaros voavam e cantarolavam entre aquele arvoredo. Sem dúvida, aquela imagem era digna de uma pintura famosa.

Mantive-me concentrada naquela ilustração divina por alguns minutos, nem percebi o que se passava ao redor. Só fui chamada para a realidade quando ouvi as gargalhadas engraçadas e escandalosas de Laura. Lembrei-me imediatamente de Barth, pois ele emitia um som muito parecido. Enquanto todos estavam desembarcando as suas malas, Benjamin estava tentando fechar a sua bolsa, que abrira para pegar a máquina fotográfica, herança de seu falecido pai, pois fotografaria toda beleza do local e todas as nossas aventuras, para que, além de termos essas lembranças em nossas mentes, também pudéssemos recordá-las aos nossos olhos, bem como mostrar aos nossos filhos, netos e bisnetos, como as histórias que o vovô Wicenty contava-nos. Enquanto isso, Laura ria descompassadamente, porque quanto mais ele tentava fechar o zíper da mala, mais ele derrubava os pertences, equilibrando com muito cuidado para não derrubar a câmera, que certamente quebraria com um

ultima edit2.indd 274-275

tombo.

— Benjamin, você poderia deixar suas coisas no chão e então fechar a bolsa com mais facilidade. – Disse Laura, ajudando-o, após divertir-se com a cena que vira.

— Esta câmera fotográfica tem um valor sentimental muito grande para mim e representa o que meu pai era. Ele amava fotografar as magníficas paisagens que via por onde viajava. Quando eu seguro ela em minhas mãos, fico todo atrapalhado, com medo de derrubar. – Explicou Benjamin, mais aliviado, segurando a câmera firmemente com as duas mãos.

— Já sei! Tive uma ideia genial! Pegue essa fita que tranço em meus cabelos e amarre nesses fechos da máquina, depois você pendura em seu pescoço como uma alça, dessa forma pode se divertir sem medo de estragar seu bem precioso! – Exclamei com um sorriso de orelha a orelha.

Benjamin adorou a ideia e até sugeriu que tirássemos um retrato com aquela floresta de fundo e nós três fazendo a pose dos três mosqueteiros, e foi assim que finos gravetos viraram poderosas espadas em nossa imaginação. Professora Alicja, que nos cuidava de canto de olho, fez a gentileza de nos fotografar.

Quando todos estavam com suas malas, caminhamos em fila, seguindo em direção ao grande pavilhão, onde seria sempre o nosso ponto de encontro. Chegando lá, sentamos em uns bancos que estavam dispostos no local. Fiquei encantada com a decoração, com o cheiro, com os funcionários usando um uniforme chique. Tudo era novidade para mim, uma vez que eu não havia conhecido

12/11/2020 23:17:58

muitos lugares para além do nosso sítio e das páginas dos livros, então visualizar toda aquela arquitetura deixava-me boquiaberta. Queria analisar todos os detalhes e desbravar cada canto daquele gigantesco mundo, mas precisava prestar atenção nas orientações que estavam sendo prestadas:

— Sejam bem-vindos, alunos da Fábrica do Saber! É um prazer recebê-los. Sou Patrick, instrutor da Colônia, vou ajudá-los em tudo que precisarem, guiá-los pelos arredores e acompanhá-los nas atividades e brincadeiras. Tenho certeza que será muito divertido. Mas antes preciso ditar algumas regras: 1ª.: Meninos ficam nas cabanas da direita e meninas nas cabanas da esquerda e em hipótese alguma podem ser vistos em quartos alheios; 2ª.: Recomenda-se que nenhum aluno ande sozinho pelas dependências da Colônia; 3ª.: Não conversem com estranhos; 4ª.: Obedeçam todas as placas de perigo, sinalização e orientações dispostas em nossas trilhas; 5ª. e última: aproveitem a estadia com responsabilidade!

Por um instante, com todas aquelas regras, senti-me como na escola ou até mesmo em casa, pois tudo o que Patrick havia dito ia de encontro com as regras lá de casa. Sem mais o que acrescentar, após tirar algumas dúvidas dos alunos, orientou-nos que guardássemos as bagagens em nossos aposentos e nos preparássemos para o almoço.

Saindo do pavilhão organizadamente, deslumbrei-me com o imenso gramado onde cresciam as mais graciosas margaridas e os mais simpáticos e cheirosos lírios. “Esse maravilhoso campo aberto será onde realizaremos as brincadeiras”, pensei com muito entu-

ultima edit2.indd 276-277

siasmo, enquanto inalava profundamente o perfume que os lírios exalavam. Corri os dedos levemente pelas folhagens e senti que o orvalho ainda estava presente, em partes, pois algumas gotículas de gelo ainda estavam formadas.

Mais adiante, duas grandiosas árvores destacavam-se: um carvalho por conter troncos e galhos robustos e um pinheiro por sua exorbitante altura. Apesar de suas diferenças marcantes, ambas possuíam características únicas que as tornavam especiais e dessa forma cresceram unidas. À sombra das árvores, tinha um pequeno lago. Imaginei que seria delicioso brincar naquelas águas em uma tarde quente de verão. No entanto, como estávamos no inverno, as águas do lago pareciam uma pista de patinação, pois estava quase todo congelado.

Terminando de atravessar o lindo campo, chegamos a outro grandioso salão. Era o refeitório, que até então estava com as portas trancadas. Os professores pediram-nos que ficássemos em silêncio e formássemos duas grandes filas enquanto dividiam os alunos e formavam duplas para compartilhar o quarto. Meninos fila à direita e meninas, à esquerda. As cabanas ficavam bem próximas dali, as dos garotos do lado verde, as das garotas do lado lilás e o refeitório, bem no meio delas, ele era todo branco, marcando neutralidade e limpeza impecável.

Começaram a chamar os alunos por ordem alfabética e eu estava eufórica para saber quem dividiria o quarto comigo. De tanta ansiedade, parecia uma missão impossível ficar imóvel na fila, então decidi viajar em fantasias enquanto observava tudo ao meu

12/11/2020 23:17:58

redor.

Perdida em meus pensamentos, não ouvi o professor Ivo chamar o meu nome por duas vezes. Na terceira, ele se aproximou do meu ouvido e gritou o meu nome mais uma vez.

"Achei totalmente grosseiro e desnecessário o tom ríspido e esbravejante, zunindo em meus tímpanos, e o tanto de gotículas de saliva voando em minha direção, sem falar nesse odor desagradável que ardem as minhas narinas enquanto o senhor fala". Isso é o que eu gostaria de dizer, no entanto é óbvio que aquele professor já não tinha muita adoração por mim, então vesti-me de educação e falei:

— Sim, Senhor. Desculpe-me. Estava envolvida com meus...

— Chega de conversa fiada, garotinha! Por mim, você teria sido castigada e nem teria vindo a essa viagem. Sua cabana é a dezoito. Vá até lá e aguarde até decidirmos quem será a pobre garota que terá o desprazer de dividir o quarto com você.

Por que o professor Ivo me abomina com tanto desdenho? Será que sou uma aluna tão ruim? Mas eu sempre faço as tarefas, não brigo com meus colegas e tiro notas boas. O que há em mim que ele não suporta? Sinto que tem o prazer em cessar minha alegria. Mas, como o ensinamento do meu avô, sobre o pão e o sal, para cada pessoa ruim existe uma boa, neste caso era a professora Alicja, que indignou-se com tamanha maldade vinda de um de seus colegas de profissão. Nunca a vi tão nervosa: sua face ruborizou instantaneamente por completo, suas sobrancelhas franziram-se formando rugas na testa e sem se controlar ela disse:

ultima edit2.indd 278-279

— Já chega, senhor Ivo! Se tem alguém que não deveria ter vindo é o senhor, que em vez de educar, trata as crianças com uma severidade desmedida! Saiba que o diretor me deixou como responsável pela viagem, sendo assim espero que esses tratamentos não se repitam, pois se for para agir brutalmente, nem desfaça suas malas, pegue o mesmo ônibus e retorne já para Lublin. Essas crianças são merecedoras de suas conquistas e vimos até aqui em busca de diversão. Quanto a você, Helena, fique tranquila! Pois é benquista em nosso meio.

Todos que ali estavam ficaram pasmados com o que viram, inclusive o próprio professor Ivo, que não estava acostumado a ser enfrentado. Envergonhado e ao mesmo tempo enfurecido, saiu em passos firmes enquanto me encarava com aqueles olhos de cão raivoso.

Assim que a poeira da confusão baixou, segui para a cabana 18. Seria uma grande surpresa conhecer a minha mais nova e breve morada. A cada passo que eu dava eu imaginava como seria lá dentro. Cada cabana era composta por dois quartos. Senti-me extremamente privilegiada, pois a dezoito tinha uma vista esplêndida das montanhas. Não era muito grande, nem muito chique, nela tinha duas camas que ficavam lado a lado, um banheiro pequenino mais ao fundo, e alguns móveis que deviam ter ao menos uns 50 anos naquela época. Não digo isso com ironia, eram móveis agradáveis, que facilmente conquistariam o coração da minha avó Aurora.

Deixei minha mala em cima da primeira cama e esperei por minha companheira, para que então pudéssemos combinar aonde

12/11/2020 23:17:58

cada uma colocaria suas coisas. Nisso, aproveitei para desfrutar da imensidão verdejante vinda de minha janela. Não havia passado nem dez minutos até que ela apareceu toda risonha, dizendo que havia entrado no quarto errado, pois olhou a plaquinha com número do quarto ao contrário e, ao invés de 18, leu 81. Sua chegada inesperada deu-me bons motivos para sorrir. Eu simplesmente adorei tê-la como colega de quarto e vi a chance de uma grande amizade se concretizar, talvez a professora tenha pensado nisso também quando a designou como minha colega de quarto. Logo que chegou, largou a mala na segunda cama. Decidimos então que cada uma ficaria com duas prateleiras e duas gavetas do armário e fomos arrumar nossos pertences. Ao abrir a mala, Laura notou algo extremamente inesperável! Aquela não era a sua mala!

— Oras bolas! Meu nome é Laura e meu sobrenome é confusão!

Laura saiu fazendo piada e gargalhando com a mala alheia. Em pouco tempo, eu já sabia que viveria momentos de muita diversão com sua companhia, pois ela era uma garotinha espontânea e que levava a vida com leveza, rindo das coisas que não saíam como esperado.

Para avisar que era horário do almoço, um sino foi tocado e todos se reuniram no refeitório. Ao chegarmos lá, deparamo-nos com um salão repleto de mesas de madeira para refeições e uma bem maior no centro, onde já estavam colocando algumas comidas. Então, Laura, Benjamin e eu fomos nos sentar em uma mesa próxima da janela que ainda estava vazia.

ultima edit2.indd 280-281

Assim que nos acomodamos, um garçom aproximou-se de nossa mesa e perguntou o que gostaríamos de beber. Nós três pedimos suco de cereja. Ele anotou em um papel e deu um passo para trás, não se retirando totalmente. Fiquei incomodada porque o homem não parava de me analisar, observei que a marca de meu rosto era o que mais lhe chamava atenção. Tagarela como o Barth, resolvi falar:

— Sabe essa marca que tenho em meu rosto? É igual a de meu pai. Ele é um militar valente que está defendendo o nosso país de todo e qualquer mal.

Assim que eu falava, o homem ouvia e sorria muito simpático. Eu ainda tinha muito o que contar sobre o meu pai, mas quando olhei para Benjamin ele estava a me olhar com um semblante muito sério. Eu já havia entendido que deveria parar de falar, mas não satisfeito ele cochichou:

— Helena, esqueceu da regra sobre falar com estranhos? E você não pode sair por aí contando sobre o seu pai por enquanto. Temos que ser cautelosos para que nada, nem ninguém, estraguem o nosso plano.

Laura, que ouviu apenas o final do que Benjamin havia dito, perguntou com seu tom de voz acentuado:

— De que plano vocês estão falando?

— Não podemos falar disso agora, Laura, mas se você continuar apresentando indícios de que é uma pessoa de confiança, lhe contaremos esse segredo. – Falei com convicção.

12/11/2020 23:17:58

Pouco tempo depois, liberaram por mesa, para que pudessem se servir. Confesso que já não me aguentava de fome e o cheiro maravilhoso da comida não ajudava a me controlar. Por sorte a minha mesa foi uma das primeiras, então fomos até o banquete famintos e alegres. O garçom estava lá, novamente, afinal estava cumprindo o seu papel. Mas, segundo Benjamin, estava a me sondar, como se registrasse cada movimento que eu fazia. Acho que o Benjamin aprecia tanto emoção e aventura que até vê coisa onde não tem.

Havia várias opções de comida para escolher, quase todas eram típicas da nossa culinária polonesa, mas outras nunca havíamos experimentado; eram bem peculiares, certamente advindas de outra cultura e preferimos deixar para provar em um outro momento. Afinal, o estômago ou o paladar poderiam estranhar e de forma alguma poderíamos deixar comida no prato.

Eu peguei um pierogi, que é provavelmente o prato mais popular da Polônia. Podemos defini-lo como uma espécie de capeletti, ravioli ou mesmo de guioza, já que é praticamente a mesma coisa: uma trouxinha de massa recheada que pode ser cozida ou frita e que pode ser feito com variados recheios. No meu caso, eu peguei um de carne seca, que por sinal estava uma delícia. Laura pegou um arenque (Śledź), um peixe bastante comum no Mar Báltico (o mar que banha a Polônia), que é preparado com creme de leite e cebola em conserva ou com azeite e alho, que também estava com uma cara ótima. Já Benjamin pegou um queijo oscypek, um queijo defumado e salgado, feito com leite de cabra, com uma barszcz czerwony, que é uma sopa de beterraba de sabor intenso. Eu particularmente não

ultima edit2.indd 282-283

gosto muito, mas Benjamin aparentemente adora. Comemos o que havíamos retirado, sem deixar vestígios no prato e, quando acreditávamos que já estávamos satisfeitos, fomos surpreendidos com um anúncio maravilhoso feito pelo cozinheiro:

— Tem sobremesa para adoçar a vida, criançada!

Para ficar ainda melhor, era paczki, que é um pãozinho com cobertura de açúcar, recheado com diversos sabores, sendo o meu com recheio de morango, o mais popular. É uma das minhas sobremesas favoritas, é uma delícia. Laura, Benjamin e eu fomos pegar e voltamos para a mesa, comi dois inteiros e confesso que comeria ainda mais, afinal não é fácil lidar com essa fase de crescimento.

Assim que terminamos, saímos do refeitório em direção aos nossos respectivos quartos para esperar durante alguns minutos antes que começasse a gincana. Fiquei a pensar que aquela refeição havia me trazido muita alegria e energia. Como é bom vivenciar um momento de confraternização entre amigos com sorrisos e fartura! Certamente foi uma das melhores comidas que já havia degustado em meus singelos anos de existência; só perdiam para os sonhos de morango da vovó, que contêm em sua receita muito amor e carinho.

Enquanto conversávamos sobre os mais variados assuntos, fomos interrompidas por delicadas batidas na porta. Era a professora Alicja:

— Como estão as minhas meninas? Saibam que sinto um carinho muito especial pelas duas. Vim até aqui para avisá-las que a primeira brincadeira da tarde será a caça ao tesouro e já vai começar!

12/11/2020 23:17:58

A voz doce e suave, a atenção e cuidado que dispensava a nós, faziam dela um verdadeiro presente divino. Assim que terminou de falar já estávamos prontas para sair do quarto e acompanhamos a professora até o gramado onde iniciaria a atividade. De repente, Laura sentiu falta da sua boneca e assegurou que só poderia ganhar a gincana se estivesse com sua amiga. Dessa forma, saiu em disparada, rumo ao quarto. Pouco tempo depois, voltou, relatando algo que deixou Benjamin perplexo:

— Vocês sabiam que aqui os garçons também fazem o serviço de quarto? Pobre funcionário explorado pelo patrão! Como diz a Karol... Aquele garçom simpático e bonzinho que ficou o tempo todo próximo da nossa mesa também foi limpar o nosso quarto!

Olhei para Benjamin, que estava nos olhando assustado.

— Meninas, aquele garçom não parece nada simpático e bonzinho! Sinto que ele está envolvido com alguma coisa obscura e não vou sossegar até descobrir! Fiquem de olhos bem abertos!

Laura e eu achamos engraçado o cuidado exagerado de Benjamin, pois o homem só estava sendo prestativo e ganhando o pão de cada dia honestamente. Bom, por via das dúvidas, seremos cuidadosas. Afinal, esse menino sempre só quer o bem de todos.

Assim que todos os alunos estavam posicionados no enorme gramado, o instrutor Patrick começou a falar:

— Hoje vocês vão encontrar um baú de tesouros! Primeiro, formem trios e saiam em busca de um mapa amarrado em uma chave que está escondida pela Colônia. Todos os mapas levarão a

ultima edit2.indd 284-285

um único lugar, mesmo que por caminhos diferentes; no entanto, apenas uma das chaves abrirá o baú.

Saímos a procurar animadíssimos, cantarolando e caminhando pela trilha, subimos em árvores, atravessamos riachos, adentramos à floresta, fizemos até um intervalo para saborear frutinhas silvestres que encontramos pelo caminho. Sentados em um tronco curvado de uma árvore torta, observamos um reflexo entre algumas pedras e corremos para averiguar; pois bem, encontramos a chave reluzente com o mapa. Eu estava transbordando de felicidade e isso porque a emoção e a aventura só estavam começando!

Benjamin seguia as coordenadas do mapa à risca, guiando-nos pelos caminhos e concentrado em todos os detalhes. Laura corria saltitante por todo lado com sua bonequinha e eu acompanhava os dois me divertindo com aquela busca pelo tesouro. Um milhão de perguntas vinham em nossas mentes:

— Seremos os primeiros a chegar no baú? – Indagou Laura.

— Mas será que a nossa chave abrirá o baú? – Questionou Benjamin.

— Afinal, o que terá dentro do baú? – Interroguei retoricamente e pus-me a responder. – Pode ser que sejam vários livros, guloseimas ou até mesmo jogos de tabuleiro.

— Eu adoraria que tivesse um tênis e uma bola de futebol americano! – Exclamou Benjamin, todo animado!

— Já eu queria que o tesouro fosse uma linda boneca de porcelana ou então uma escova mágica que fizesse cachos em meu

12/11/2020 23:17:58

cabelo, para ficar igual ao seu Helena! – Disse Laura, sorrindo para mim!

Agradeci e fiquei tão feliz em saber que ela admirava os meus enroladinhos! E pensar que muitas vezes tentei esticá-los a força... Continuamos caminhando e conversando, pois muitos eram os assuntos que nos entretinham.

O tempo não dava trégua, ele estava correndo e acelerando a nossa caçada, que cada vez ficava mais intensa e exigia mais esforço. Eis que chegamos defronte a uma enorme caverna de pedras no meio da floresta e que ficava entre as montanhas. Essa caverna era escura, o que causava arrepios, mas, conforme Benjamin, era justamente onde o mapa mostrava estar o baú de tesouros. Não havia alternativa a não ser adentrar com toda a coragem que tínhamos. O chão era escorregadio, com todo limo que se formava nas pedras devido à mistura da água com as plantas, minerais e barro do chão.

Além de controlar o medo, o desafio era se manter em pé. Com apenas um minuto que entramos, eu dei o primeiro escorregão e, após uma dança de sapateado seguida de gargalhadas, consegui me equilibrar. O segundo escorregão ficou por conta de Laura, que por estar segurando sua boneca não conseguiu manter o equilíbrio, e ainda, na tentativa de ficar em pé, apoiou-se em Benjamin, que deslizou como um sabão e foi ao chão. Mas antes disso, segurou em meu casaco achando que eu aguentaria com o seu peso. Muito pelo contrário. O efeito dominó atingiu nós três em um tombo cômico e um tanto dolorido! Rindo de nós mesmos, sentados naquelas pedras molhadas e pegajosas, não percebemos que a caverna era íngreme

ultima edit2.indd 286-287

e só notamos quando sentimos nosso corpo descendo como em um escorregador. Nessa hora, demo-nos as mãos e começamos a gritar apavorados, pois a velocidade e a inclinação se acentuavam e não fazíamos ideia de onde iríamos parar. Os instrutores não economizaram na ação e na aventura quando elaboraram o nosso mapa.

— Benjamiiiiin! Tem certeza que esse era o caminho mesmo?

— Na verdade não. Confesso que esse era um atalho para chegarmos mais rápido! E achei que seria legal um pouco mais de emoção, mas não pensei que fosse tanto assim!

Laura e eu estávamos desacreditadas com essa armada do Ben. Minha vontade era dar uns belos sopapos nele por fazer eu sujar a roupa que ganhei de presente da vovó! Com a ajuda do divino, vimos a luz! A angústia chegava ao fim e já podíamos avistar as árvores, inclusive pareciam muito com o pinheiro e o carvalho lá do gramado e de fato eram eles, nós descemos tanto, mas tanto, que retornamos ao ponto de partida. Acredito que Benji não contava com isso e, todo envergonhado, foi logo se justificando.

— Meninas, perdoem-me! Queria tanto que fôssemos os primeiros que, em vez de seguir o caminho do mapa, quando vi a caverna achei que seria uma boa oportunidade de ganhar tempo e sair na frente das outras equipes. Mas vejam só: os atalhos só causam longos atrasos na vida.

— Bê, você não foi o único a escolher o atalho! Olha quantas crianças saindo da caverna parecendo monstros da lama. – disse Laura, rindo como sempre.

12/11/2020 23:17:58

Apenas uma equipe seguiu o caminho do mapa fielmente e então foram os primeiros a encontrarem o tesouro. No entanto, a chave que tinham não abria o baú. Dessa forma, levaram-no até o gramado e aguardaram as orientações dos instrutores, que primeiramente pediram que um integrante de cada equipe, segurando a sua chave, formasse uma fila para tentar abrir o baú.

Conforme a fila ia diminuindo e a vez de Benjamin ia se aproximando, sentíamos nosso coração pulsar mais rápido. Laura e eu, de mãos dadas, torcíamos pela nossa vitória, mesmo que parcial, já que não encontramos o tesouro. Chegou a vez dele. Ele nos olhou e sorriu, colocou a chave na fechadura e girou com toda confiança, porém nada aconteceu. Virou-se novamente para nós com o semblante murcho, sua luz havia se apagado. Até a Laura, que sempre está sorrindo, entristeceu o seu olhar. Bom, eu precisava animar meus amigos, afinal aprendi que amigos servem para essas coisas.

— Está tudo bem, amigos! Não ganhamos a competição, mas a vitória está nos bons momentos que passamos juntos enquanto procurávamos o tesouro. Até mesmo quando estávamos com medo dentro da caverna, tínhamos uns aos outros e ficamos unidos.

— Você tem razão, Helena! Os amigos são os maiores tesouros! – concordou Benjamin.

— Vocês são dádivas que chegaram para iluminar minha vida! Eu só quero agradecer por sorrirem comigo e não de mim e, principalmente, por me deixarem ser quem eu realmente sou! – Disse Laura emocionada.

Com as belas palavras da minha amiga, percebi que muitas

ultima edit2.indd 288-289

vezes estamos tão preocupados com os nossos próprios conflitos que não percebemos que pessoas ao nosso lado também passam por problemas. Laura certamente deve sofrer por ser incompreendida. O que não sei é o porquê que alguém não aceitaria ela do seu próprio jeitinho, já que suas características marcantes foram o que me cativou desde o princípio.

Não passou muito tempo até que anunciaram a equipe campeã: Joaquim, Mariana e Anthony. Todos vibramos com a conquista dos colegas vencedores e aguardamos ansiosamente pelo tesouro que teria dentro do baú. Quando finalmente o abriram, uma certa decepção tomou conta, dava para notar nos olhares confusos dos alunos que se questionavam sem acreditar que o tesouro não passava de cartas. Ah, se eles soubessem o valor de uma carta!

Patrick disse que aquelas cartas foram escritas pelos nossos familiares, parabenizando por toda dedicação e boas notas durante o ano letivo, bem como demonstrando o amor que sentem por nós. Ali mesmo, contemplando aquelas belezas, cada um pegou a sua carta e leu com muita afeição, compreendendo que a família é o maior tesouro que podemos conquistar.

Entre brincadeiras e petiscos, passamos a tarde nos divertindo, até que fomos surpreendidos mais uma vez por um anúncio do nosso instrutor.

— Crianças, aproveitando o clima mágico desse entardecer glorioso, gostaria de convidá-los a participar da surpreendente surpresa gelada, geladíssima, que iniciará dentro de exatamente uma hora. Nesse tempo vocês devem tomar um banho quentinho e colo-

12/11/2020 23:17:58

car as roupas e botas mais quentes que trouxeram. Nos encontraremos no pavilhão principal, não se atrasem!

Em um surto de euforia, esquecendo-se dos bons modos, todos os alunos correram desorganizadamente em direção às cabanas. Ninguém sabia o que era a tal surpresa gelada, talvez fosse um tipo de sorvete, pensava enquanto aguardava Laura sair do banho.

Encontramos Benjamin perto dos lírios do campo, pensei que o cheiro era das flores, mas depois notei que vinham dele. Seguimos animados, porém apreensivos, para o pavilhão. Assim que os 60 minutos se esgotaram, Patrick abriu uma porta que dava para enorme corredor que parecia não ter fim. Após muito caminhar, chegamos a um elevador de madeira; mesmo sem ver, eu podia sentir que estávamos muito alto e isso me dava calafrios. Aos poucos foram descendo os alunos pelo elevador. Era como se nunca chegasse a minha vez, e a minha curiosidade só aumentava à medida que os alunos chegavam lá embaixo e viam a surpresa gritando de emoção. Eu podia ouvir o entusiasmo.

Finalmente, quando chegou a nossa vez e começamos a descer, o elevador travou. Poxa vida! Que massada! Laura como sempre rindo, mas dessa vez de desespero. Benjamin de olhos tensos e arregalados. Levei as mãos à boca apavoradíssima. Aqueles segundos pareceram uma eternidade, até que um brusco solavanco nos tirou daquela situação. Ufa! Que alívio! Até que enfim chegamos à base e pudemos ver algo que com certeza compensou o susto que passamos: era uma estação de esqui! Nunca tinha visto algo tão grandioso, triunfante e magnífico. Os professores foram distribuin-

ultima edit2.indd 290-291

do os equipamentos. Assim que peguei os meus, olhei para o lado e tinha uma grande fila na escada para subir ao topo da montanha artificial, de lá seria apenas diversão.

Chegando ao topo, senti um frio na barriga. Não dava para se machucar, pois a descida era lisa, mas era muito alto e eu precisava de mais um tempinho.

—Vamos, galera! Uoooou!

Benjamin pulou com toda a sua coragem, enroscando o seu equipamento no meu, que enroscou no da Laura e novamente o efeito dominó cumpriu com seu papel. Descemos rolando e gritando. Ao chegar lá embaixo sem nenhum arranhãozinho, não houve um que não caiu na gargalhada. Todos acabaram se arriscando, até os que estavam com medo. Fui várias vezes. Até a professora Alicja, que é toda delicada, entrou na brincadeira feito uma criança. Não me lembro de ter me divertido tanto antes! Infelizmente essa recreação teve fim, mas o nosso instrutor já vinha com uma nova atração para aquecer aquela noite fria:

— Pessoal, garanto que a última proposta de entretenimento da noite vai ser de arrepiar a cabeleira! Vamos nos reunir ao redor da fogueira e vou contar a vocês algumas lendas de criaturas místicas que supostamente habitam em nossa região.

A grande fogueira foi feita próxima às cabanas e enquanto ouvíamos as histórias, aproveitávamos para saborear marshmallows espetados em gravetos. Algumas lendas davam medo, outras eram até engraçadas, principalmente a que falava sobre um animal amedrontador, com garras fortes e pelos escuros como a noite, que só

12/11/2020 23:17:58

aparecia durante as noites de inverno que nevavam. Benjamin disse que não tinha medo de uma lenda tão boba quanto aquela, mas no mesmo momento algo arranhou sua perna, então ele gritou com uma voz bem fininha e irritante, que eu nunca tinha ouvido e achei a maior graça. Mas não havia sido um animal pegando em sua perna e sim o professor George pregando uma peça no pobre garoto, que ficou todo desconsertado. Esse professor é muito brincalhão mesmo, principalmente com Benjamin, que é o seu aluno preferido! Laura e eu não aguentamos segurar os risos, mas Benjamin ainda estava muito assustado para ver graça nisso.

Com o dia repleto de aventuras, estávamos esgotados, da cabeça aos pés, e precisávamos dormir para repor as energias para o próximo dia, pois certamente seria ainda melhor, já que aconteceria o mais esperado!

Com o término das lendas, tomamos um chocolate quentinho com canela, despedimo-nos de Benjamin, combinando o que faríamos em relação ao nosso plano e fomos para as nossas cabanas. Laura havia provado o seu valor e era digna de nossa confiança. Então logo ela saberia todos os detalhes do que havíamos planejado.

ultima edit2.indd 292-293



23

Festa à fantasia

ultima edit2.indd 294-295

Sentia-me vigiada. O medo percorria meu pequeno corpo e, na intenção de estar mais segura, abracei os travesseiros, encolhi-me e me cobri inteira. Tudo parecia tão assombroso, um quarto escuro, lâmpadas piscando do lado de fora e um ronco aparentemente alto vindo pela minha esquerda. Parecia até um problema sério, como a apneia, que não se trata apenas de um simples ruidinho. Depois de alguns minutos, ouvi alguém a me chamar; percebi pelo tom de voz que não se tratava de uma assombração, muito menos de um sequestrador. Era só o Benjamin que foi escondido até o meu quarto me convidando para olhar a lua enquanto organizávamos o plano de fuga.

Eu desejava chamar a Laura, mas Benji não concordava. Insisti muito e ele cedeu. Saí na pontinha dos pés em direção a sua cama. Laura estava em um sono profundo e notei que não largava sua bonequinha nem para dormir. Cutuquei-a com a ponta do dedo indicador, mas ela não estava nada satisfeita com a minha ação. Colocou o travesseiro em sua cabeça e um pouco depois abriu os olhos lentamente, analisando-me.

— Laura, vamos, você precisa se levantar! - Disse balançando o seu corpo.

— Mas agora? Não vejo nem os raios de sol ainda? - Falou intrigada.

— É uma emergência. Vamos, apresse-se!

Pedi então para que ela saísse de fininho. Ela ficou confusa, desorientada, mas confiou em mim. Subimos em sua cama e pulamos a janela. Ela foi bastante sorrateira e não fez nenhum barulhi-

12/11/2020 23:18:01

nho. Eu fui a segunda, tentei ser tão eficaz quanto a minha amiga.

Fomos até uma árvore distante dos quartos. Benji estava com um grande papel embaixo do braço, esticou-o sob a grama chuviscada, molhando algumas partes de sua borda. Enquanto desdobrava as partes amassadas daquele grande papel, aproveitei para contar a Laura o que faríamos e se ela aceitaria fazer parte disso. Confesso que fiquei um pouco ressabiada antes da resposta dela, porém algo me surpreendeu. Laura conhecia tudo da cidade em que estávamos: era a sua cidade natal, onde viveu sete longos anos. Ela estava tão animada quanto eu e compartilhou um pouco do que sabia para ajudar-nos.

— Certo, Benji, essa é a rota dos sonhos da qual a Helena comentou?

— Sim, isso mesmo!

— Ótimo! Agora, preciso que prestem muita atenção no que vou dizer.

Benjamin e eu sentamo-nos com as pernas cruzadas. Já Laura ficou em pé, parecia até mesmo a professora Alicja explicando algum conteúdo importante. Concentramo-nos já que tudo deveria sair conforme o planejado.

— A marinha, pelo que conheço, fica muito longe de onde estamos. Aconselho vocês a pegarem o trem, que passa na estação cerca de 11 horas e 30 minutos. Mas tomem cuidado! Lá pode ser perigoso se estiverem com muitas malas ou objetos na mão, devido ao fato de muitos larápios andarem por aquela região. O trem deve-

ultima edit2.indd 296-297

rá ser o 063, que levará vocês a uma rua sem fim. Já adianto para terem calma, pois demora mais que o habitual devido à distância e algumas ondulações na linha. Para vocês identificarem se estão no caminho correto, avistarão a Quitanda do Sr. José, um senhor bem magrinho e bondoso que estará sentado próximo à bancada de frutas, acompanhado da sua esposa Celita. Só para constar, as frutas são maravilhosas, Karol e eu amávamos comer algumas ameixas pretas. Depois disso, sigam sem pausas e não liguem para os cachorros da Dona Maria, parecem ser raivosos, mas são bem dóceis. Vocês irão continuar andando por aproximadamente 30 minutos até avistarem uma grande bandeira da Polônia, significando que o destino está próximo.

Laura estalou os dedos das duas mãos, querendo ainda mais a nossa atenção.

— Agora, vem o mais importante: tentem agilizar ao máximo, os professores sentirão falta de vocês; além disso, não conseguirei acobertá-los por muito tempo. Vocês devem cronometrar cada segundo, para que estejam aqui antes do anoitecer. Bom, pessoal isso é tudo! - Exclamou Laura cansada, levando as mãos nos joelhos.

— Realmente! Temos que voltar antes que o pôr do sol termine. O que você fará para nos encobrir nesse tempo, Laura?

— Vocês nunca assistiram a um filme de ação, onde os filhos precisassem enganar seus pais para fugir de casa? Benjamin terá uma forte diarreia e precisará tomar um remedinho e se deitar e não aproveitará a festa. Enrolarei alguns cobertores e, com os tra-

12/11/2020 23:18:01

vesseiros, simularei um corpo por baixo da coberta. Já no caso da Helena, agitada que só, cada instante estará fazendo alguma coisa, ora dançando, ora comendo e ora tomando um ar lá fora.

Estávamos perplexos. Cutuquei Benji observando que sua boca estava entreaberta e seus olhos arregalados. Mesmo sem combinar começamos a bater algumas palmas desaceleradas sem o mínimo de coordenação motora. Ficamos admirados com a inteligência de nossa mais nova amiga; além de esperta, tinha muita facilidade em explicar o que faríamos.

— Nossa, Laura, estou sem palavras! O divino colocou você no nosso caminho com um propósito, já que agora não imagino nosso plano sem o seu toque de inteligência. Benji e eu deixamos de ser uma dupla e com você formamos um incomparável trio. Juntos seremos invencíveis!

No entanto, Benjamin ficou um pouco pensativo, deveria ainda estar raciocinando aquilo que havíamos escutado. Virei para ele, fiz algumas cócegas e disse:

— Ela é demais né, Benji?! Mas não se preocupe não, você ainda é meu melhor amigo.

Laura riu e disse que a nossa amizade não poderia admitir nenhum tipo de ciuminho. Pediu-nos um abraço para selar aquele belo plano. Dentro daquele gesto, sentimos as batidas dos nossos corações que estavam compassados no mesmo ritmo.

Agora com o nosso planejamento, realizado graças às dicas de Laura, fomos dormir com a mente em paz. Aquela noite foi uma

ultima edit2.indd 298-299

das melhores, repousar-me ponderando que meu sonho estava próximo a ser concretizado era inacreditável.

Em uma nova manhã, abri meus olhos e senti um raio de sol cintilante invadindo meu quarto e pairando sobre meu rosto. Levantei da cama vagarosamente, como se tudo estivesse em câmera lenta. Quando finalmente fiquei em pé, coloquei minhas mãos no vidro da janela, empurrei para frente com toda a minha força e consegui abri-las. Nessa manhã, o frio estava impiedoso. Imediatamente, minha primeira reação foi fechá-la, mas, infelizmente, como estava enferrujada, havia emperrado. Precisei fazer muito esforço para conseguir fechar, meus dedos até ficaram vermelhos.

Sentei-me em minha cama aliviada por ter conseguido, com um pouco de fadiga e com o corpo aquecido depois da força feita logo cedo. O euforismo tomou conta de mim enquanto ajeitava todos os detalhes de minha fantasia. Eu estava devidamente pronta em frente ao espelho, só faltava terminar de alinhar os meus fios capilares; queria que ficassem perfeitos e que nenhum fio rebelde desabrochasse do meu coque. Já satisfeita com o meu penteado despojado, elevei minha mão até o vidro de colônia e a borrifei algumas vezes. Vi meu reflexo pela última vez e, atrás de mim, observei Laura sofrendo para fechar sua saia. Estava fantasiada de sereia, a saia era longa e justa na cor verde. Sua blusa era dourada e em sua mão continha um tridente. Seus cabelos estavam soltos, esbanjando o aroma de morango com uma presilha de concha que dava destaque. Resolvi dar uma mãozinha a ela:

— Vamos lá, Laura! Murcha a barriguinha e prende o ar.

12/11/2020 23:18:01

Vou puxar o zíper no três.

— Combinado, amiga. - Afirmou ela.

— Um... Dois... Três... E já!

Felizmente o zíper colaborou, e no fim deu tudo certo. Então, afirmei:

— Você está linda, Laurinha! Só não sei por quanto tempo você vai aguentar ficar com uma roupa tão apertada como essa.

— Bom, Helê, você de marinheira e eu estou de sereia. Será que nos encontraremos em alto mar? - Disse ela em um tom divertido, deixando risadas escaparem de suas cordas vocais.

Sem muita demora, nossa conversa foi cessada por Benjamin, que bateu na porta do nosso quarto e fomos até ela para recebê-lo.

— Uau! Você está espetacular, Benjamin! - Disse com uma voz animada.

— Tenho que dizer o mesmo sobre vocês, senhoritas. - Disse ele com um sorriso torto.

Logo nos ofereceu seus braços como apoio para os nossos. Entrelaçamos e meus lábios se curvaram em um simples sorriso, ao mesmo tempo que nos retirávamos do quarto e desfilávamos pelos corredores. Mesmo sendo um mero corredor, Laura se sentia em uma passarela, já que todos os olhares ficaram voltados para nós.

— Então, está tudo certo, né? - Indaguei virando o rosto.

— Sim, Helena! O esquema será o seguinte: todos vão estar

ultima edit2.indd 300-301

se divertindo, então vou cruzar a porta e fingir que irei ao banheiro e dois ou três minutos depois você faz o mesmo. A Laura fará parte nessa hora, provocando a distração. Irá dispersar a professora Alicja e o professor George com sua roupa, reclamando de uma falsa falta de ar. Ela é ótima com teatro! Enquanto isso, daremos a volta pela porta do fundo e sairemos no jardim, tal qual nos dará a vista do portão que estará aberto para a entrada dos colaboradores da nossa viagem.

— Certo, por mais que pareça arriscado e uma extrema loucura, aceito sua proposta de fuga! – Exclamou Laura com ansiedade. Assim como vocês, eu não nego uma aventura!

— Que maravilha! – Eu disse entusiasmada.

Respiramos fundo observando os nossos passos sincronizados. Quando em nossa frente era possível ver uma enorme entrada que nos proporcionava o salão de festas. Benjamin foi à frente, girou o trinco e abriu a porta.

Fiquei extasiada, tudo estava deslumbrante! Dei um sorriso completamente maravilhado. A decoração era, sem dúvidas, a mais encantadora já vista por mim. Mesas cheias de salgados, doces e bebidas, como sucos, chás gelados e refrigerantes. As toalhas das mesas eram brancas e vermelhas, toda a decoração era inspirada nessas cores, pois são duas das três cores da bandeira de nosso país, a Polônia. O patriotismo era exaltado a todo o momento na festa. Entretanto, o que mais me chamou atenção foi um lustre que estava no centro do salão, parecia ser de cristal com o formato de pequenas gotas muito brilhantes que mudavam de cor conforme a luz. Além

12/11/2020 23:18:01

disso, tinha inúmeras bexigas, uma enorme pinhata, um mural com fotos dos alunos premiados e com o nome de nossa escola, destacado em letrinhas brilhantes.

À minha direita, estava a professora Alicja; ela estava divina! Parecia literalmente uma princesa! Seu vestido era longo, rodado e azul claro, sem contar que o tecido aparentava ser tão aveludado. Pela cor das suas mechas e dos detalhes, diria que ela estava fantasiada de Cinderela. Para ter certeza, só precisava visualizar seus sapatos e... Pimba! Ela fez um movimento brusco andando até o outro lado do corredor e foi nisso que pude notar o seu belo par de saltos, feito de cristais, não exatamente os verdadeiros, mas com toda certeza substituíam.

À minha esquerda, estava o professor George com uma boia na mão, de calça branca e camiseta vermelha. Quando se virou de frente para mim, reparei que havia uma cruz vermelha bordada no tecido de sua roupa com a palavra salva-vidas. Dei um sorriso, pois além dele ser criativo, combinava com a fantasia de marinheiro que Benjamin e eu estávamos a usar.

Meus olhos rodaram em órbita a procura do professor Ivo, porém não obtive sucesso, será que ele não viria? Isso seria bem melhor, uma vez que não atrapalharia o plano. Por mais que fosse encarregado de colocar ordem nos alunos durante a refeição, ele poderia muito bem ficar de olhos completamente atentos em mim e Benjamin.

Nossa primeira parada foi na mesa de doces. Lá havia as mais variadas diversidades de guloseimas, como as tortas de maçãs,

ultima edit2.indd 302-303

cueca virada, sonhos, asas de anjo, kisiel, waffles cobertas com mousse, krówki, rosquinhas e panquecas. Ah! Meu estômago ficava conversando comigo, sempre me pedindo sempre mais uma bobagenzinha.

— A ausência do professor chato me assusta. - Comentou Benjamin, pegando um sonho e mordiscando o mesmo.

— Está assustado? Eu fico mais aliviada, é uma pessoa a menos para nos atrapalhar. Isso é ótimo! - Captei um doce enquanto observava o restante dos alunos. Pedro usava uma fantasia de pirata, Joaquim aparentava ser mágico, Anna, uma bruxa, e Mariana uma fada.

— Ela tem razão, Benjamin. Quanto menos, melhor! - Foram as palavras de Laura.

— Vou ter que concordar então, meninas. Mas, o que acham de uma dança? - Indagou.

— Perfeito! - Dissemos Laura e eu ao mesmo tempo, o que nos arrancou uma gargalhada.

Depois de algumas diversões, decidimos colocar nosso plano em prática. Caminhei até a professora Alicja e fingi estar muito apurada, dava até pulinhos fracos.

— Professora! Professora! Eu preciso muito ir ao banheiro. - Meu tom de voz era desesperado, assim como o meu semblante.

— Pode ir, Helena, mas seja rápida. Daqui a pouco os convidados especiais chegam.

12/11/2020 23:18:01

Concordei com a cabeça e saí correndo. Estava perdida nos pensamentos que tentavam aterrorizar minha mente. Tomara que dê tudo certo! Entrei no banheiro, coloquei o meu chapéu e arrumei meu cabelo, enquanto aguardava a chegada de Benjamin. Sem muita delonga ele apareceu.

— Deu tudo certo? - Perguntei apressadamente olhando em seus olhos.

— Claro que sim! Laura levantou de sua cadeira e foi até o meio do salão, chamou todos os professores e adultos do local para uma apresentação teatral. Todos os olhares estavam voltados a ela, já que foi a primeira a começar a encenação. Quando de repente, fingiu que sua saia justa lhe causara um certo desconforto, deixando-a nervosa e com falta de ar.

Com isso, a professora Alana foi atrás de outra veste para ela e o professor George ficou vidrado nela com um copo d'água tentando acalmá-la. Ele suava de nervoso, passou até o antebraço na testa.

— A hora é agora, Helena. Vamos! - Disse Benjamin, às pressas, me puxando para a porta dos fundos.

Quando finalmente pudemos pisar na grama fofa e macia do jardim, caminhamos até o portão que estava com um cadeado enorme.

— Que massada! - Murmurei rolando meus olhos enfadonhamente.

— Acalme-se, tem que haver outro jeito. - Benjamin falou,

ultima edit2.indd 304-305

traçando uma linha entre as suas sobrancelhas.

— Eu não consigo pensar em nada! - Eu estava literalmente sem paciência, não poderia ir tudo água abaixo.

Quando menos esperava, comecei a ouvir alguns passos, olhei para trás e visualizei a professora Alicja completamente distraída. Em sua mão livre, continha uma chave que ela rodava em seu dedo indicador. Não pensei em outra coisa, a não ser empurrar Benjamin para trás de um arbusto, onde nos escondemos.

Olhei pelas folhagens e a professora estava cantarolando e abrindo o portão, o que quase me fez comemorar de alegria. No entanto, ela permaneceu parada após abrir, como se estivesse esperando alguém e, de fato, estava. Em questão de segundos, a voz do professor Ivo adentrou os meus tímpanos, o que me fez arregalar os olhos.

— Hey, os convidados já chegaram? - Questionou ele.

— Bom, pelo que podemos notar, estou sozinha por aqui. - Essa foi a irônica a resposta dela.

Ele deu as costas enfurecido e caminhou rápido para dentro do salão ecoando o barulho de seu sapato. E em questão de minutos, os convidados começaram a chegar e então tivemos uma oportunidade.

— É agora ou nunca! - Exprimiu Benjamin.

Eu reprimia os meus lábios de maneira reta. Apenas concordei com a cabeça, sem desviar o olhar dos homens de terno e mulheres de vestidos. Aproveitamos para sair abaixados pela pequena

12/11/2020 23:18:01

brecha do portão. Andamos engatinhando até o muro do local desaparecer, e assim que paramos em frente a uma casa, nos levantamos às pressas e começamos a correr em disparada até a estação de trem.

Ah, o desejo mais íntimo de meu coração estava prestes a se tornar realidade!

ultima edit2.indd 306-307



24

Aventura inesquecível

ultima edit2.indd 308-309

Esgueiramo-nos por pequenas vielas, o caminho até a estação de trem parecia ser mais longe do que mostrava na rota dos sonhos e, para piorar a situação, meu estômago já estava dando o ar da graça, e isso porque ainda estávamos na metade do percurso.

Enquanto caminhávamos, observava todas aquelas paisagens ao meu redor. O cheiro das papoulas adentrou minhas narinas, fazendo-me rodopiar entre os campos verdes em que passávamos. Minhas mãos tocavam as flores úmidas devido à garoa fina que caía sobre nós.

Eu mal podia acreditar que estava tão próxima do que, há tempos, havia planejado, sonhado, esperado, ficado noites sem dormir. Perdi-me de tal forma nas suposições de como seria meu pai e no nosso reencontro que, sem querer, acabei tropeçando em uma gigante pedra que estava totalmente camuflada pela neve que caía incessantemente devido à baixa temperatura que cobria quase todo o território polonês. Bati as mãos nos joelhos, retirando o gelo que o cobrira, quando Benji deu a mim uma notícia maravilhosa:

— Helena! Consegue ouvir o barulho dos trens? Devemos estar próximos.

Peguei minha mochila, que estava sob o chão, demo-nos as mãos e corremos incansavelmente em direção ao som das buzinas vindas da estação.

Paralisamos ao vermos as ruas lotadas de tanques de guerra e guardas que olhavam atentamente para todo lado. Lembrei-me, neste momento, do que Laura dissera sobre as crianças não poderem andar sozinhas devido ao grande índice de violência que as-

12/11/2020 23:18:03

sombrava a todos. Além disso, havia uma lenda de que, devido à cidade abrigar muitas feiras livres, algumas crianças desapareciam naquele local e depois apareciam misteriosamente em pontos estratégicos com certa parte de sua memória apagada.

Por instantes, sentimo-nos amedrontados, mas então, graças ao poder do divino, avistamos um belo casal indo em direção à estação, entreolhamo-nos, seguindo a mesma linha de raciocínio e seguimos os passos deles, fingindo que éramos seus filhos. Porém, como estávamos há alguns metros deles, um dos inúmeros guardas nos avistaram e, bem na hora que ele iria soprar o seu apito, tive uma grande ideia: corri até a moça e dei-lhe um abraço bem apertado, olhando para o seu rosto, o que fez com que os oficiais acreditassem que, realmente, éramos seus filhos.

— O que aconteceu menina? Quem é você? – Indagou a moça.

— Desculpe-me, senhorita, é que lembras muito minha Tia Tarsila, então pensei que fosse ela, andando por esses lados da cidade. – falei, piscando para Benjamin.

— Entendi, garotinha. Tudo bem, então! Mas tome cuidado da próxima vez. Nem todas as pessoas daqui são afetuosas e simpáticas.

Benjamin me elogiou pelo que havia feito minutinhos antes. Falou até que eu poderia pensar nisso como uma profissão. Não a de enganar as pessoas, claro, mas a de me tornar uma famosa atriz de TV.

ultima edit2.indd 310-311

Quando nos demos conta, já estávamos na estação de trem e fomos até o balcão de informações na tentativa de saber que horas eram àquele momento e que horas partiria o trem 063. No entanto, a atendente, um tanto amarga, com um gigante chiclete em sua boca, com um tom elevado, encostou-se sobre a bancada e esbravejou:

— Por um acaso sou um relógio? Perguntem para outra pessoa porque a minha função aqui não é essa!

Benji e eu, sem reações, pensamos que talvez aquela moça não estivesse em um bom dia ou ainda que ela fosse assim mesmo: mal-educada. Sendo assim, sentamo-nos próximo aos trilhos e decidimos perguntar para um rapaz, que estava andando de um lado para o outro sem parar. Levantei-me e fui andando em sua direção, dizendo:

— Ei, moço, poderia me dizer que horas são?

— Olá garotinha, que peninha, tão sozinha nessa estação de trem....É muito perigoso, você não acha?

— Claro que não, estou acompanhada de meu amigo Benjamin, que é tão forte e valente como eu.

— E o que ele carrega nessa mochila, posso saber?

— Desculpe-me, senhor, mas asseguro que não é de seu interesse!

Neste momento prensei meus lábios e suspeitei que aquele rapaz com um semblante tão bondoso seria capaz de nos roubar. Preparei toda a minha velocidade para correr mais que depressa, quando então um dos guardas o agarrou, dizendo que há muito tem-

12/11/2020 23:18:03

po estava procurando por ele.

— Crianças, vão para dentro e fiquem com os seus pais. – disse o guarda, algemando o rapaz.

Que massada! Benjamin e eu quase fomos roubados. O trem precisava vir logo, aliás.

— Helena... Se a minha visão não está tão falha, vejo que aquele é o trem 063- disse Benji forçando os olhos.

Concordei com a cabeça, aliviada por aquele momento de tensão ter se findado. Eu estava perplexa e, por alguns minutos, refleti se eu deveria mesmo ter feito tudo aquilo em busca de meu pai, arriscando a minha própria vida e a de Benjamin. De repente, minhas suposições foram interrompidas por meu amigo chacoalhando-me, dizendo que ele estava certo: era o trem que Laura comentou e, para nossa sorte, o mesmo casal que nos salvara havia pouco, também embarcou.

Subimos e entregamos a nossa passagem para um senhor que deveria ser o maquinista. Ele era muito gentil e educado e cada pessoa que passava ele repetia a mesma frase "Bem-vindo e boa viagem". Além disso, aparentava ter a mesma idade de Vovô Wicenty e, para falar a verdade, até que se parecia com ele, seus óculos seguiam o mesmo formato e o cabelo, pelo pouco que vi, era quase na mesma cor, o que diferenciava era o estilo de suas vestes. Usava um blazer preto, uma calça jeans rasgada e um chapéu de cowboy, bem estranho por sinal.

— A passagem, garotinho.

ultima edit2.indd 312-313

— A nossa mãe acabou de entregar para o senhor. – Disse Benjamin, dando um leve chute em minhas pernas.

— Desculpe-me, é que já estou velho e caduco, preciso logo de minha aposentadoria. Podem entrar, crianças! – Disse o senhor, rindo.

Ficamos alguns minutos rindo do que acontecera. Pobre senhor, tão cansado, com esta idade e ainda trabalhando? A vida é mesma injusta, mas, parece-me que ele a leva tranquilamente, como deve ser feito.

Sentamo-nos no segundo banco do terceiro vagão. Benjamin estava cansadíssimo, então logo cochilou. Assim, sozinha, ouvindo o apito do trem e observando aquelas maravilhosas paisagens que meus olhos podiam vislumbrar, peguei-me, novamente, pensando sobre qual a reação de meu pai ao me ver: Será que ele ficará feliz? Triste? Pensativo? O que pensará? Será que me reconhecerá? Lembrará de sua amada e doce Helena? Chorará? São muitas opções, mas a única certeza que tenho é que ele me reconhecerá como uma filha valente e encorajada, que não mediu esforços para encontrá-lo. Minhas mãos suavam e eu não podia decifrar o sentimento que estava dentro de mim, ora feliz, ora pensativa, ora emotiva.

Ah, se vovô Wicenty estivesse vivo, com certeza ficaria orgulhoso da sua netinha em busca de seus sonhos. Rodeada de inquietações, coloquei a mão em meu bolso e senti que algo havia nele: um montinho de dinheiro, bem amassadinho contendo mais ou menos 17 zł, que provavelmente vovô colocou pensando em cada passo que eu daria. Agarrei o broche, deixado por vovô, que estava

12/11/2020 23:18:03

no meu outro bolso, com muita força, trazendo-o próximo ao meu coração e então coloquei-o do lado esquerdo do peito, representando o amor e a bravura que existia dentro de mim.

— Atenção, passageiros! Primeira parada: Quitanda do Sr. José. Obrigado, viajantes e até a próxima! – Disse o maquinista.

Comecei a chamar Benji, que dormia feito anjo. Como ele nem se mexia, tive que pensar em um plano B. Peguei-o pelo braço na tentativa de acordá-lo e arrastei-o. Nesse instante, sua cabeça bateu em meu banco e então, espreguiçando-se, disse:

— Para, Helena, só mais uns minutinhos, por favor!

— Nós já chegamos, Benjamin! Temos que descer!

Benjamin saiu em disparada, limpando sua face úmida. Agradecemos o maquinista, que se despediu com um aceno. Todas as faces voltaram-se para nós devido ao meu jeito espalhafatoso ao acordá-lo.

Logo que saímos do trem, com meu amigo ainda desnorteado, seguimos em frente até avistarmos a famosa quitanda do Sr. José. Lá estava ele, rodeado das mais deliciosas frutas, com uma mulher ao seu lado. Devia ser Celita, sua esposa, a qual Laura comentou enquanto estávamos conversando sobre o plano infalível. Passamos em frente e o cheiro das amoras me atraiu. Então, decidi comprar algumas.

— Olá, Sr. José! Boa tarde, Dona Celita! Poderia nos dar 350 gramas das amoras fresquinhas? Elas parecem estar deliciosas!

— É claro, menininha. Aliás como sabe nosso nome? – In-

ultima edit2.indd 314-315

dagou, Sr. José.

Benjamin, com uma cara de sabe tudo, respondeu objetivamente:

— Bom senhor, com todo respeito, é o que a placa diz.

— Oh, claro, como eu poderia esquecer? Mas, voltando ao assunto, pegarei as amoras mais frescas da face da terra para vocês, garotinhos. Volto em segundos.

Sr. José as escolheu cuidadosamente, observando cada detalhe daquela fruta roxinha. Benji estava salivando, passando os lábios em sua própria boca. Mal pôde esperar Dona Celita terminar de pesá-las que lá estava ele devorando-as, como se não houvesse amanhã.

— 5 Zloty, querida!

— É para já!

Dei a ele um pouco daquele dinheiro amassadinho e falei para ficar com o troco. Se mamãe soubesse disso me esganaria, mas, não sei por qual motivo, sempre tive vontade de fazer isso. Despedimo-nos agradecendo e Celita nos elogiou pela escolha das nossas roupas. Até falou que estávamos deslumbrantes.

Finalmente, chegamos ao nosso tão estimado destino. Em meu íntimo, sentia-me jubilante pelo fato de que nenhum empecilho seria capaz de cessar a nossa determinação.

Nossos olhos estavam contemplando as peculiaridades daquele porto marítimo, onde os navios eram preparados incansavel-

12/11/2020 23:18:03

mente para atracar. Benjamin estava atento aos sons estalantes das amarrações do cais, que eram altos e aconteciam como resultado do vai e vem dos barcos que transportavam os tripulantes autorizados a circular na Academia da Marinha. Será que a rota dos sonhos incluía atravessar o mar para chegar até lá? Será que Benjamin havia pensado em tudo mesmo?

— Ei, Benji! E agora, o que faremos?

— Calma, Heleninha! Esse plano tem o toque de um espião e não é à toa que vestimos fantasias de marinheiros. Seu avô me ajudou a esquematizar tudinho.

Nessa hora, meus olhos lacrimejaram ao lembrar mais uma vez da imagem do vovô Wicenty, que mesmo sem a sua presença física estava nos ajudando nas entrelinhas do nosso plano. Benjamin continuou:

— Subiremos as escadas para entrar no navio que nos levará até lá. A ideia é que consigamos entrar como marinheiros de verdade. Na hora que o corneteiro der o toque de atenção, vamos nos incorporar no meio dos fuzileiros navais que estarão em ordem de tamanho. Por isso, passaremos despercebidos, já que é do maior para o menor, ou seja, ficaremos por último.

TÃRÃTÃTÃTÃTÃ! Foi o som emitido pela corneta, indicando que era a hora. Enquanto os homens iam entrando, posicionando-se milimetricamente enfileirados, começaram a marchar numa sincronia jamais vista anteriormente. Preparamo-nos com muita atenção, aguardando o momento exato para ingressar à tropa.

ultima edit2.indd 316-317

"[...] Marche, marche, Dabrowski

Da Itália para a Polônia

Sob sua liderança

Nós uniremos a nação [...]"

Ao som do Hino Nacional da Polônia, acompanhamos o pelotão que cantava e marchava bravamente. Como já era de se imaginar, Benjamin, com toda sua coordenação, parecia já pertencer há anos àquele grupo, absurdo era o sincronismo de seus movimentos compassados. Por outro lado, eu parecia mais uma dançarina de Krakowiak do que um marujo, já que eu aparentava ter duas pernas esquerdas ao marchar.

Devido ao meu descompasso, fui notada rapidamente por um sargento que vistoriava a formatura. Ao me ver, puxou-me pelo braço e perguntou:

— Marinheiro, identifique-se imediatamente!

Entrei em estado de choque, minha voz ficou presa em minha garganta. Pois nesse instante eu seria desmascarada, se não fosse por Benjamin...

— Este é o marinheiro Stanislavos, senhor! Ele é mudo, perdeu sua voz, após um terrível acidente em uma batalha quando pertencia a outra academia. Fomos transferidos recentemente.

Por essa eu não esperava, essa armada não fazia parte do plano. Meu amigo se superou! Por dentro, eu gargalhava, mas mantive meu rosto sério e a boca calada, honrando o papel que estava

12/11/2020 23:18:03

a ocupar. O sargento me olhava curioso, demonstrando compaixão pela triste história inventada. Seguiu olhando para Benjamin, continuando o interrogatório:

— E você jovem? Já percebi que consegue falar, pois mesmo sem pedir permissão, mostrou sua aptidão vocálica, portanto apresente-se para mim!

— Sim, senhor! Permissão senhor, digo, às ordens senhor! Sou o marinheiro Bem, Bendito. Formei-me na academia dos países latinos, passando pelos países eslavos, onde conheci Stanislavos e juntos viemos até aqui.

— Bendito, Bendito, vocês estão fritos! Já vou logo desejando boa sorte, porque aqui os problemas são infinitos. Ou entram na linha ou ficarão sem os cambitos. – Disse o sargento, cantarolando como se fosse uma marchinha.

Aquela conversa parecia não ter fim, e eu não aguentava mais ficar ali, fingindo brincar de estátua, pois isso não fazia parte do meu perfil. Ainda mais depois da brincadeirinha carregada de sarcasmo feita pelo sargento. Era quase improvável manter o semblante carrancudo como todos os demais que ali estavam.

Seguimos em marcha para dentro do navio, que em pouco tempo encostou na costa, em uma pequena ilha pertencente à Marinha. Quando nossos pés tocaram aquela terra, Benjamin e eu ficamos boquiabertos com um lugar tão peculiar. Ficamos girando e girando e ao mesmo tempo admirando aquela área extensa. Aqui foi o abrigo de meu pai por tantos anos. Quantas noites de frio e sono ele deve ter passado? Acredito que também exista tamanha

ultima edit2.indd 318-319

infelicidade por estar tão distante de tudo e todos. Agora fico me perguntando: será que eu devo mesmo revirar o meu passado? Não sei exatamente o que irei sentir ao vê-lo, só tenho a certeza de que quero me encontrar dentro do calor de seu abraço, para que assim, pela primeira vez, eu me sinta uma princesa protegida pelo seu rei.

Subitamente, Benjamin chamou minha atenção quanto ao tempo que ainda nos restava, tínhamos que ser breves, visto que o sol logo desapareceria e do nada me deu um beliscão e disse para ficar atenta que alguém estava vindo falar com a gente.

— STANISLAVOS E BENDITO, ATENÇÃO!

— Sim, senhor!

— Hoje vocês estão escalados para a sessão da faxina. Peguem os materiais necessários e deem início logo. Depois checarei o serviço de vocês.

Acenando com a cabeça, concordamos e pedimos licença. Nem sabíamos ao certo o caminho para aquele almoxarifado. Fomos guiados pelos nossos próprios instintos. Passamos pelo corredor do refeitório, que exalava um cheiro delicioso e deduzimos que estávamos próximos da sala com os materiais de limpeza e, dessa vez, nossa intuição estava certa, avistamos uma placa na qual estava escrito “Sala de Limpeza”.

Esfregões, rodos, vassouras e sacos de lixo faziam parte do nosso kit, ou melhor, do nosso disfarce. Começamos a limpar uma sala, mas era tanta sujeira que parecia não ter fim. Em meio a tanto pó, lembrei-me de vovó Aurora, que todos os dias pegava um pa-

12/11/2020 23:18:03

ninho úmido com lustra móveis, deixando tudo cheiroso e limpíssimo, dava até para ver o reflexo nos móveis. Olhei para Benjamin e o coitado estava exaurido. Começamos a fazer tudo de qualquer jeito, só para enganar a quem viesse vistoriar. Fomos até a sala dois e ficamos impressionados com o tanto de itens lá dentro. Peguei uma roupa de mergulho, coloquei os óculos e gritei:

— BEEEEEENJI!

— Dá para falar mais baixo, Helena? Esqueceu que você é muda? E aqui eu sou o Bendito, o tal do marinheiro bonito!

— Hahahaha, está engraçadinho hoje, né?!

— Ué, Helê. Lembra-se da aula de teatro em que o professor disse que devemos incorporar o personagem? Se estamos na chuva é para se molhar mesmo.

— Claro que me lembro e concordo com você! Agora, prepare-se para visualizar uma nova versão da Helena. Fecha os olhos e conte até três.

— Ok, contarei com meu sotaque polonês: jeden... Dwa... Trzy.

— TCHÃRÃ! Stanislavos, a mergulhadora!

Gargalhamos em coro. Estamos encrencados se alguém sentir nossa falta, mas pelo menos, estamos nos divertindo.

— Ai, ai, só você mesmo, Helena. Parece um peixinho fora d'água.

Fomos interrompidos por um grave brado. Olhamos espanta-

ultima edit2.indd 320-321

dos pela enorme janela e todos os marinheiros estavam entrando em forma para receber algumas orientações. A voz do tenente era tão alta, mais tão alta, que conseguíamos escutar tudo perfeitamente sem nenhum ruído.

Ao ver aqueles homens, meu coração se carregou de esperança. Minha mente trazia à tona a recordação física de meu pai que pude visualizar naquela envelhecida foto. Enquanto isso, eu contemplava cada rosto que estava naquelas fileiras, quando, mesmo de longe, consegui avistar em uma das faces a excêntrica manchinha igual a minha.

Meu coração congelou, quase parou. Será que finalmente havia encontrado a pessoa que possui o mesmo sangue que corre em minhas veias? Minhas ideias estavam emboladas em um único nó, não conseguia pensar direito.

— Ben, veja aquele homem robusto logo ali, o 8º da fila esquerda. Consegue notar alguma semelhança comigo?

— Com certeza, Helê, essa manchinha que possui marca a singularidade entre vocês dois.

Benjamin conversava comigo no intuito de acalmar-me e dar-me forças para continuar, quando de repente voltei meu olhar para a janela e o homem estava a nos olhar.

A princípio, o semblante daquele homem era ríspido, como se estivesse incomodado com a nossa presença. Certamente, deveria ter descoberto que não éramos marinheiros coisa nenhuma e viria até nós para acabar com a nossa farsa.

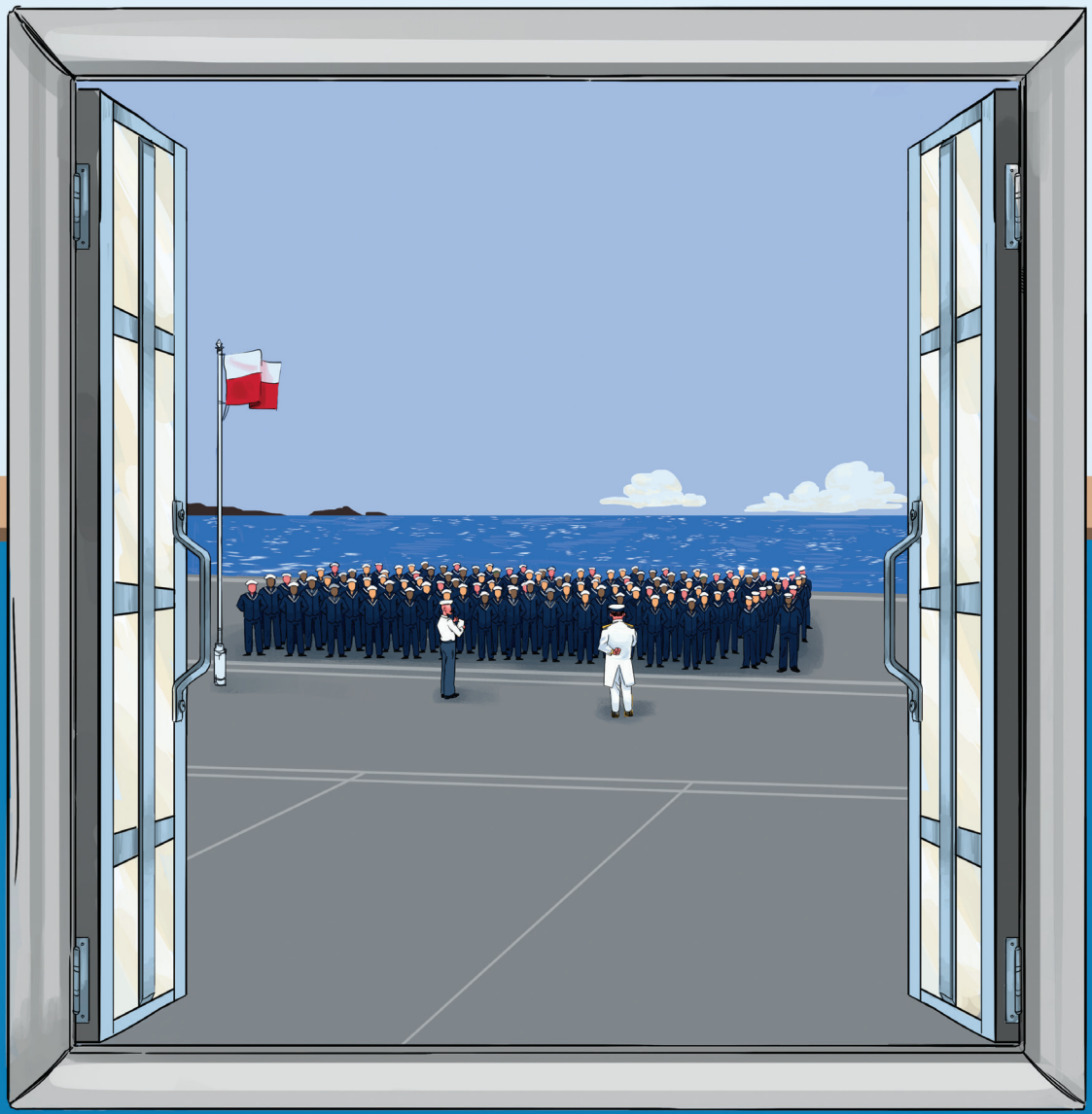
12/11/2020 23:18:03

A cada passo que ele dava em nossa direção, meu estômago revirava, a respiração ofegava e acelerava, os olhos pareciam um mar de lágrimas e a boca seca e amarga faziam-me morder os lábios, sem contar as minhas mãos frias e suadas, que tremiam tanto quanto um terremoto. Certamente, eu não estava controlando as minhas emoções, por mais que isso fosse indispensável naquele momento para não sermos desmascarados.

Benjamin preferiu sair dali, deixando-me sozinha. Meu ser era muito pequeno para suportar tamanha explosão de sensações, então, antes que minha alma pudesse se esvair completamente, o homem abriu a porta, instaurando um silêncio ensurdecedor no ambiente. Encarou-me fixamente no mais profundo dos meus olhos, então com o ímpeto que restava em mim, antes que meu corpo desmoronasse ao chão, indaguei-o:

— Bartolomeu?

ultima edit2.indd 322-323



Responsáveis pelas ilustrações do livro

Werik Tharlisson Pacheco Wiezel **8ºA**

Lorenzza Garcia do Amaral **9ºC**

Colorização das ilustrações

Heloá Assis Bueno **6ºC**

Julia Fernanda da Silva **8ºB**

Giovana Duarte do Amaral Félix **6ºB**

Eduardo Francisco da Silva **7ºC**

Stefany da Silva Ferreira **9ºB**

Rafael Kenzo Irie **6°C**

ultima edit2.indd 324-325

Participação dos alunos - Projeto Crescer I

Aline Maria da Paixão **6° C**

Ana Beatriz Lopes **7° C**

Ana Catarina Rodrigues Roberto **8° D**

Ana Júlia Rubim Baptistella **6° C**

Ana Luísa da Cunha da Silva **6° A**

Ana Luisa Gabriel Nobile **5° A**

Ana Sophia Noveli Da Cunha **5° A**

Angeles Bortoluzzi **5° A**

Arthur Fanelli de Oliveira **7° C**

Beatriz Rangel Moura dos Santos **8° A**

Caritas Maria Furtado dos Santos **9° C**

Danielly Horacio Bisterço dos Santos **7° D**

Derick Gustavo Rubim **8° B**

Ediana Lopes Garcia **7° C**

Emanuel Henrique Tizzo dos Santos **8° B**

Emili Nobre Borsatto **5° B**

Evandro Eduardo dos Anjos **6° A**

Evellyn Rafaela Rodrigues **9° C**

12/11/2020 23:18:06

Gabriella Eduarda Pereira Coelho **7° B**

Gabrielle da Silva Nogueira **5° B**

Gabriely Jedneralski da Silva **7° A**

Gabriély Souza Vieira **8° D**

Giovana Duarte do Amaral Felix **6° B**

Giovanna Kauane Teixeira da Silva **6° A**

Giovanna Marques de Oliveira **9° B**

Gisely Souza Vieira **6° B**

Greyce Kettelhin de Souza **8° D**

Gustavo de Oliveira Busiquia **6° A**

Heloísa Gomes de Luz do Nascimento **6° D**

Isabelly Cassini de Paula **7° C**

Joana Isabelle Lima de Oliveira **7° A**

João Guilherme de Oliveira **7° A**

José Romeu Pereira Neto **7° D**

Julie Victória Andrade Litran **5° C**

Leticia Hermam Bignardi **8° B**

Luiz Gustavo Dantas **8° C**

Maria Clara de Melo Trajano **7° A**

Maria Clara Morales de Oliveira **6° B**

Maria Eduarda Cavalaro **6° A**

ultima edit2.indd 326-327

Maria Eduarda de Oliveira Caldeira **7° D**

Maria Fernanda dos Santos de Faria **7° B**

Mariana Sugihara Marino **8° A**

Matheus Henrique da Costa **5° B**

Nicole Sanches de Paula de Souza **8° A**

Nicollas Pietro Coelho **5° C**

Otavio Francisco Izidoro Costa **7° B**

Pedro Araújo dos Santos **7° A**

Pedro Henrique da Silva **5º B**

Pietro Paes Ferreira **5° A**

Rafael Kenzo Irie **6° C**

Stefany da Silva Ferreira **9° B**

Stephany Duque dos Santos **9° B**

Suelen Aparecida Gonçalves Lima **8° B**

Thalia Ariadna Pelegrino Teodoro **9° C**

Victor Henrique Bussola Monteiro **6° B**

Vinicius Evangelista da Silva **6° D**

12/11/2020 23:18:06

Participação dos alunos - Projeto Crescer II

Ana Beatriz da Silva Nonato **7° B**

Ana Beatriz de Paiva Lopes **8° A**

Ana Carolina Gonçalves de Souza **8° C**

Ana Carolina Teixeira Vieira **9° B**

Ana Clara Marcondeli Germano **8° B**

Ana Heloisa da Silva Nonato **7° B**

Arthur Miguel da Silva Carvalho **9° C**

Ashlee Gluck Thomaz Ramos **7 ° A**

Brenda Santana da Silva **9° C**

Eduardo Francisco da Silva **7° C**

Eloisa Mariana Granatyr **8° C**

Emanuelle Victória Fiths da Silva **8° C**

Enzo Pedroso Rabito Coltre **6° C**

Felipe Ricardo Vieira do Prado **8° C**

Gabriel Euzebio dos Santos de Oliveira **9° B**

Gabriel Fernando Barbosa **6° B**

Gabrielle Rodrigues da Silva **8° B**

Geovana Cintra Ribeiro **8° C**

ultima edit2.indd 328-329

Giovana Gasparino Cestari **7° B**

Heloísa Francisco de Oliveira **8° A**

Heloísa Miranda dos Santos **9° A**

João Pedro Bottan **8° B**

Julia Harumi Hirata Kague **7° C**

Julia Manuela Dias de Freitas **7° B**

Juliana Michele Waldrich **9° A**

Karolayne Chaves dos Santos Maia **6° A**

Kawana Cabral Novo **9° B**

Lais Brambila da Luz **8° B**

Maria Clara de Azevedo **7° B**

Maria Clara Delfino Melo **6° B**

Maria Eduarda Pereira França **7° C**

Maria Fernanda de Oliveira Melo **8° A**

Maria Heloisa Ramos Vetor **6° A**

Mariana Vieira Camilo da Silva **9° C**

Mariane da Silva Teixeira **9° C**

Mariane Dias do Carmo **7° A**

Marya Eduarda Egidio Chagas **9° A**

Maryana Greppi de Almeida **6° C**

Mel Menghini Magalhães **6° B**

12/11/2020 23:18:06

Nicole Vitória Pereira **7° A**

Paulo Henrique Jorge Coelho **7° C**

Rafaela Trettene da Silva **6° C**

Sabrina Pereira da Luz **6° A**

Sophia Lenharo Costa **7° C**

Stefany Larissa Cavalcante de Paula **9° B**

Victor Hugo Fiths da Silva **8° C**

Vitor Hugo dos Santos Barros **7° A**

Willian Francisco Marusco **9° A**

Yan Gabriel Sampaio **7º A**

ultima edit2.indd 330-331

Patrocinadores

12/11/2020 23:18:06

PATROCINADORES LEI DE INCENTIVO À CULTURA 2010 A 2021































































Genious
Pneus

ultima edit2.indd 332-333























































































12/11/2020 23:18:07

ultima edit2.indd 334-335

PATROCINADORES LEI DE INCENTIVO À CULTURA - 2020



















































































12/11/2020 23:18:07

ultima edit2.indd 336-337

DOADORES MENSAIS 2020 - VALORES

DOADORES MENSAIS 2020 - PRODUTOS E SERVIÇOS

DOADORES PONTUAIS - PRODUTOS E VALORES

12/11/2020 23:18:08

CASA DO BOM MENINO DE ARAPONGAS

PROJETO CRESCER
CASA DO BOM MENINO DE ARAPONGAS

CNPJ: 77.355.675/0001-88
RUA PATO BRAVO, 197 - JARDIM CULTURA
ARAPONGAS - PR - CEP: 86.706-670
FONE: (43) 3056-8777

LEI 8.313/1997. LEI FEDERAL DE INCENTIVO À CULTURA

www.projetocrescerarapongas.org.br
casabommenino@hotmail.com
facebook.com/casadobommeninodearapongas
instagram.com/projetocrescerarapongas
youtube.com/c/ProjetoCrescerArapongas

ultima edit2.indd 338-339